

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23324

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUINTA-FEIRA 13 SETEMBRO 90 70\$00

*Por causa da comida
para os reféns do Iraque*

Embargo em perigo

EDITORIAL

A paradoxal fragilidade do gendarme do mundo

O vastíssimo consenso - vasto não é sinónimo de absoluto - gerado pela condenação do comportamento aventureiro de Saddam Hussein, aliado à nova era de cooperação aberta pelo fim da «guerra fria», tem feito reviver a esperança de uma nova ordem mundial, susceptível de assegurar a paz, através do respeito do direito internacional.

Os velhos sonhos idealistas e moralizantes da «segurança colectiva» - postos em causa pela ineficácia da Sociedade das Nações e da ONU - voltaram a ganhar corpo, ao menos enquanto tema de debate, com a crise do Golfo.

A atenuação da bipolaridade, articulada em torno das duas superpotências, permitiu que, pela primeira vez, pudessem emanar do Conselho de Segurança da ONU medidas concretas para a resolução de uma crise localizada.

Quererá isto dizer que a hipótese da «segurança colectiva», tantas vezes acusada de utópica, poderá transformar-se, não só na mola propulsora da resolução da crise do Golfo, mas também num modelo credível para a resolução de futuros conflitos ditos «regionais»?

A resposta não pode deixar de ser negativa, desde logo porque o sistema idealista da «segurança colectiva» não se adequa à dissuasão nuclear ou, mesmo, à lógica de escalada que poderia, teoricamente, estabelecer-se entre armas químicas e nucleares.

Mário Mesquita

Continua na pág. 4

O Conselho de Segurança da ONU reúne-se hoje para tentar ultrapassar o desacordo criado entre os seus membros sobre a forma como podem ser fornecidos alimentos e medicamentos aos estrangeiros retidos no Iraque, sem desrespeitar o embargo comercial decretado pela mesma instância da organização. Os iraquianos afirmam que não autorizam que a distribuição dos alimentos seja coordenada por agências humanitárias não governamentais, o que consideram «humilhante e desmoralizante» para a sua população. Entretanto, mais quatro portugueses que estavam no Iraque regressaram a casa.

Pág. 4

Mário Soares no Porto: Hegemonia americana contém riscos

Pág. 5

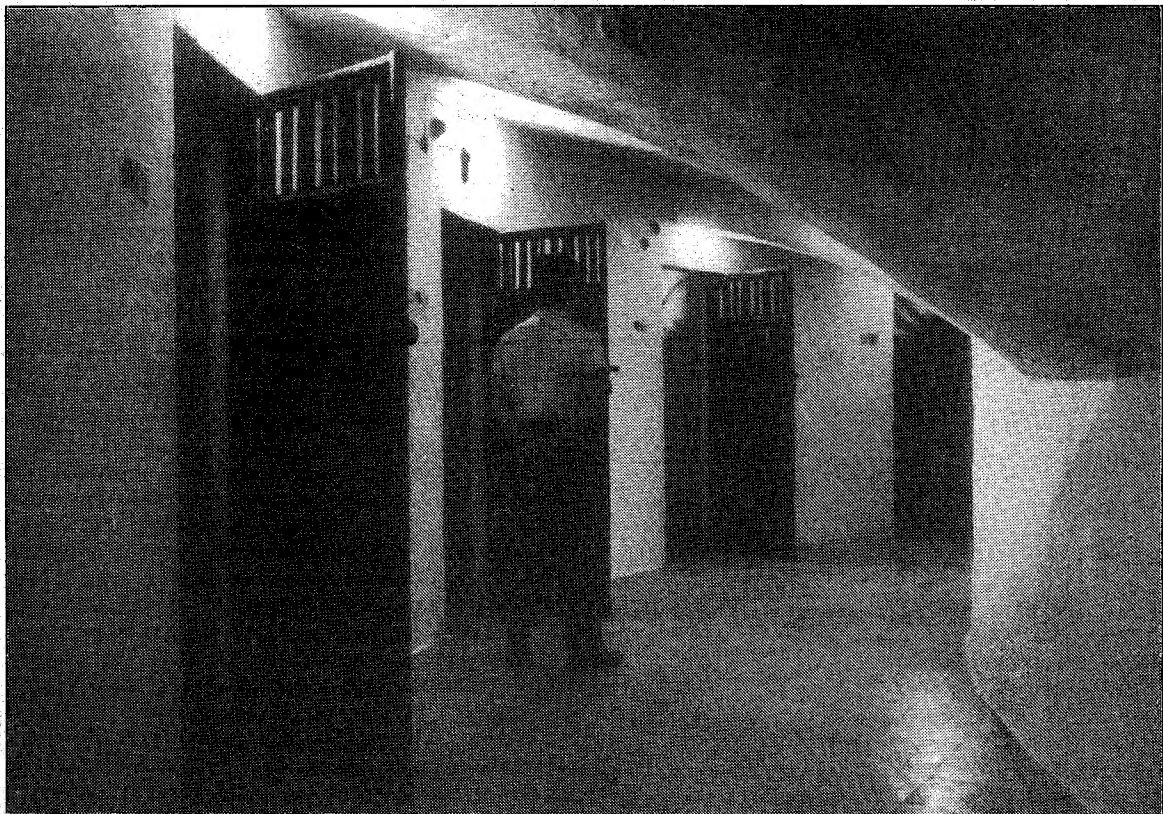
CEE defende-se da unificação da Alemanha

As importações que poderão «vir do frio» estão a preocupar a CEE, mais talvez do que a preocupação sentida por aqueles que enfrentaram, em ficção, os perigos do «Espião que veio do Frio». Com a unificação alemã, que a 3 de Outubro se tornará uma realidade, a que será então a ex-República Democrática Alemã entrará mais ou menos na CEE, via ex-República Federal da Alemanha. Isto significará que as importações provenientes doutros países do Leste, habitualmente feitas pela RDA, terão a possibilidade de acabar nos hiper-mercados do Ocidente. A CEE vai, nos próximos três meses, pensar cuidadosamente no assunto. Os «Homens de Bruxelas» já criaram uma comissão de peritos para ponderar a ameaça e preparar a defesa. Pior do que os espões que dantes vinham do «frio» poderão ser, agora, os preços mais baixos que de lá vierem.

Pág. 9

Cacém: taxistas em polvorosa

Pág. 12



Rui Pacheco

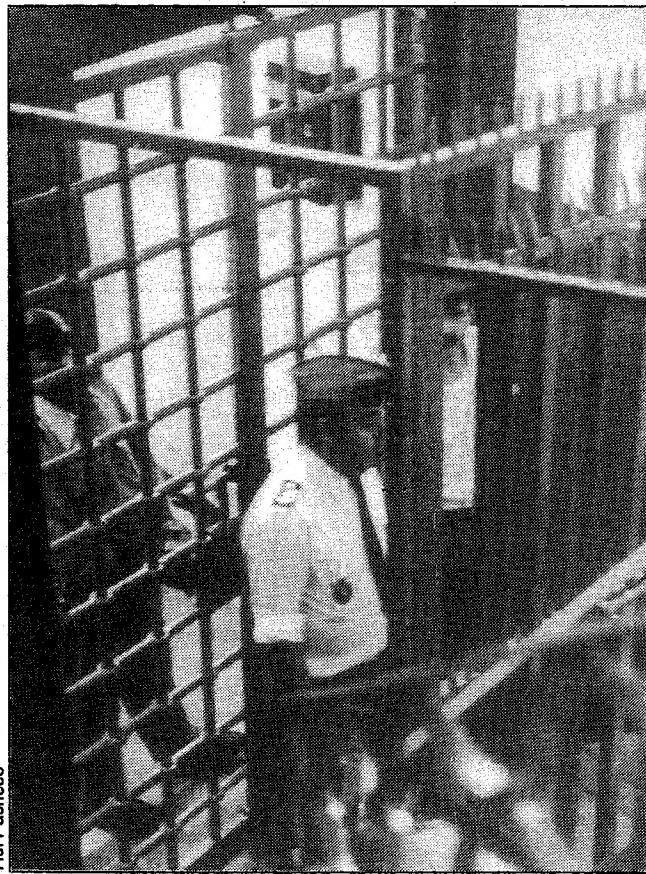
As celas do «isolamento», ontem desertas

A cadeia da vergonha

*O «DL» visitou o interior da prisão de Monsanto
cujas desactivação foi ontem anunciada*

O «DL» visitou a cadeia de Monsanto, «a pior do País», na companhia do ministro da Justiça. Foi o suficiente para perceber porque vai ser encerrada dentro de um ano. A dignidade humana exige-o, na altura em que se anunciam grandes reformas neste sector.

Pág. 13



Rui Pacheco

Portas gradeadas sempre mais fáceis de transportar à chegada do que à saída



*Washington
renova auxílio
à UNITA*
Pág. 9

*Teatro Nacional
reabre esta noite*
Págs. 18 e 19

*Temos 20 mil
cabo-verdianos
por legalizar*
Pág. 11

*Portugal
empatou «a seco»
com a Finlândia*
Págs. 14 e 15

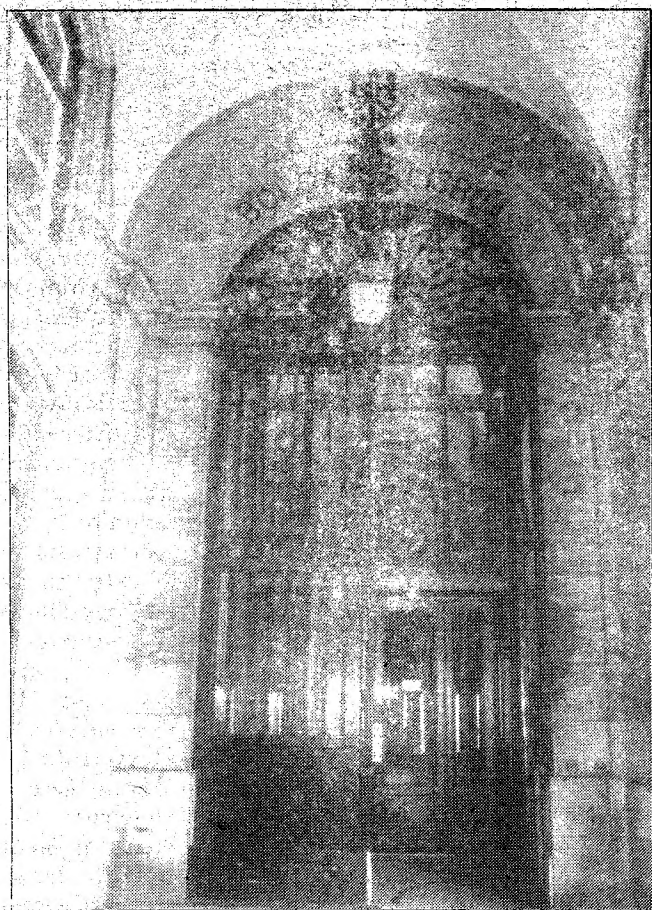
**Hoje:
Suplemento
Literário**



PORTE
PAGO

O mercado de capitais português tem estado, relativamente ao que se passa na maioria das bolsas estrangeiras, a reagir de forma razoável à crise do Golfo. E se é verdade que está em quebra, também não é menos que esta tendência já se verificava antes da invasão do Kuwait

Bolsa: investidores estão a perder boas oportunidades de negócio



Bolsa portuguesa está a aguentar a crise

O comportamento do mercado de capitais português tem sido razoável perante a crise do Golfo (uma quebra na ordem dos 20 por cento), não tendo tido as perdas que se verificaram nas principais bolsas mundiais, que ultrapassaram os 30 e até os 40 por cento. O corretor Pedro Caldeira considera mesmo que «têm havido belíssimas oportunidades de negócio», aliás muitas vezes perdidas, ou por indisponibilidade dos investidores estrangeiros ou por falta de liquidez (devido às privatizações) dos portugueses. Contudo, a situação geral gera preocupação e «toda a esperança por uma paz ou uma guerra rápida».

Lembra, por outro lado, que a invasão do Kuwait verificou-se numa altura em que as bolsas portuguesas já estavam em queda em resultado do processo de privatizações que levava a procurar liquidez à espera de bons negócios delas resultantes.

Analisando o comportamento dos seus clientes estrangeiros, revela que eles têm posto de parte a Bolsa portuguesa devido à situação internacional e ao comportamento das principais bolsas mundiais, onde têm aplicada a maioria do seu capital, mobilizando as suas atenções e preocupações, o que os leva a ter pouco tempo para tratar de negócios em Portugal. «É mesmo difícil comunicar com eles, o que faz com que

eles percam belíssimos negócios», afirma Pedro Caldeira.

Quer isto dizer que os investidores estrangeiros que representa, pelas razões atrás referidas, não vendem nem compram, o que, para além de os levar a não ganhar dinheiro com os negócios «bons» que têm surgido, provoca eventuais perdas pela não adequação das suas carteiras à evolução do mercado.

No que respeita aos investidores portugueses, os particulares, que tanto foram afectados pelo «crash» de 1987, estão praticamente afastados dos mercados bolsistas, restando apenas alguns especuladores que se mantêm actuais em todas as circunstâncias e com um já razoável grau de «profissionalização» que permite uma defesa dos seus investimentos.

Por seu turno, os investidores institucionais estão, segundo Pedro Caldeira, a ter uma atitude passiva. «Exceptuando dois ou três fundos de investimento bem dirigidos, não venderam na alta nem compram na baixa. Estão parados», afirma.

A espera

Numa análise mais global, este corretor considera que «está tudo à espera de uma boa notícia: ou a paz definitiva, ou a guerra que acabe com a actual situação de uma vez por todas».

Perante a nossa estranheza por con-

siderar que a guerra pode ser uma «boa notícia», Pedro Caldeira explica que a actual situação não interessa seja a quem for. «Estas situações de prolongada indecisão são as piores de todas», garante, acrescentando: «Os preços já estão de tal maneira baixos que os investidores já estão receptivos à guerra desde que ela seja rápida e não demasiado devastadora».

Índice e negócios

O índice bolsista do Banco Totta & Agores, pelo qual se regem os principais investidores, estava no dia 1 de Agosto em 2929,9 pontos, descendo no dia seguinte ao da invasão do Kuwait para os 2908,8.

Foi no dia 24 de Agosto que se apresentou mais baixo (2459,6 pontos), tendo nos dias seguintes recuperado, chegando aos 2636,1 pontos no dia 31, após o que entrou novamente em quebra. Ontem situava-se nos 2556,1, depois de ter subido em relação a terça-feira.

No que respeita ao volume de negócios mensal em valor, só em Maio (41, 697 milhões) e Julho (45,082 milhões) ultrapassou os 40 milhões de contos. Em Agosto foi de 33,486 milhões, mais do que em Junho, Abril, Fevereiro e Janeiro, apenas sendo ultrapassado em Março (35 milhões de contos).

Víctor Leitão

Elevado preço do petróleo afigura-se especulativo

Apontado como irracional no início de Agosto, o preço do petróleo está a abusar dessa irracionalidade, afectando a economia mundial numa dimensão que de forma alguma seria de esperar perante a evolução real e previsível dos acontecimentos, mantendo-se teimosamente acima dos 30 dólares o barril, mais de cinco dólares do que antes da decisão tomada pela OPEP em Viena de permitir aos seus membros o aumento da produção e o mesmo preço dos tempos em que as hipoteses mais negras se podiam pôr quanto ao futuro.

Se em desacordo com Saddam Hussein relativamente ao seu discurso, não há dúvida de que ele deverá ter razão quando afirma que os países ocidentais «estão a beneficiar de lucros pouco honestos» da crise do Golfo.

Na verdade, os actuais 30 dólares por barril de «ouro negro» afigura-se como pura especulação gananciosa das grandes companhias petrolíferas, a qual parece estar a afectar alguns Governos, que se aproveitam da ocasião para equilibrar os orçamentos nacionais à custa do

consumidor e que quando alegam o aumento do preço da matéria-prima, esquecem-se da baixa do dólar com que ela é comprada.

É preciso ter em conta que os economistas consideram como aceitável um preço até 25 dólares o barril, o qual em pouco afectaria a economia mundial. Mas acima deste limite já se poderia correr o risco de uma recessão que, mesmo, incidiria de forma mais aguda sobre os países menos desenvolvidos.

E o que se está a passar presentemente com o preço do petróleo já não pode, inoportunamente, ser levado à conta dos «efeitos psicológicos» da crise do Golfo, cujos cenários previsíveis não são de molde a justificá-los por si só.

Remetendo-nos a uma breve análise qualitativa do mercado do petróleo, verificamos (e já o dissemos) que a OPEP autorizou os seus membros a aumentar a sua produção de forma a compensar a perda de quatro milhões de barris em resultado do embargo ao Iraque e ao Kuwait.

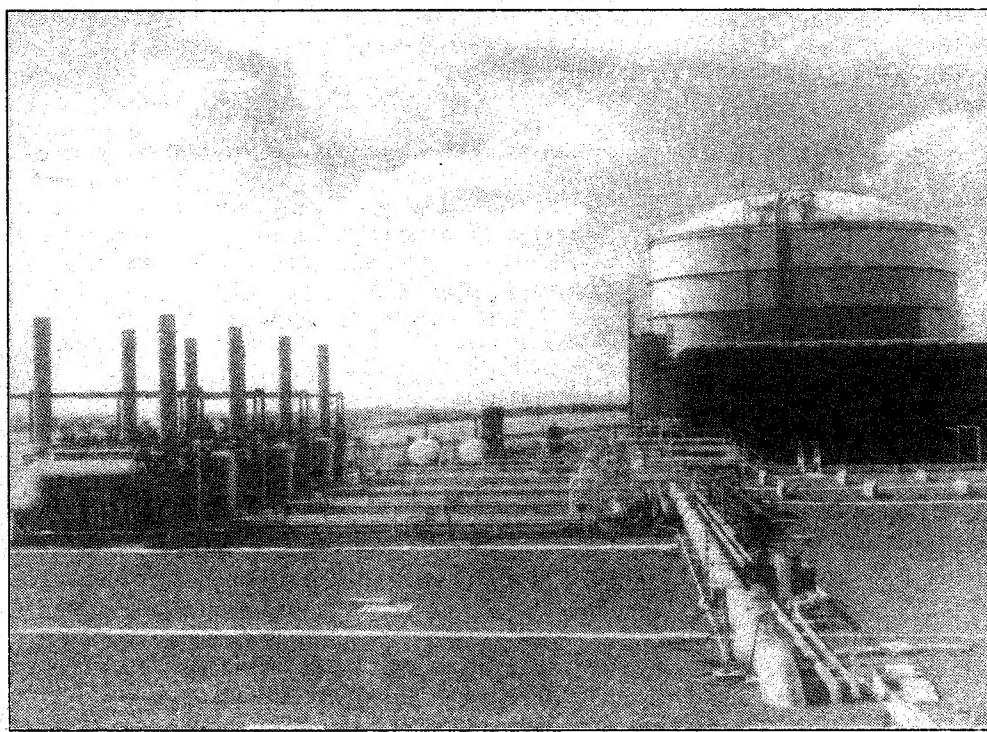
E se é certo que este

aumento não compensa totalmente os fornecimentos daqueles dois países, também não há dúvida que produtores independentes decidiram colocar mais petróleo no mercado.

Enquanto isto, as grandes companhias americanas podem activar (se não activaram já) numerosos poços que mantinham encerrados devido aos preços baixos e que, portanto, lhes davam mais trabalho do que lucro.

É preciso notar que, entretanto, se têm multiplicado, um pouco por todo o mundo, as notícias de descobertas de novas reservas. Embora se saiba que elas não podem começar a produzir de um momento para o outro, também se sabe que, em condições normais, elas teriam um «efeito psicológico» sobre os preços, no sentido de uma descida, no mínimo de prolongamento da sua estabilidade.

Um efeito real dos preços altos é uma contenção no consumo, seja por força da pressão dos preços dos consumidores, seja por restrições impostas aos consumidores, seja pelo regresso às teorias e



A quem aproveita a alta do preço de petróleo?

práticas de uma mais racional utilização da energia ou pelo acentuar do recurso às energias alternativas.

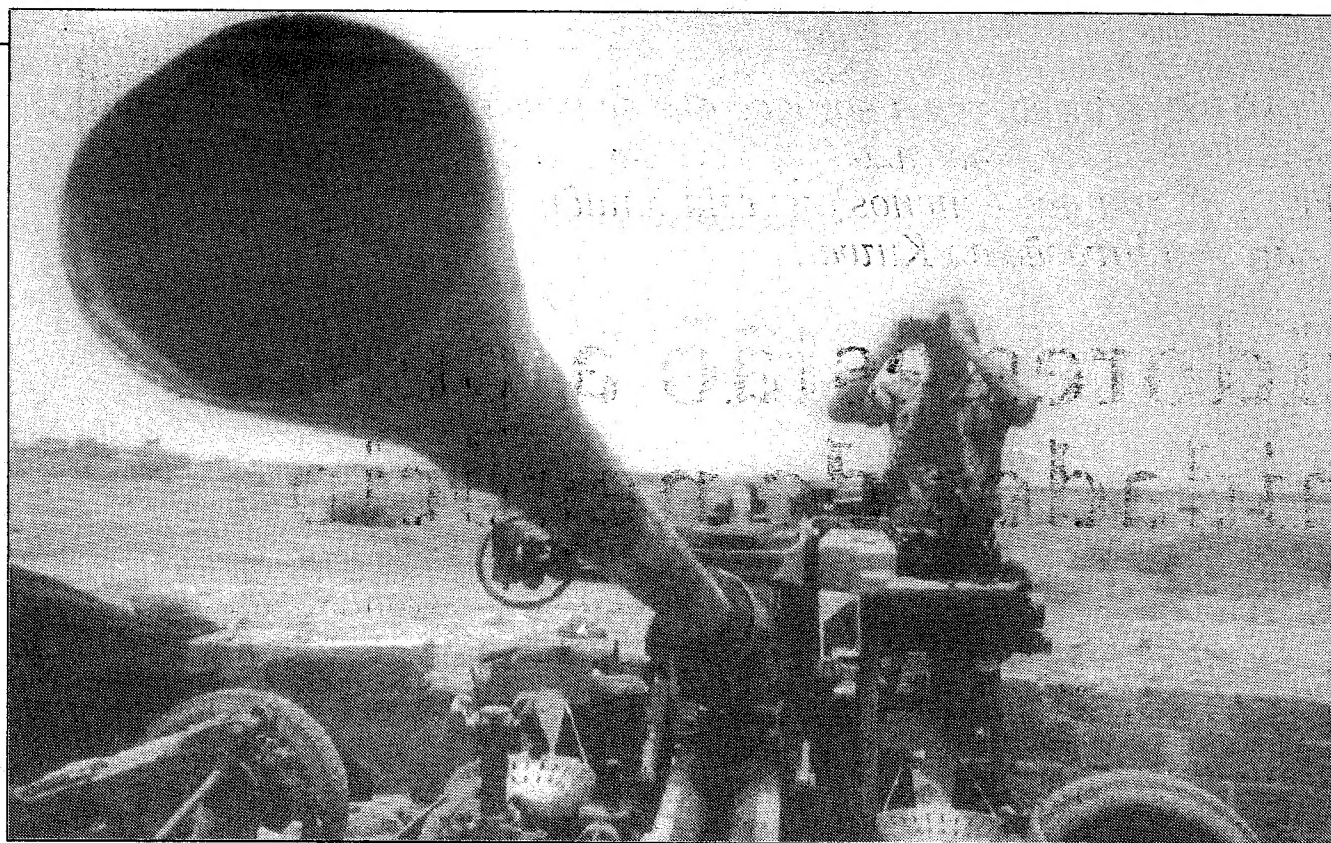
Quer isto dizer que, de uma forma ou de outra, tudo contribui para um reequilíbrio entre a oferta e a procura, mas com um comportamento do mercado, que se reflecte no longo prazo, menos favorável à primeira, já que uma situação de carência ou preços elevados prolongada origina comportamentos de poupança en-

érgica que se reflectem no futuro.

Quer isto dizer que a excessiva alta de preços que se verifica actualmente está longe de ser racional, tanto mais que ela poderá, a prazo, vir a ser prejudicial para os produtores que ora correm atrás de um lucro imediato. Nem sequer é nada que já não tenha acontecido, pois que os preços mais baixos dos últimos vinte anos registaram-se, antes da crise do Golfo, mas em resultado da

reacção do mercado consumidor aos choques petrolíferos, vendo-se depois os produtores obrigados a vender de forma a reactivar a procura, ou seja vender barato para reaciar hábitos gastadores. Só que desta vez a lição poderá ser exemplar para os países consumidores, que tudo farão para usar capacete protector, guarda-chuva, bóia de salvação e pára-quadras para não voltar a «cair nessa».

V. L.



Todos à espera de uma solução para a crise do Golfo

O Ocidente está melhor preparado para enfrentar novo «choque»

A meio do Verão deste ano, entre a baixa do dólar e a do preço do barril, o mundo teve o petróleo menos caro dos últimos vinte anos. Os dois primeiros choques petrolíferos estavam esquecidos. Os 24 países da OCDE estão maduros para cair numa terceira armadilha? Provavelmente não. Há dois aspectos num «choque»: o estrangimento energético propriamente dito e a política económica que cada um escolhe para o enfrentar. Nos dois casos, o Ocidente - em sentido lato - aprendeu um bom número de coisas.

Uma análise dos balanços energéticos permite afirmar que a maior parte dos países esforçaram-se por contrariar os choques precedentes por diversos meios: reduzindo o consumo; desenvolvendo a sua própria produção de energia, diversificando os seus aprovisionamentos, constituindo stocks...

Começando pelos Estados Unidos, que representa por si só um quarto do consumo mundial de energia primária. Cada americano consome duas vezes a duas vezes e meia mais energia que um francês, um italiano ou um japonês, mas o seu consumo diminuiu em oito por cento depois de 1973. «Se os Estados Unidos utilizassem o petróleo de uma forma tão eficaz como o Japão, não necessitariam de mais do que 9,2 milhões de barris por dia, em vez dos 16,6 milhões que actualmente gastam. A diferença representa quase o dobro da produção diária conjunta do Iraque e do Kuwait», refere o «The Economist» de 25 de Agosto.

Os indicadores disponíveis sobre o consumo e a produção de energia dos países ricos nos últimos vinte anos vão no sentido de uma maior economia, apesar de um certo relaxamento que se fez sentir a partir de 1987 com a baixa

do preço do petróleo. Mas há comportamentos diferentes. Nos países em desenvolvimento da zona da OCDE (Grécia, Portugal, Turquia) houve um forte desenvolvimento do consumo de energia, mas este é devido a um crescimento da indústria e a uma maior adopção de modos de vida modernos.

Entre os países ricos, alguns foram mais rigorosos que outros: a Alemanha de 1988 tinha as mesmas necessidades de energia que as de 1980, com um produto interno bruto acima dos 42 por cento. O Benelux (Holanda, Bélgica e Luxemburgo) e a Dinamarca reduziram as suas necessidades de energia no período em análise. A França e a Itália aumentaram em 5,4 e 5,3 por cento, respectivamente, essas mesmas necessidades (o que fica muito abaixo do crescimento real da economia).

A diferença entre estas países tem a ver com a política energética adoptada: a França tudo fez para aumentar a sua autosuficiência, em particular com recurso ao nuclear, enquanto a Itália se satisfaz em diversificar o seu consumo (desenvolvendo o gás e o carvão) e as suas fontes de aprovisionamento. Deste modo a França reduziu a sua taxa de dependência energética de 22,5 por cento em 1973 para 45,1 por cento em 1987; enquanto a Itália apenas de 19,4 para 19,5 por cento. O Japão, sem qualquer recurso mineral, conseguiu assegurar 19 por cento do seu consumo, contra 12 por cento antes dos choques.

Contágio Inflacionista

Resta que todos os países da OCDE, incluindo os exportadores de petróleo, como a Noruega, a Austrália e a Grã-Bretanha, vão ser encarecidos do preço da

energia, que terá como primeira consequência um contágio inflacionista.

Durante os dois primeiros choques petrolíferos numerosos países tudo fizeram para evitar a recessão e a baixa do poder de compra: enfrentaram as crises jogando com empréstimos externos e internos, indexando os salários em detrimento das margens de lucros das empresas. O resultado, em meados da década de 80: inflação de dois algarismos, desemprego desenfreado, endividamento e quase estagnação da economia.

Porque é que os Estados Unidos, o Japão ou a Suécia voltaram em meados da década de 80 às taxas de desemprego comparáveis às que tinham antes dos choques petrolíferos, enquanto a Alemanha, a França ou a Irlanda (como todos os seus parceiros da CEE) se instalaram num sistema de desemprego estruturalmente elevado? Para resumir uma série de factores complexos, podemos dizer que as economias mais flexíveis reagiram melhor.

Os grandes países europeus tinham salários rígidos negociados sectorialmente, um mercado de emprego pouco adaptável e um alto grau de protecção dos trabalhadores. As políticas seguidas nos anos 70 nada mais fizeram do que agravar a situação. Subvencionando sectores em declínio retardaram a sua adaptação à concorrência; dando generosos subsídios de desemprego e reforçando o salário mínimo desencorajaram a procura de emprego e incitaram as empresas a substituir o capital pelo trabalho.

Lições da crise

Mas nos países da OCDE a década de 80 será dominada por um esforço de liberalização das forças de mercado

em todos os domínios. A política orçamental será restrictiva para compensar o endividamento público acumulado durante os dois choques petrolíferos.

A confirmar-se um terceiro choque, ele encontrará as economias da OCDE bastante mais bem preparadas que em 1973 ou 1979. Elas são menos dependentes no plano energético, enquanto que os serviços representam uma parte cada vez mais importante da criação de riqueza. Mais abertas à concorrência, mais flexíveis, estão melhor preparadas para se adaptar. Instruídos pela experiência, os governos vão esforçar-se por refrear a alta dos custos reais da mão-de-obra e por favorecer o investimento.

Actualmente, a situação - se o petróleo ficar duradouramente nos 30 dólares por barril - não é verdadeiramente má, se não sob dois pontos de vista: o endividamento acumulado dos sectores públicos, que tornará difícil o recurso ao orçamento para amortecer os efeitos da crise; o nível elevado do desemprego em muitos países, malgrado o crescimento económico registado nos últimos anos.

A isto se junta uma incerteza: os mercados financeiros, largamente globalizados e desregulamentados, estarão a salvo de enfraquecimentos em cascata? A questão é essencial na medida em que os governos, tendo renunciado ao controlo quantitativo do crédito, não têm outro instrumento de política monetária que as taxas de juro. Ora o exemplo da Grã-Bretanha nos últimos meses mostra que o efeito anti-inflacionista das taxas de juro elevadas é menos automático e rápido do que se pensava.

Sophie Gherardi
Exclusivo «DL»/
«Le Monde»

COMENTÁRIO

E vamos à guerra

Os factos económicos que inundam a comunicação social nos dias de hoje, quando vistos isoladamente, são de molde a transmitir ao leitor uma sensação de catástrofe a nível mundial. O dólar continua em baixa perante as moedas mais fortes, os mercados de capitais sofrem quebras repentinas, em Londres baixam as vendas, os preços no consumidor sobem um pouco por toda a parte, em Espanha o desemprego cresce, nos Estados Unidos o acesso ao crédito é cada vez mais limitado, a inflação vai crescendo em todo o mundo. Consequências do aumento do preço do petróleo, dizem uns; o temor de uma guerra no Golfo, consideram outros; os dois factos conjugados, dirão muitos. Mas a verdade é que, embora nuvens negras parem sobre a economia mundial, ainda não se está a viver uma situação de recessão e muitos dos fenómenos que se registam agora, se agravados pela crise do Golfo, já vinham a sentir-se alguns casos.

Independentemente de haver ou não guerra no Golfo, muitos economistas pensam que o mundo está preparado para enfrentar as consequências piores que daí possam advir. Alguns são mesmo da opinião de que seria melhor resolver desde já o problema através da força militar, pois que de outra forma será adiar a sua resolução mantendo um permanente foco de tensão que não é nada propício à estabilidade necessária a que os negócios floresçam em toda a sua plenitude.

Em defesa da sua tese alegam que uma solução política, mesmo que ela fosse ao extremo de contemplar uma restauração da independência do Kuwait, não eliminaria o foco de tensão e de perigo eminente que constituiria um Iraque fortemente armado naquela zona do globo, situação que, quanto mais não fosse, Israel não poderia sustentar por demasiado tempo. Aliás, pensam, todo o tempo que se der a Saddam Hussein só servirá para poder fortalecer o seu poderio militar e alcançar (ou comprar) alianças no mundo árabe e até fora dele, nem que elas se limitem apenas à garantia de uma atitude passiva. Ora esta situação seria uma espada pendente sobre a economia mundial, só que presa por um fio muito mais fino do que aquele que representa, agora, a diferença entre a paz e a guerra, quanto mais não seja em termos psicológicos.

É necessário ainda ter em conta que o relançamento de muitas economias dos países do Leste europeu na via de uma economia de mercado, por um lado, e os esforços das nações pobres e menos industrializadas para se desenvolverem economicamente, por outro, gera um cenário que minimamente não se dilui por muito petróleo gratuito que o tente lavar e que, acima de tudo, não se compadece com longas esperas.

E a manter-se o foco de tensão no Golfo a espera será longa, o que afectará o espírito de cooperação entre as nações e blocos económicos que se estava a manifestar de forma cada vez mais firme e irreversível. Acontece que esse espírito será fortemente afectado se os países e blocos mais ricos e poderosos tiverem de canalizar para eles próprios os meios que estariam disponíveis para auxiliar os outros.

Daí que se compreenda a grande unanimidade que se gerou em torno das decisões das Nações Unidas relativas ao Iraque e que sorrisos irónicos tenham recebido a esmola de alguns barris de petróleo que Saddam Hussein pretendia dar aos países do Terceiro Mundo. Daí que, para além das piedosas intenções de uma solução política para o problema do Golfo, sejam cada vez mais os que, no recôndito do seu pensamento, anseiem por uma guerra rápida que ponha termo

a uma tensão e a uma instabilidade que o mundo não pode suportar por demasiado tempo, sob pena de toda uma cadeia de solidariedade económica (não necessariamente desinteressada) que estava a começar a formar-se entre as nações acabar em pouco mais do que um salve-se quem puder, na certeza de que os países mais ricos dificilmente ficarão mais pobres.



Victor Lelão

EDITORIAL

A paradoxal fragilidade do gendarme do mundo

continuação da pág. 1

No preciso momento em que a dissuasão entre os mais fortes - EUA e URSS - poderia deixar de constituir o principal fundamento do equilíbrio internacional, a ousadia de uma potência «regional», caso do Iraque, experimenta, no terreno, uma modalidade de «dissuasão do mais forte pelo mais fraco» (Paul Virilio).

Outro pressuposto da «segurança colectiva» que não se verifica no Golfo: a institucionalização da gestão colectiva da segurança. Na realidade, o desencadear de hostilidades na zona afectada depende exclusivamente da vontade norte-americana, além das duas potências militares «locais»: o próprio Iraque e Israel.

A «inserção» no âmbito da ONU constitui, pela primeira vez, um «guarda-chuva» útil a uma estratégia americana - a do embargo ao regime de Bagdade - que, desta vez, recebe apoios a Leste e a Oeste, mas está longe de constituir a prefiguração de uma instância universal dotada de meios políticos e coercitivos susceptíveis de assegurar a dissuasão pela superioridade esmagadora das forças.

O quadro da ONU, confirmado pela cimeira de Helsínquia, permite aplicar o bloqueio económico, de resultados morosos e incertos - veja-se, não só a gestão imoral dos reféns ocidentais, mas também os efeitos da ponte lançada ao recém-transiunimigo Irão - , mas dificilmente consegue a transição para outros patamares. Os Estados Unidos sabem-no. O seu interesse em revalorizar as Nações Unidas, enquanto fórum de decisões internacionais, é evidente, mas tem limites. O seu interesse em respeitar os princípios do direito internacional também existe, mas é, igualmente, balizado por considerações do mais cru realismo político.

O leitor poderá ajuizar, por si mesmo, da distância que vai do idealismo universalista a estas considerações expressas por um colunista da *Newsweek* acerca dos «perigos da legalidade»: «Haverá ocasiões em que os Estados Unidos, na defesa dos seus interesses, necessitarão de agir sem respeitar o consenso internacional. Nesse caso, a quimera do direito internacional pode tornar a América refém» (George F. Will).

Este estilo de raciocínio arrogante de certos sectores políticos norte-americanos poderá ser estimulado pela imagem de um mundo unipolar que as sequelas da invasão do Kuwait vieram acentuar. É neste contexto que merece destaque o discurso proferido, ontem, no Porto, pelo Presidente da República, que, infelizmente, passou despercebido à maior parte da Comunicação Social de Lisboa, ou foi reduzido a alguns chavões propagandísticos. Nessa intervenção, Mário Soares - personalidade insuspeita de anti-americanismo - aludiu, não só às potencialidades, mas aos riscos do actual quadro internacional: «Os Estados Unidos surgem como uma espécie de *gendarme universal*, por conta própria e alheia. Não se lhes devem regatear elogios na acção desenvolvida no Golfo, mas haverá que reconhecer que uma tal situação é não só perigosa, mas inaceitável».

O paradoxo da actual situação é que, se, por um lado, ordém os riscos de gerar, para o futuro, uma nova ordem mundial caracterizada por uma total hegemonia americana, com os Estados Unidos assumindo-se como a única superpotência, por outro lado, revela uma imensa fragilidade do potencial *gendarme do mundo*, afinal tão vulnerável à poderosa dissuasão dos mais fracos sobre os mais fortes. Como disse um militar francês, «não podemos deixar de notar, nesta conjuntura mundial, a impotência cada vez maior dos mais poderosos sob o ponto de vista militar» (general Leborgne).

É por isso difícil retirar deste cenário qualquer visão idílica ou optimista. A hegemonia do *gendarme universal* é um risco, mas o imenso poder da superpotência (quase) única revela-se, paradoxalmente, frágil perante a irresponsabilidade aventureira, aliada à aparente capacidade táctica, da potência regional. Como estamos longe dos projectos idealistas e visionários da irradiação da guerra e do pacifismo universal, apesar dos discursos entusiásticos acerca da nova ordem mundial, fundada na moral e no direito!

M. M.

GRANDE ANGULAR



Um grupo de refugiados do Kuwait disputa um carregamento de garrafas de água

«Razões humanitárias» põem embargo em perigo

Alimentos para o Iraque geram desacordo na ONU

Como já era de se esperar, a questão do embargo ao Iraque está a levantar grande polémica. O Conselho de Segurança da ONU reúne-se hoje para tentar estabelecer o modo como poderá ser feita a distribuição de alimentos aos estrangeiros retidos por Bagdad, que se recusa a deixar uma comissão da organização realizar a tarefa. Quanto aos efeitos do embargo também nada está muito claro, não se sabendo se a normalização de relações entre Irão e o Iraque leva ao fornecimento de alimentos e medicamentos aos iraquianos. Se tal acontecer não é provável que as sanções forcem Saddam Hussein a rever a sua política no Golfo.

Após uma semana de discussões, os quinze membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas não conseguiram chegar a acordo sobre a melhor maneira de enviar alimentos e medicamentos aos estrangeiros retidos no Iraque e no Kuwait, sem romper o embargo comercial decretado pela mesma instância da organização. A resolução do embargo permite o envio destes produtos «por razões humanitárias», mas não esclarece o modo como tal pode ser

feito.

A presidente do Comité de Sanções, a embaixadora finlandesa na ONU, Markkta Rassi, informou que face à incapacidade de se conseguir o consenso (impedido sobretudo pelas posições de Cuba e do Iemen) foi decidido transferir a questão para o plenário do Conselho de Segurança. Rassi disse esperar que a proposta de resolução se baseie na declaração conjunta ontem aprovada pelos cinco membros permanentes (EUA, URSS, China, Grã-Bretanha e França).

Esta proposta de resolução reconhece que podem ocorrer circunstâncias em que seja imprescindível fornecer alimentos à população civil, mas estabelece que essa necessidade deve ser determinada por agências humanitárias e não governamentais do sistema internacional.

«Humilhante e desmoralizante»

No entanto, segundo declarações do embaixador iraquiano na ONU, Abdul Al-Anbari, após um encontro com Perez de Cuellar, o Iraque recusa que a distribuição de alimentos no seu território seja controlada por organizações internacionais.

Al-Anbari afirmou que se tal acontecesse «não só seria humilhante como desmoralizante para a população iraquiana».

Uma outra condição estabelecida pela proposta dos cinco membros permanentes é a de a ONU fazer um inquérito à situação alimentar no Iraque. Perez de Cuellar, porém, disse que a organização de que é secretário-geral só poderia realizar o inquérito «com a inteira cooperação das autoridades locais». Mas o Iraque também não parece disposto a cooperar com a ONU neste ponto. Interrogado sobre este assunto, Al-Anbari respondeu que «a questão não estava na ordem do dia», deixando entender a recusa do Iraque em permitir o inquérito.

Para muitos observadores o êxito do embargo é considerado a única hipótese de evitar um conflito armado no Golfo, já que poderia forçar Saddam Hussein a ceder na questão do Kuwait, devido à impopularidade interna de uma política que leve à escassez de bens essenciais para os iraquianos.

Mas esta hipótese de solução sofreria um duro golpe se for verdade a notícia ontem dada pela agência Asso-

ciated Press, segundo a qual o Irão vai vender alimentos e medicamentos ao Iraque em troca de petróleo refinado. As refinarias iranianas foram bastante afectadas justamente durante a guerra contra os iraquianos.

Na sua edição de hoje, o jornal «Teheran Times» cita uma «fonte bem informada» para declarar que as notícias de tais vendas «são totalmente infundadas». No entanto, a mesma fonte afirma que tal poderá vir a acontecer, porque a venda de alimentos e medicamentos não contraria as sanções da ONU que prevêm fornecimentos «por razões humanitárias». «O Governo mantém em aberto as suas opções quanto a isso», disse o mesmo informador.

Tudo indica que no Iraque a questão do Golfo está a ser alvo de uma luta interna entre o Presidente Ali Akbar Rafsanjani (cujas posições mais moderadas costumam ser reveladas pelo «Teheran Times») e o líder espiritual do Irão, ayatollah Ali Khamenei, que ontem apelou a uma *Jihad* («Guerra Santa») contra os norte-americanos, devido à presença de tropas na Arábia Saudita.

Redacção «DL»/Lusa/
AFP

Mais quatro portugueses deixaram o Iraque

Chamam-se Simões Cruzado, Carneiro Gonçalves, Gabriel Costa e José Fernandes Gonçalves, os quatro portugueses que nos últimos dias deixaram o Iraque e que, neste momento, já se encontram em Portugal. Foram evacuados pela empresa francesa Cogen, para a qual trabalhavam no norte do Iraque, e não estavam registados na embaixada portuguesa em Bagdad.

Foram estas declarações prestadas hoje ao «DL» pelo porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Marcelo Mathias, que permitiram esclarecer a situação confusa criada quando o ministro João de Deus Pinheiro afirmou ontem que «regres-

saram mais quatro portugueses» que se encontravam no Iraque. Contactada esta manhã pelo «DL», a embaixada portuguesa em Bagdad desconhecia a situação, dizendo que «não tinha sido obtido mais nenhum visto de saída» e que «não estavam previstos evacuações nos tempos mais próximos». Os iraquianos exigem vistos de saída para que qualquer cidadão estrangeiro deixe o país e têm colocado bastantes obstáculos aos naturais de países da CEE que querem obtê-los.

Duarte Calvão

POLÍTICA

Qualquer alteração à lei eleitoral autárquica, só em sede de revisão constitucional - eis a síntese da resposta do PS à proposta do primeiro-ministro. Se o PSD quer reformas, comece pelas que tem adiado: a regionalização, a revalorização do papel do Parlamento, o referendo

Jorge Sampaio exige a Cavaco o calendário da regionalização

Jorge Sampaio desafiou ontem o PSD e Cavaco Silva a pronunciarem-se sobre um vasto «pacote» de reformas políticas em aberto, entre as quais a regionalização do Continente, respondendo à proposta de alteração da lei eleitoral por as autarquias avançada por Cavaco Silva em Agosto.

A tese exposta pelo primeiro-ministro na festa do PSD do Algarve, encerra, recorde-se, uma tripla vertente: a limitação a três do número de mandatos consecutivos dos presidentes de Câmara, a atribuição da maioria absoluta ao partido mais votado e a admissão de candidaturas independentes aos órgãos municipais.

O secretário-geral do PS, em declaração política ontem transmitida à Comunicação Social, resultante da análise efectuada na reunião de segunda-feira do Secretariado Nacional do partido, colocou algumas questões acerca dos objectivos do chefe do Governo, insinuando que se tratava de um pretexto para «abrir novamente o 'dossier' da revisão constitucional». Ora «o PS não aceita revisões constitucionais a retalho», proclamou Sampaio.

Na sua óptica, Cavaco Silva «silenciou todas as grandes questões nacionais». A saber: as implicações para o nosso país da União Económica e Monetária e União Política, no quadro comunitário, e da crise do Golfo e as «exigências de modernização da estrutura produtiva nacional».

Vereação «recrutada» na Assembleia

Alinhada esta posição de princípio, o líder socialista não se furtou a explicitar o



Jorge Sampaio peremptório: «O PS não aceita revisões constitucionais a retalho»

posicionamento do partido em relação às sugestões do primeiro-ministro. O PS rejeita em absoluto a limitação do número de mandatos, no plano autárquico como no regional ou nacional. E apoda de «flagrante violação do princípio da proporcionalidade» a proposta de «batota eleitoral» a relativa à criação de maiorias absolutas nas vereações. Admite, tão só, a possibilidade de candidaturas independentes aos órgãos autárquicos, na linha, aliás, do que o próprio Presidente da República defendeu em entrevista à revista «Risco», em Abril.

O secretário-geral socialista, para quem a proposta não conduz ao aperfeiçoamento do sistema político, colocou a possibilidade de o presidente de câmara (primeiro nome da lista mais votada) formar o

executivo de entre os membros eleitos para a Assembleia Municipal. Uma solução que, em seu entender, «conferiria harmonia e coerência aos órgãos colegiais de natureza colegial» e abriria caminho ao recurso à moção de censura construtiva, um instituto de que o partido tem feito «cavalo de batalha», desde a revisão constitucional.

Vasto «pacote» de reformas

Decididamente, os socialistas passaram ao ataque. De uma assentada, Jorge Sampaio apresentou ao partido um extenso conjunto de reformas previstas constitucionalmente, «que só a inércia do PSD tem impedido que se concretizem». Desde logo, uma das mais insistentes reclamações do PS nos últi-

mos tempos: o estabelecimento de um calendário de criação de regiões administrativas no Continente, até ao final da presente Legislatura.

Ainda no campo da descentralização do Estado, o partido exige a urgente aprovação dos estatutos político-administrativos dos Açores e da Madeira, pendentes na Assembleia da República de decisão do Governo, e da lei relativa às áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto. Na mesma linha, reivindica a «revisão consensualizada» do regime de competências e financiamentos das autarquias locais.

Questão com que o PS se diz preocupado é com o da «transparência, isenção e independência» dos órgãos públicos. Nesta medida, Sampaio mostrou-se favorável à «modernização e revalorização» do Parlamento, pelo reforço do papel político do plenário, das comissões e do próprio deputado, individualmente considerado. Ao mesmo tempo, voltou a insistir num «regime autêntico de incompatibilidades» dos titulares de cargos políticos e altos cargos públicos e na aprovação de uma lei de financiamento dos partidos capaz de estabelecer «rigorosas limitações dos gastos em campanhas eleitorais».

De referir ainda o apelo do PS à concretização de dispositivos inseridos na Constituição no decurso da última revisão - como o referendo nacional e os direitos de acção popular e de petição -, a aprovação de novo regime estatutário da RDP e RTP e de uma lei de sondagens.

Redacção «DL»

Situação criada no Golfo «perigosa e inaceitável»

Soares em desacordo com os EUA por actuarem «por conta própria e alheia»

No mesmo dia em que, perante as duas câmaras do Congresso, George Bush anunciava os contornos de uma nova era de hegemonia norte-americana, Mário Soares afirmou no Porto que a actuação dos Estados Unidos na crise do Golfo, «como uma espécie de gendarme universal, por conta própria e alheia» criou uma situação «não só perigosa como inaceitável».

O Presidente da República abriu, assim, o ciclo de colóquios organizado pelo Forum Portucalense, genericamente subordinado ao tema «O arco atlântico», centrando a sua exposição na política externa portuguesa à luz dos últimos acontecimentos no Golfo Pérsico.

Soares considerou Saddam Hussein «um tirano sanguinário armado pelo Ocidente», dizendo estar o presidente iraquiano a «calcar o direito internacional, a jogar sem escrúpulos com a vida de reféns inocentes, a incendiar toda uma vasta região do Globo e a criar dificuldades ao Ocidente, dependente do petróleo da região». Qualificando também o embargo decretado pelas Nações Unidas como « reacção paradigmática e salutar », o Chefe de Estado sublinhou que « não se devem regatear elogios » à acção desenvolvida no Golfo pelos Estados Unidos.

«Mas haverá que reconhecer que uma tal situação é, não só perigosa, como inaceitável», admitiu.

Depois, Soares retomou o seu apelo do «regresso à África», feito pela primeira vez nas cerimónias do último 25 de Abril, e afirmou representar o Brasil «a prioridade para a política externa portuguesa».

«Na Comunidade Europeia -concluiu o Presidente da República- Portugal não é um País pequeno: é antes uma potência de dimensão média», frisando que esta afirmação «objectivamente» do modo como os portugueses são vistos pelos nossos parceiros europeus.

João de Deus Pinheiro no Parlamento:

Helsínquia reforçou as decisões da ONU

O Ministro dos Negócios Estrangeiros reuniu-se, ontem, com a Comissão Parlamentar dos Negócios Estrangeiros para analisar a situação no Golfo Pérsico e os resultados da cimeira de Helsínquia.

João de Deus Pinheiro salientou o reforço do papel das Nações Unidas após a reunião entre Bush e Gorbachov na capital finlandesa.

Perante a hipótese de guerra, o ministro dos Negócios Estrangeiros sublinhou que Portugal defende uma solução diplomática no âmbito da ONU e do Conselho de Segurança. «Prefiro pensar que há margem para uma solução de paz», acrescentou.

Questionado sobre a recusa ao pedido dos Estados Unidos de enviar tropas para o Golfo, João de Deus Pinheiro afirmou que «o apelo norte-americano para o envio de forças terrestres seria uma forma dos países demonstrarem a sua solidariedade com a posição norte-americana. Nós já demonstrámos a nossa solidariedade e não há dados novos que justifiquem outra posição».

O responsável pela diplomacia portuguesa disse que não há ainda negociações formais com os Estados Unidos em relação à Base das Lages e reafirmou que a utilização da base algarvia nesta crise do Golfo foi uma «decisão política, casuística».

Na CEE e em consequência da unificação alemã

Portugueses não aceitam medidas discriminatórias

O secretário de Estado da Integração Europeia garantiu que Portugal rejeitará todas as medidas discriminatórias dos seus cidadãos e empresas no processo de integração do território da RDA na Comunidade Económica Europeia. O governante português participou na reunião do Conselho de Ministros dos Assuntos Gerais da Comunidade, na qual foram discutidas as «medidas provisórias» aplicáveis após a unificação alemã, antecipada para 3 de Outubro.

O secretário de Estado manifestou desagrado pelas tendências que se estão a desenhar, no sentido de dar às empresas e aos cidadãos da RDA um estatuto mais favorável do que foi dado a Portugal no processo de transição para a integração plena na comunidade.

O governante sublinhou que «não podemos admitir que os

apoios à RDA possam afectar o fluxo dos fundos estruturais para Portugal». Victor Martins garantiu que o Executivo português vai bater-se nas negociações por equilíbrios ao nível financeiro, das políticas da agricultura e pescas, da livre circulação de pessoas e trabalhadores e das políticas externa e de concorrência.

O secretário de Estado reconheceu que «não será tarefa fácil alterar disposições do tratado de adesão de Portugal» de forma a aproximar certas condições das que foram acordadas para a RDA, mas disse acreditar num entendimento político dos «Doze» para ultrapassar o facto de, situação.

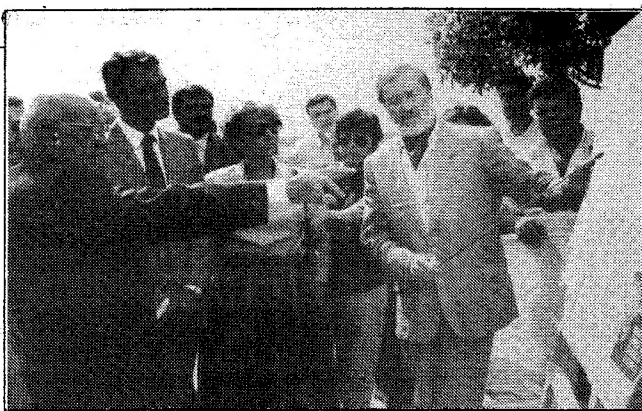
Victor Martins destacou o essa de, ao abrigo do tratado de adesão, a livre circulação de portugueses no espaço comunitário só ser plenamente assegurada a partir de 1992, enquanto

se admite que os cidadãos da RDA possam vir a circular livremente na comunidade já a partir do próximo ano.

Estas preocupações foram também manifestadas pelos eurodeputados socialistas, que fizeram várias críticas «a decisões discriminatórias», embora tenham votado favoravelmente o relatório Donnelly, de forma a deixar claro o seu empenhamento no processo de abertura na RDA.

Este relatório consiste numa directiva delegando poderes à Comissão para tomar as medidas necessárias no sentido de concretizar com eficácia a reunificação.

No entanto o deputado socialista, João Cravinho disse que estaria atento às negociações e sublinhou que «na nossa Comunidade não deverá haver cidadãos com mais ou menos direitos, consoante se tenha a boa ou má nacionalidade».



Cavaco Silva durante a visita à Lagoa de Albufeira

Monsanto na margem Sul quer Cavaco Silva na lagoa

O primeiro-ministro Cavaco Silva apelou às autarquias de Sesimbra, Almada e Seixal e às respectivas populações para que contribuam para a recuperação da Lagoa de Albufeira. Numa visita ao local, o chefe do Governo revelou a intenção de transformar a Lagoa num «parque de Monsanto da margem sul do Tejo».

O plano parcial de urbanização da área degradada da Lagoa de Albufeira foi aprovado em 1989, tendo o projecto sido elaborado pela Câmara de Sesimbra, pela Secretaria de Estado do Ambiente e pela Direcção Geral do Ordenamento do Território. Cavaco Silva sublinhou que «a população também tem de colaborar, participando na instalação de todas as infraestruturas necessárias».

O apelo à participação das autarquias surge num momento em que se intensificam as queixas dos autarcas em relação ao Governo, devido à escassez do financiamento das câmaras.

Durante a visita, um dos proprietários dos terrenos que circundam a Lagoa acusou o presidente de Sesimbra de se recusar ao diálogo e de não se preocupar com a falta de condições. Ezequiel Lino considerou as acusações «falsas e especulativas» e destacou que «foi bom o primeiro-ministro ter cá vindo para ver o lixo, para cuja recolha a câmara não tem meios». O autarca recordou que no período de Verão o número de habitantes passa de 30 mil para 100 mil «sem o correspondente aumento dos apoios financeiros desejáveis».

PCP apresenta projecto-lei de inquérito parlamentar

O grupo parlamentar do PCP dá esta tarde uma conferência de Imprensa destinada a levantar questões sobre o funcionamento e bloqueio dos inquéritos realizados pela Assembleia da República.

Os parlamentares comunistas vão apresentar um projecto-lei sobre inquéritos parlamentares e a título de exemplo negativo vão referir a Comissão de Inquérito à Televisão. Apesar de já ter sido aprovada há algum tempo, a Comissão ainda não está a funcionar «porque o Partido Social Democrata ainda não indicou quem, do seu partido, será nomeado».

O PCP considera que o adiamento da escolha dos deputados social-democratas «constitui uma forma de bloqueio à actividade da Comissão, em especial numa altura em que há acontecimentos graves na RTP, como o despedimento de jornalistas».

POLÍTICA

Pedro Pires está hoje na Amadora a apreciar as acções de apoio aos emigrantes caboverdianos que aquele município tem em execução. A visita oficial concluiu-se, ontem, perspectivando a institucionalização da cooperação política entre os Cinco e Portugal

Dívida de Cabo Verde transformada em fundo de investimento local

A transformação da dívida de Cabo Verde a Portugal num fundo de cooperação é uma das mais importantes decisões acordadas entre Cavaco Silva e Pedro Pires, no termo da visita oficial de dois dias do primeiro-ministro caboverdiano a Lisboa. Da visita resultou, também, a proposta a apresentar aos Cinco para a criação de um órgão de coordenação política entre Portugal e as suas ex-colónias africanas.

A notícia foi ontem dada, em S. Bento, pelo primeiro-ministro português durante a conferência de Imprensa conjunta promovida pelos dois chefes de Governo, que salientaram a exemplaridade das relações de cooperação existentes entre Portugal e os «Cinco».

Em vez de perdoar a pequena dívida de cerca de 125 mil contos, Portugal aceitou reconvertê-la num fundo em moeda local para utilização em acções de investimento. Esta solução já fora anteriormente experimentada com sucesso em relação à Guiné-Bissau e a S. Tomé e Príncipe. O Governo português encara, igualmente, com bons olhos o financiamento, até ao montante de cinco milhões de dólares, da construção do aeroporto da Cidade da Praia.

O primeiro-ministro português sublinhou «o clima de confiança dos últimos cinco anos», adiantando que chegou «o tempo da cooperação política lusófona», enquanto Pedro Pires considerou «muito positivos, para não dizer excelentes», os resultados desta sua visita a Portugal, na curta declaração feita



A intensificação de investimentos privados portugueses em Cabo Verde foi discutida na AIP, entre o primeiro-ministro Pedro Pires e o presidente da Associação Industrial, Rocha de Matos

aos jornalistas.

Cinco + Um passam a Seis?

O pontapé de saída para a cooperação política entre Portugal e os Cinco poderá ser dado já no mês de Novembro. Nessa altura, reúnem-se os ministros dos Negócios Estrangeiros de Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde para preparar a cimeira em que Portugal, através do primeiro-ministro, participa, como convidado e pela primeira vez.

Na conferência de Imprensa de ontem não foi explicitada a forma institucional da futura cooperação política entre Portugal e as suas ex-colónias africanas. Mas sabe-se que o assunto foi discutido durante a visita de Pedro Pires e poderá desembocar na criação de um órgão de coordenação política comum, ao estilo da Cimeira dos Cinco a que Cabo Verde preside, presentemente.

Cavaco Silva referiu-se às vantagens da existência de tal órgão coordenador apontando como exemplo, a posição privilegiada de Portugal para funcionar como porta-voz dos interesses dos Cinco junto da Comunidade Económica Europeia e de outras instâncias internacionais. E manifestou-se esperançado em que seja possível materializar esta nova forma de cooperação «ainda antes do fim do ano».

Aplauso à exemplaridade das mudanças políticas

Interrogado sobre a mesma matéria pelos jornalistas, Pedro Pires falou da reunião de Novembro dos MNE dos «Cinco mais um» com o objectivo de dar «mais previsibilidade à cooperação política dos Seis». Recusou-se, porém, a fornecer mais pormenores sobre as propostas que vão ser formuladas considerando que que não gostava de as apresentar à Imprensa antes

de as comunicar à aos seus parceiros africanos.

Ainda no domínio da cooperação financeira, Portugal deverá ajudar Cabo Verde nas obras de melhoramento e ampliação do aeroporto da Praia, para o que há, nesse sentido, um processo em curso no Ministério das Finanças, segundo informou Cavaco Silva aos jornalistas.

Cavaco Silva aplaudiu as «corajosas» e «profundas mudanças políticas que estão a ser preparadas» em Cabo Verde, sublinhando que esta ex-colónia «assumiu uma posição de liderança no caminho para a democracia representativa e a liberdade económica». Classificou Pedro Pires como «o motor» de todo o processo em curso que, na sua opinião «é um exemplo para a generalidade dos países africanos».

O chefe do Governo caboverdiano referiu, por seu turno, que a forma como o seu País conduziu a caminhada para o multipartidarismo aumentou a sua responsabilidade, esperando «colher resultados da nossa opção, perseverança e fé», disse. Afirmou não rejeitar a evolução da situação internacional — um dos pontos abordados nos encontros com Cavaco Silva — mas advertiu que a anexação de um País pequeno, como aconteceu ao Kuwait, às mãos do Iraque, «abre o apetite para outras invasões». Destacou também o papel do Governo português no processo de paz em Angola.

Grupo de trabalho para clandestinos

A constituição de um grupo de trabalho para analisar a situação dos caboverdianos que residem ilegalmente em Portugal — matéria destacada na Grande Angular da edição de ontem do «DL» — foi também anunciada pelo primeiro-ministro português como uma das decisões tomadas na reunião com Pedro Pires. Pensa-se que o número destes imigrantes clandestinos rondará os 15 mil.

O grupo de trabalho, integrando representantes do MNE e do MAI de Portugal e do Ministério da Administração Interna de Cabo Verde, antecipa a discussão de boa parte da matéria que estava, em princípio, apenas prevista para a próxima reunião da comissão mista entre os dois países e dá bem a ideia da importância do problema. «Não podemos deixar de nos preocupar com as entradas ilegais em Portugal», concluiu o primeiro-ministro Cavaco Silva, acentuando que a posição portuguesa está a ser articulada com a da Comunidade Europeia.

Júlio Rodrigues

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ____ / ____ / ____ Pelo período de

☐ 1 ANO	— 18 000\$00
☐ 6 MESES	— 9 000\$00
☐ 3 MESES	— 4 500\$00
☐ 1 MÊS	— 1 500\$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00. • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas**
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

Informação

COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informam-se os Srs. Passageiros que, por motivo de trabalhos de revisão integral da catenária, são suprimidos, entre LISBOA (ROSSIO) E AMADORA, no dia 15 de Setembro, os seguintes comboios:

LISBOA (ROSSIO) - AMADORA

Comboios com saída de Lisboa (Rossio) às: 12.08h e 12.24h.

AMADORA - LISBOA (ROSSIO)

Comboios com saída da Amadora às: 12.38h e 12.54h.

CP — Caminhos de Ferro Portugueses
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano



Caminhos de Ferro Portugueses

FORUM

GENEALOGIAS DA ACTUALIDADE

A NOVA ORDEM
TRANSPOLÍTICA
DO TERROR

«O refém está para além da alienação, para além dos termos da alienação e da troca. Está em estado de excepção radical, de exterminação virtual»
— Jean Baudrillard

Nunca como agora, depois de ter rebentado o conflito no golfo Pérsico, se tinha assistido a um tão amplo consenso da opinião pública internacional. Tanto a Leste como a Oeste, todos parecem condenar a invasão do Kuwait e aprovar os impressionantes esforços consentidos pelos americanos para o restabelecimento da integridade territorial deste pequeno país feudal.

Mas o que torna suspeito este consenso generalizado é o facto de só aparentemente resultar de princípios racionais éticos e jurídicos que, como se sabe, não permitem a generalização mas a divisão e o confronto das opiniões. O que mobiliza actualmente a opinião internacional é, antes, o medo de, a partir de agora, nos confrontarmos com a realização total de algo que o poder sempre tinha conseguido diferir: a paralisia completa do funcionamento da máquina política. Saddam Hussein está a provar, com uma lógica imperturbável, perante a estupefacção do mundo, que o total congelamento da violência real equivale à instauração de um regime de violência muito mais terrível, do regime terrorista da violência simbólica imaginária. Saddam Hussein é, por isso, o mais fiel discípulo da teoria política e o mais lúcido herdeiro do próprio poderio americano. Não é por acaso que as armas com que mantém o mundo inteiro em alerta provêm, em grande parte, dos próprios arsenais da tecnologia ocidental.

A violência real que opõe o dominado ao dominante, ou que se exerce entre o pobre e o rico, com as suas diferentes formas históricas, acabou por estar contida e regulada pela instância política dos Estados, sujeita às regras do sistema de representação dos interesses antagonísticos e de gestão dos recursos nacionais. A violência imaginária, arcaica e selvagem, não obedece a qualquer sistema de regulação previsível. Mantém-se inteira e total, implicando tudo e todos numa espécie de solidariedade universal que, a cada momento, pode eclodir em qualquer parte e tornar reféns e cúmplices, sujeitos e objectos do terror, qualquer um de nós. Perante esta generalização da violência, não existe inocência nem possibilidade de substituição propiciatória.

É ao retorno da violência imaginária, à criogenização dos dispositivos de regulação da violência real, que estamos a assistir, indefesos, no golfo Pérsico. Esta criogenização da violência real é a verdadeira perante o devir transpolítico do poder, com a consequente transformação de todos nós em potenciais reféns. A situação é, ao mesmo tempo, caricata, dramática e obscena. Ao espectáculo folhetinesco das declarações televisivas de Bush, acompanhadas por desconfiadas tacadadas de golfo, dos comunicados iraquianos e dos gestos ternurentos de Saddam Hussein para com as crianças ocidentais sentadas no seu colo, contrapõe-se a situação generalizada de todos, tanto dos estrangeiros como dos iraquianos, em reféns dos próprios dispositivos de chantagem em que a política internacional se converteu.

É por isso que tanto tem razão

George Bush em chamar reféns aos estrangeiros retidos no Iraque e colocados como escudo nos macabros arsenais de armas químicas, como Saddam Hussein em chamar-lhes hóspedes e convidados. Na sua sabedoria, já os romanos tinham previsto a paralisia provocada pelo diferendo inscrito na própria língua, ao dizerem que só o «hostis», o inimigo, se pode transformar em «hospes», em hóspede. Dos nomes dados à realidade resulta, de facto, um interminável diferendo da realização total do projecto secreto do poder, confundindo num mesmo gesto o sujeito e o objecto do terror. É que a afirmação do poder não consiste tanto em aniquilar o inimigo mas em rendê-lo, em desarmá-lo, com eventuais amabilidades hospitalares, despojando-o assim até da veledade do exercício da violência. É a realização deste despojoamento que converte, hoje, tanto os iraquianos como os americanos em reféns dos próprios dispositivos mediáticos da linguagem, uma vez convertida em instrumento espectacular do horror, mais do que os espantosos arsenais militares acumulados no terreno.

Não é, de facto, a realidade, mas todo um conjunto indefinido de ameaças imaginárias, que nos converte hoje todos em reféns. Não é propriamente a ocupação do Kuwait que mobiliza hoje a comunidade internacional e mantém suspensa das imagens televisivas do conflito; é o facto de esta ocupação criar um terrível precedente de uma série de outras ocupações em cadeia que o fim dos mecanismos tradicionais de regulação e de partilha do mundo já não permite travar. Até agora, nenhuma outra ocupação tinha provocado semelhante mobilização. O que mobiliza a opinião pública é, por isso, uma realidade ausente, tanto a memória de outras ocupações do passado como a apreensão perante a possibilidade de indefinidas ocupações futuras, não limitadas ao desaparecimento de países distantes. Não foi só o Kuwait que Saddam Hussein ocupou; foi potencialmente o nosso próprio território. É esta a dimensão interminável da natureza chantagista da situação actual. Desapareceu a referência aos valores do direito internacional, com o fim da razão que ditou, durante 50 anos, a partilha do mundo pelas duas super-potências, mais nenhum termo nos resta para fazer parar o diferimento interminável da vontade de poder.

Mas este devir paralisante, com a consequente conversão de todos em reféns de todos, é a consumação histórica de um processo secular de generalização irrisória dos dispositivos do poder. Depois de consumada a estabilização do sistema político em torno da oposição entre a alienação e a troca, sistema que garantiu um generalizado processo securizante e ditou, deste lalta, as regras de funcionamento da política internacional e de partilha do mundo, só nos resta agora o regime do terror. O terrorismo, até agora ocasional, fragmentário e parcelar, acabou por se converter na forma generalizada e normal do exercício do poder. É este o resultado da proliferação e da saturação do próprio sistema político. Corremos assim o risco de ver o exercício da violência transformar-se numa prática irrisória, burlesca e obscena.



Adriano Duarte Rodrigues

Subitamente no Verão passado (IV)

O VOTO ALEMÃO

Durante a Grande Guerra, exilado em Zurich, Lenin dizia que os soldados que desertavam das trincheiras «votavam com os pés» contra os poderes constituídos. A sua fórmula tornou-se célebre e pode aplicar-se bem ao éxodo dos alemães da RDA no Verão passado, que assim antecipavam o sentido do voto eleitoral contra o regime comunista alemão no ano seguinte.

A marcha dos refugiados começou à meia-noite do dia 10 de Setembro, quando a fronteira austro-húngara foi aberta, para deixar passar, em trânsito para a Alemanha Federal, umas dezenas de milhares de veraneantes da RDA, que se tinham recusado a regressar ao paraíso no fim das férias. Em vez disso, exigiram partir para a Alemanha ocidental, que lhes garantia, como a todos os alemães, acesso automático à cidadania. Era, afinal, uma outra forma de regressar a casa, embora esta última tivesse consequências bem mais complicadas.

Desde logo, a decisão húngara foi um acto arriscado. A Europa de Leste estava a atravessar uma fase de forte instabilidade, entre a formação do primeiro governo não-comunista na Polónia e a crescente rigidez dos regimes da RDA e da Checoslováquia contra as tendências reformistas no bloco soviético. Ao abrir a sua fronteira com a Áustria, a Hungria violou tanto as regras do jogo sobre a circulação das pessoas nos territórios do Pacto de Varsóvia, como a letra dos tratados sobre a matéria que assinara com Berlim. Ao deixar partir os cidadãos de um Estado aliado para o ocidente, as autoridades de Budapeste punham em causa a «cortina de ferro», que existia justamente para impedir esse movimento e deixou de existir nesse Domingo.

A resposta da RDA foi brusca e violenta, com a acusação de interferência nos seus assuntos internos, lesiva do seu estatuto como Estado soberano - o que era estritamente exacto. Mas a Checoslováquia ficou em silêncio, enquanto a Polónia aplaudia, e Moscovo se limitava a comentar que se tratava de um gesto «inesperado e pouco usual», ao mesmo tempo que despachava Yegor Ligachev para consolar *in loco* Erich Honnecker, o que convenceu toda a gente que os dirigentes húngaros tinham antecipadamente obtido um *nilhil obstat* da URSS.

Três meses antes, Gorbachev, procurando replicar em Bonn ao desafio do presidente Reagan para demolir o muro de Berlim, dissera que «nada era eterno». Em Setembro, a pressão dos refugiados e a decisão húngara tinham tornado o muro funcionalmente supérfluo - a menos que as autoridades da RDA proibissem as pessoas de viajar mesmo para os países irmãos e vizinhos.



Carlos Gaspar

O movimento dos que desertavam a trincheira do comunismo era simultaneamente um «voto com os pés» contra o regime e uma forma de exprimir uma vontade de reunificação nacional alemã. Foi essa a conclusão que o embaixador dos Estados Unidos em Bonn, Vernon Walters, quis ser o primeiro a tirar, declarando que a divisão da Alemanha «não era natu-

ral». E, com efeito, a criação da RDA quarenta anos antes fora, nas palavras de Laurenti Beria, uma invenção artificial da RFA. Na sequência da mensagem do seu representante, o presidente norte-americano acrescentou que previa para a próxima década a mudança do estatuto da Alemanha.

Quem não partilhava este prudente cálculo eram os interessados. Nas semanas seguintes ao éxodo, a continuação do movimento surgiu num sentido inverso, muito mais preocupante, quando em Leipzig começam a manifestar-se os que não queriam ter que partir para serem livres: no princípio, a palavra de ordem, ameaçadora, era *Wir bleiben hier* (Nós ficamos), pouco depois passou a ser decisiva - *Wir sind ein einziges Volk* (Somos um só povo), o apelo, de baixo para cima, à reunificação.

Neste sentido quase linear, o «voto com os pés» marcou o princípio do fim da divisão da Alemanha em dois Estados, bem como o *modus faciendi* da união, com o termo da existência do regime comunista e a dissolução da RDA, o que veio a acontecer irremediavelmente com as eleições de Março de 1990. Eis como, a partir de Setembro passado, a velha «questão alemã» voltou a ser o problema principal da política europeia, e mal se começava a pensar no assunto já a reunificação dos dois Estados alemães era um facto consumado, sem sequer esperar pelo princípio da década de noventa.

No fim do Verão de 1989, a Europa estava outra vez irreconhecível. O monopólio comunista do poder terminara na Polónia - a Hungria, a Checoslováquia e a RDA seguiriam o seu exemplo nos meses seguintes. A «cortina de ferro» desabara na fronteira austro-húngara - o muro de Berlim caiu três meses mais tarde: a divisão da Europa chegara ao fim e a da Alemanha tornara-se insustentável. Os baltas comemoraram o aniversário do pacto germano-soviético anunciando a sua determinação de restaurar o *statu quo ante* - no ano seguinte a Lituânia ousou declarar restaurada a sua independência, enquanto a maioria das repúblicas federadas, incluindo a Rússia e a Ucrânia, proclamavam a sua soberania. Em três meses, a divisão da Europa deixara de existir e a do império soviético dera os seus primeiros passos.

Nesta segunda fase de evolução da Europa central e oriental, a «refolução» iniciada subitamente no último Verão, foram menos os Estados e mais os movimentos sociais e a opinião pública europeia os factores decisivos de mudança. A partir de um contexto criado pela viragem soviética - a primeira fase - a acção destes movimentos e a influência da opinião foi crucial para tornar irreversível a transição pós-comunista na Europa central, forçar a dissolução, ao menos nominal, dos regimes comunistas na Europa oriental, ou evitar o pior na Lituânia. Foi preciso correr riscos: Walesa e o *Solidarnosc* recusaram a continuidade do poder comunista, os comunistas húngaros a prisão por trás da «cortina de ferro», a oposição lituana a ocupação soviética - e a cada passo tornar banal o que antes era impensável.

A terceira fase está a começar, menos épica e mais complexa. Depois da transição, falta saber se os regimes pós-comunistas serão democracias pluralistas, mais ou menos estáveis, ou se à «refolução» se sucederá a «democratização».

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David,
Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira,
João Galamba
de Oliveira, José Luís Feronha,
Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques,
Alves Henriques,
Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Carlos Camponoz, Céu Neves,
Daniel Reis, Dina Soares,
Duarte Calvão, Elsa Andrade,
Emília Trindade, Ernesto Sampaio,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria,
Maria Antónia Martinho,
Maria João Martins, Maria João Rocha,
Maria José Belo Marques,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alessandra Balsamo,
Francisco Paraiso, Isabel Joyce,
Jorge Falorça e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo,
Brito e Pedro Palma

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo
e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos,
Óscar Figueiredo
e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pios, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

O IRAQUE, APÓS A CIMEIRA DE HELSÍNQUIA

O objectivo principal da Organização das Nações Unidas é a manutenção da paz e da segurança internacionais e, para a solução dos conflitos que ameaçam essa paz, o Conselho de Segurança ou, em certos casos, a Assembleia Geral, podem optar por diversas modalidades de acção.

Como primeiro passo surge, normalmente, o desenvolvimento de intensa actividade política e diplomática que poderá incluir o recurso à mediação (várias vezes assumido pelo secretário-geral Perez de Cuellar) e acabar no embargo ao fornecimento de armamento ou no boicote económico.

Se o objectivo é a suspensão de combates, a fiscalização de tréguas ou de eleições, ou ainda a consolidação de uma situação de paz instável, a ONU tem recorrido a diversos tipos de operações para a manutenção da paz, com designações diversas, em que colaboram civis e militares, desarmados ou dispostos de armas portáteis de defesa individual (são os Capacetes Azuis que, em 1988, receberam o Prémio Nobel da Paz).

Em casos excepcionais — e quando considerar que se esgotou toda a capacidade de diálogo —, a ONU pode decidir recorrer à força armada para fazer respeitar a ordem internacional.

Uma decisão deste tipo terá que merecer o voto favorável de nove membros do Conselho de Segurança, incluindo obrigatoriamente o voto afirmativo dos cinco membros permanentes (Estados Unidos, União Soviética, China, Reino Unido e França).

Atendendo a que cada um destes cinco membros permanentes têm direito de veto, a situação de confronto Leste-Oeste, que se estava vivendo, sempre impediu que fosse decidido o uso da força armada na regularização de qualquer conflito ou na imposição de qualquer resolução. Exceptuou-se o caso da guerra da Coreia, em 1950, por «descuido» da URSS que, não tendo comparecido à reunião do Conselho de Segurança em que o assunto foi discutido, não pôde usar o seu direito de veto.

O confronto Leste-Oeste tem-se estado a desvanecer e não influenciou a recente condenação pelo Conselho de Segurança da invasão do Kuwait pelo Iraque. Nenhum dos membros permanentes do Conselho usou o seu direito de veto na votação de qualquer das cinco resoluções de condenação da invasão iraquiana ou de imposição de sanções económicas ao agressor. Foi uma atitude única, desde a criação da ONU.

No entanto, dois dos membros permanentes (França e URSS) só aceitam o recurso à força armada para fazer respeitar as sanções impostas, ou num outro quadro que venha também a ser decidido pela ONU. A China tem tido uma atitude bastante discreta,

mas poderá, talvez, recusar qualquer tipo de intervenção militar, uma vez que tem afirmado que a solução da crise deve nascer no seio do mundo árabe.

A solução de um conflito internacional como este não pode depender apenas da vontade de um grupo de países organizado segundo critérios raciais ou religiosos e que, aliás, já se mostrou impotente para o resolver. A Carta das Nações Unidas, que a todos igualmente obriga e que todos se apressam a evocar quando lhes convém, é bem clara.

O Presidente Hussein tem-se mostrado de uma intransigência e inflexibilidade totais. A sua atitude em relação aos reféns tem três objectivos: evitar ou demorar o ataque pelas Forças Armadas internacionais deslocadas para a área, tentar levar a opinião pública das democracias ocidentais a pressionar os parlamentares no sentido de se oporem a uma eventual intervenção armada e ganhar tempo.

O Presidente Hussein precisa de tempo para influenciar a nação árabe e neutralizar os persas: pretende substituir a sua imagem de agressor pela de vítima e de defensor do povo árabe e do islamismo; pretende virar as populações dos países árabes contra os seus governos; pretende o alistamento de voluntários, embora eles não sejam muito úteis na eventualidade de um conflito armado com as características do que ameaça o Médio Oriente.

A comunidade internacional tem-se mantido firme na exigência da retirada das forças invasoras iraquianas e na restauração do governo legítimo do Kuwait.

Após a Cimeira de Helsínquia, o resumo de sete horas de diálogo entre os Presidentes das duas superpotências reafirma categoricamente estas posições e manifesta a intenção de continuar a respeitar a Carta das Nações Unidas.

Assim, parece só restarem duas hipóteses: aguardar os efeitos do «bloqueio» que se deverá manter, com maior rigor, ou recorrer ao uso da força armada para repor o regime legal no Kuwait, ao abrigo do disposto no Artigo 42.º da Carta das Nações Unidas.

A primeira hipótese tem o perigo de dar mais tempo à propagação que o Presidente Hussein vem desenvolvendo sobre as populações árabes. A eventualidade de conseguir fomentar perturbações internas nos países árabes teria tal gravidade que importaria uma solução rápida para a crise.

A segunda hipótese dependerá de nova Resolução do Conselho de Segurança, sem veto de qualquer dos membros permanentes. O problema poderia depender da atitude da China, embora esta tenha já apoiado as cinco Resoluções anteriores.

Se a primeira hipótese não resultar (as pressões sobre Hussein são tremendas), não parece haver já outra solução, no âmbito da Carta das Nações Unidas, para além da intervenção militar.



António Emilio Sacchetti

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

De um artigo de Teresa de Sousa:

(...) Os cidadãos portugueses (tal como os seus «irmãos» espanhóis) apenas poderão circular livremente nos países comunitários a partir de 1993 e, mesmo assim, o processo está sujeito a negociação. O simples facto de os cidadãos da (ainda) RDA poderem vir a usufruir desse direito a partir da unificação por passarem a pertencer a um país (a RFA) que já o tem devia ser, pelo menos, um forte argumento político da parte portuguesa para exigir o fim das restrições. Sob pena de se admitir, ainda que veladamente, que a construção europeia terá de ser feita, inevitavelmente, a duas velocidades. (...)

12.SET.90

Diário de Notícias

De um editorial:

(...) Apesar de ser esta a realidade e de os Alemães de Leste terem de pagar duramente os custos de uma transformação que os iguale aos seus irmãos da RFA, Portugal não pode aceitar uma situação discriminatória, no quadro dos membros da CEE, ao ver restringida a circulação dos Portugueses no espaço comunitário e ao não se colocarem problemas a que aquela seja livre para os cidadãos de um país que, neste momento, ainda não se integrou na área do Mercado Comum. (...)

12.SET.90



De um artigo de Jacinto Ferreira:

(...) Só podem ser consideradas ideias políticas os princípios básicos formadores de ideologias e caracterizando agrupamentos (partidos) que se propõem modelar as sociedades humanas mediante a orientação em determinado sentido da governação dos povos. São assim as ideias socialistas-comunistas, as da democracia-cristã, etc. Tudo o que for diferente disto terá de ser catalogado nas pequenas ideias dos políticos, as quais, em muitos casos, até podem ser análogas em agrupamentos antagónicos.

Ideias políticas não podem ser roubadas. Qualquer lucubração cerebral só atinge a categoria de ideia quando trazida à luz do conhecimento geral.

E que melhor triunfo para qualquer ideia do que o de ser adoptada pelos adversários? (...)

12.SET.90



De um artigo de Roque Lino:

(...) A televisão portuguesa escolheu bem. Dá-nos grandes planos do Tejo, donde partiram as naus, e deambula pelos bazares de Constantinopla, onde fervilham multidões. Colocado no centro desta aventura, Albarran continuará a locomover-se entre o Cairo e Amã, quem sabe se entre Meca e Medina, e daqui para Ancara (ou Ancara, como um locutor gosta de sublinhar). Feitas as contas e paga a factura da transmissão por satélite, ficaremos todos a saber mais geografia e que Eilat está mesmo ali ao pé de Akaba, nesta guerra de nervos que nunca mais acaba. E saberemos ainda que aqui se passa fome e sede e além abunda a comida na mesa dos filhos de David e corre o vinho das vinhas de Abel.

A mímica de talentos, que deita fora como as três Marias (a Palla, a Elisa e a Marante), a televisão vegeta no pântano da mediocridade informativa. Nacional e internacional.

12.SET.90

INTERNACIONAL

Lobbies pró-UNITA e pró-MPLA confrontam-se em Washington

EUA aprova nova ajuda aos rebeldes angolanos

A Comissão dos Serviços Secretos da Câmara dos Representantes norte-americana aprovou, ontem à noite, a continuação da assistência militar aos rebeldes angolanos para o ano fiscal de 1991, depois de uma semana de intensas movimentações dos lobbies pró-UNITA e pró-MPLA.

O total da ajuda não foi revelado, mas segundo fontes citadas pela AFP e pela Agência Lusa os montantes rondarão entre os 60 e os 100 milhões de dólares (entre 9 e 15 milhões de contos).

Em declarações à rádio «Voz da América», fontes diplomáticas angolanas afirmaram que a «UNITA ganhou a batalha mas não ganhou a guerra», numa clara referência às movimentações ainda a desenvolver pelos lobbies, nomeadamente com a passagem da proposta da Administração Bush nos plenários da Câmara dos Representantes e do Senado.

O Governo angolano, que enviou a Washington o general Roberto Leal Monteiro, o principal conselheiro militar de José Eduardo dos Santos, vai tentar que o plenário da Câmara dos Representantes introduza emendas com vista a limitar ou adiar a entrega do

material militar ao movimento de Jonas Savimbi.

Propostas idênticas estavam previstas para a reunião de ontem, mas segundo afirmaram fontes próximas da Comissão dos Serviços Secretos à agência Lusa, a proposta da Administração «não foi alterada».

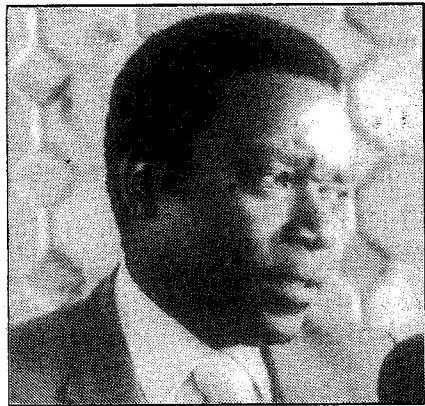
O Governo de Luanda está a apostar em alguns sinais de flexibilidade no sentido de travar a iniciativa norte-americana de apoio à UNITA. Ainda ontem, numa entrevista concedida ao «Washington Post», Roberto Monteiro afirmou que o Governo angolano estaria disposto a conceder um «estatuto especial» à UNITA em troca da assinatura de um cessar-fogo com os rebeldes. Esta questão, recorda-se, esteve na origem do impasse verificado na última ronda de conversações realizada em Lisboa. No entanto, a diplomacia angolana tem de enfrentar uma forte corrente de opinião existente na Casa Branca e no Congresso, segundo a qual a redução da ajuda militar aos rebeldes «encorajaria apenas a procurar novamente o campo de batalha em vez da solução política».

Neste momento, não existem pormen-

ores sobre a proposta angolana, mas tudo indica que esta posição se destina a contornar as dificuldades em conceder ao movimento rebelde o estatuto de «força política», uma vez que a Constituição angolana não prevê o multipartidarismo no país. A questão do «estatuto especial», em vez do reconhecimento da UNITA como força partidária - uma cedência dos rebeldes negociada na última ronda de conversações em Lisboa -, poderá permitir ao Governo angolano o reconhecimento do movimento de Jonas Savimbi através da aprovação de uma lei especial sobre o assunto.

Estas e outras questões foram abordadas nos encontros secretários efectuados ontem pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Durão Barroso, com o chefe da diplomacia da UNITA, o general Tony da Costa Fernandes e, posteriormente, com o ministro das Relações Exteriores de Angola, Pedro de Castro Van-Dunen, «Loy». Cavaco Silva recebe hoje o responsável da diplomacia angolana, que é portador de uma carta de Eduardo dos Santos.

Redacção «DL»/AFP/Lusa



Van-Dunen, «Loy», Durão Barroso, Tony da Costa Fernandes: prepara-se a quarta ronda de conversações MPLA-UNITA, a realizar ainda este mês



Gorby: o povo é quem mais ordena

Gorbachev anunciou, a noite passada, na televisão soviética, que o plano de reformas económicas da URSS vai ser encaminhado para os Parlamentos da União e das suas repúblicas federadas.

O presidente soviético acrescentou: «Todo o país deverá discutir isto e decidir. Vai ser uma escolha difícil, complicada, mas não deverá ser nunca a escolha de um indivíduo ou de um grupo. É o povo quem está obrigado a escolher».

As declarações de Gorbachev surgiram horas depois do termo de um confuso e tempestuoso debate no Parlamento soviético, durante o qual se confrontaram o plano radical do economista Chatalin e o moderado do primeiro ministro Rijkov.

Embora o presidente soviético tenha em grande parte desautorizado as teses do seu primeiro ministro, nem por isso deixou de incluir na fórmula final do plano de reformas económicas algumas das medidas propostas por Rijkov.

Redacção «DL»/Lusa

CEE defende-se da unificação alemã

Do nosso correspondente em Bruxelas

O Conselho de Ministros dos Assuntos Gerais, reunido em sessão especial, decidiu conferir poderes à Comissão Europeia para, durante três meses, tomar medidas urgentes relacionadas com a reunificação alemã. Dada a antecipação do evento para 3 de Outubro próximo, pretende-se desta forma colmatar a possibilidade de um vazio jurídico.

Um elemento belga de Comissão Temporária Para a Unificação Alemã, Claude Desama, afirmou que isto «não significa a passagem de um cheque em branco à Comissão». Acrescentou que «iremos analisar as propostas e haverá uma troca permanente de informações». A Comissão Europeia havia procedido o pedido para não seguir os procedimentos habituais, quer dizer não ficar condicionada à obrigatoriedade de um período de três meses para a análise e adopção das disposições transitórias.

Entre as medidas que a Comissão será autorizada a tomar encontram-se derrogações nas áreas do ambiente e das

relações comerciais. O Executivo de Bruxelas pretende, por exemplo, evitar, que as importações feitas pela RDA e provenientes de outros países do Leste venham perturbar as trocas comerciais comunitárias.

Portugal exige

O secretário de Estado português da Integração Europeia assistiu à reunião. Referiu que medidas serão tomadas a partir de Outubro e, a partir dessa altura, Portugal não aceitará que a RDA beneficie de condições mais favoráveis do que as previstas no tratado de adesão do nosso país à Comunidade.

A esse propósito, Vítor Martins referiu o caso da decisão que limita a circulação dos portugueses até final de 1992. Para o governante português, se esta medida não for aplicada aos cidadãos da RDA, então terá de ser levantada quanto aos portugueses.

Vítor Martins disse acreditar que um eventual política entre os Doze poderá evitar eventuais medidas discriminatórias.

José Rui Cunha

B R E V E S

Morreu Gian Carlo Pajetta



Gian Carlo Pajetta, um dos dirigentes históricos do Partido Comunista Italiano (PCI), morreu ontem à noite na sua casa em Roma. Pajetta contava 79 anos e aderira à Juventude Comunista aos 14 anos. Devido à sua actividade política anti-fascista foi expulso de todas as escolas que frequentou. Condenado e preso por duas vezes pelos tribunais especiais de Benito Mussolini. Foi director da edição de Milão do diário comunista «L'Unità» e membro da direcção do partido desde 1945. Pajetta ocupou-se especialmente, tanto no PCI como no Parlamento, de questões internacionais,

tendo sido eleito deputado 11 vezes.

Tortura reaparece no Brasil

Três oficiais da aviação militar brasileira (FAB), entre os quais o comandante de uma base, foram acusados de praticarem torturas e deverão ser julgados por um tribunal militar. A acusação teve origem numa queixa apresentada às autoridades militares por quatro soldados que disseram ter sido alvo de torturas durante a realização de um inquerito sobre o desaparecimento de armas. O crime de tortura foi introduzido na legislação brasileira com a Constituição de 1988, mas o Congresso Nacional brasileiro ainda não votou a lei que define o crime e a pena correspondente.

Castro reconhece graves dificuldades

Fidel Castro, agraciado com o título honorário da Universidade Nacional do Perú, reconheceu nessa ocasião que o seu país enfrenta «o momento mais difícil» desde o início da revolução em 1959. O chefe de Estado cubano referiu como causas desse período crítico a falta de abastecimento de petróleo soviético, a crise do Golfo e a continuação do bloqueio económico norte-americano contra o seu país. Castro que já falara do racionamento de combustíveis e de uma redução de 10 por cento no consumo de energia em lares e instalações industriais, anunciou ainda a suspensão dos trabalhos numa mina de níquel.

Aumentam mortes por overdose na Itália

O número de mortes provocadas pelo abuso de estupefacientes em Itália continua a aumentar. No ano passado o balanço das vítimas de overdose chegou muito perto do milhar. Este ano, contabilizando os casos registados nos primeiros oito meses de 1990, as mortes por overdose são já 766. Este valor representa, segundo os cálculos divulgados pelo Ministério do Interior italiano, um incremento de 10 por cento sobre o período correspondente em 1989, época em que a intervenção policial parecia recuar. A Itália adoptou há pouco mais de dois meses uma rígida legislação anti-droga, é por isso muito cedo para esperar resultados significativos, consideram as autoridades.

Pentágono estuda sexo no quartel

Segundo um estudo divulgado pelo Pentágono, quase dois terços das mulheres que prestam serviço no exército norte-americano são alvo de assédio sexual pelos seus companheiros do sexo masculino e cerca de três por cento são vítimas de violações e de assaltos. Ainda segundo este estudo os homens também, embora em menor escala, são assediados sexualmente, quer pelos seus companheiros, quer pelas mulheres. Sessenta por cento dos homens inquiridos denunciaram terem sido assediados por uma ou mais mulheres enquanto 75 por cento das inquiridas do sexo feminino afirmaram terem sido vítimas de assédio por homens que actuaram sozinhos. As mulheres representam 11 por cento dos dois milhões de efectivos das Forças Armadas norte-americanas.

ECONOMIA

B R E V E S

Siderurgia Nacional com apoio da CECA

A Siderurgia Nacional conta com a terceira «tranche» do empréstimo, para reestruturação, concedido pela Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), já aprovada. O empréstimo, de quatro milhões de contos, será obtido no mercado nacional através de uma emissão da CECA por intermédio de um sindicato bancário liderado pelo BPI, verba a que será acrescida uma dotação, do Governo, que espera aprovação após o acordo do Ministério das Finanças. O financiamento do plano de reestruturação da SN é apoiado em 65 por cento pela CECA e em 35 por cento pelo Estado português.

SLIBAIL Portuguesa lança empréstimo

Um empréstimo obrigacionista de dois milhões de contos, com subscrição hoje e amanhã, foi lançado pela SLIBAIL Portuguesa, a primeira empresa de «leasing» nacional. O prazo do empréstimo é de cinco anos e a taxa de juro do primeiro cupão é de 20 por cento, a que corresponde uma taxa líquida de 15 por cento, sendo o pagamento dos juros feito semestralmente.

Empresários nortenhos reúnem-se com Beleza

O ministro das Finanças, Miguel Beleza, desloca-se amanhã ao Porto, a convite da Associação Industrial Portuense, para uma reunião com empresários locais. Do programa consta uma intervenção em Matosinhos sobre concertação social, combate à inflação, efeitos da crise no Golfo e União Económica e Monetária. Mais tarde haverá um encontro partidário, onde será debatida a situação económica e financeira nacional.

Bancos e seguradora passam a ser SA

Os Bancos Fonecas Burnay e Pinto e Sotto Mayor, bem como a Companhia de Seguros Bonança passam a ser sociedades anónimas de capitais públicos. Os decretos-leis do Ministério das Finanças, ontem publicados, definem a transferência automática dos direitos e obrigações das EP para as correspondentes SA, no que é a antecipação das privatizações.

CNEP quer austeridade para poder colaborar

Conselho empresarial defende menos inflação e maior garantia de estabilidade social para assegurar apoio ao Governo

O Conselho Nacional das Empresas Portuguesas (CNEP) afirmou ontem, pela voz do seu presidente, Ferraz da Costa, que as confederações que o integram poderão colaborar com o Governo. A contrapartida será, contudo, uma maior austeridade e menor inflação.

Durante uma conferência de Imprensa que foi promovida ontem pelo CNEP em Lisboa, com o tema de análise do PESAN, as confederações que o integram - CIP, CAP e CCP, dizendo-se dispostas a colaborar com o Executivo, não deixaram de exigir uma «redução acentuada» das despesas públicas no próximo ano.

No entender destas organizações empresariais, o que é preciso, para que Portugal progrida, é austeridade. Disse Ferraz da Costa que «se o Orçamento de Estado para 1991 for de austeridade, traduzindo menos inflação, as confederações agrupadas no CNEP estão dispostas a colaborar com o Governo».

Embora, por definição, os pressupostos não sejam os mesmos, o CNEP usa palavras de outros parceiros sociais representantes dos trabalhadores, no que se refere à inflação. Também o Conselho a quer ver diminuída. «Com menos inflação - afirmou Ferraz da Costa - é mais fácil negociar um acordo social.» E acrescentou ser urgente a tomada de medidas de austeridade, tendo em vista a redução da inflação.

No que se refere ao tema específico da



Ferraz da Costa definiu as suas regras de jogo

conferência de Imprensa, o PESAN - Progresso Económico e Social para os Anos Noventa - o presidente do CNEP considerou «imprescindível que, para o acordo ser sério, na sua vigência, os conflitos se resolvam por recurso a negociações e arbitragens e sem recurso à greve».

As alternativas podem passar, em-

bora tal não tenha sido dito, pela redução de prerrogativas dos trabalhadores ou por um espírito mais dialogante, por parte do Governo, embora nem sempre compita a este definir administrativamente as posições que os empresários devem assumir.

O presidente do Conselho acrescentou que a estabilidade das regras do jogo, o conhecimento antecipado das mudanças significativas e a tomada em consideração dos encargos e dificuldades, para as empresas, das decisões tomadas serão condições necessárias que devem ser garantidas, para que os agentes económicos tenham confiança no Governo.

A leitura das afirmações proferidas aponta para que, mais que o diferendo entre empregados e empregadores, os empresários e demais agentes querem que a estabilidade tenha a sua nascente no local apropriado - a montante. É, pois, ao Governo que cabe o papel principal de estabilizador.

Noutro campo, Ferraz da Costa pronunciou-se sobre o «grau de incerteza sobre o futuro», que diz ter aumentado com as repercussões da crise no Golfo. Nesse sentido defendeu que seja adoptada a maior prudência na política orçamental para 1991.

A situação serviu mesmo a Ferraz da Costa como suporte para que afirmasse haver uma razão adicional «para reforçar a política anti-inflacionista».

EDP leva privatização a Luxemburgo

O programa de reestruturação da Electricidade de Portugal, através da entrada de capitais privados, vai continuar em bom ritmo, seguindo um modelo que passa pela criação de uma empresa de produção que englobará todas as centrais da EDP actualmente em exploração.

A privatização da EDP foi, aliás, o ponto principal do III Colóquio sobre problemas de gestão financeira da produção e distribuição de energia eléctrica realizado esta semana em Luxemburgo, na qual esteve presente o secretário de Estado da Energia, Nuno Ribeiro da Silva.

Na altura, Ribeiro da Silva atribuiu a «razões financeiras» o condicionamento das transformações na EDP, razões que teriam a ver com o facto da EDP depender dos credores internacionais de quem recebe, para o financiamento da sua actividade, mais de 60 por cento dos apoios que necessita.

Outros pontos foram discutidos nesta reunião de Luxemburgo, nomeadamente a criação de uma empresa reguladora do sistema eléctrico português e deten-

tora das redes de transporte e de interligação com a Europa, bem como de empresas directamente responsáveis pela distribuição de energia eléctrica em todos os níveis de tensão.

Nuno Ribeiro da Silva disse, por outro lado, que seria criada uma nova empresa cujo objectivo era o de proceder à concepção e à engenharia de projectos. Salientou ainda o secretário de Estado da Energia que era necessário levar à prática uma política de «verdade de preços» e a elaboração de um novo diagrama tarifário, para além de um maior rigor no pagamento atempado dos consumos, bem como os novos normativos técnicos e de segurança.

Este colóquio foi organizado pela Unipede, União Internacional dos Produtores e Distribuidores de Energia Eléctrica, e estiveram presentes, entre outros, Gaston Thorn, presidente do Banco Internacional, no Luxemburgo, Pierre Delaporte, presidente da Electricidade de França, Herbert Reinhard, presidente da RWE, da Alemanha Federal e Ian Preston, presidente do Scottish Power, da Grã-Bretanha.

Liberalização dos preços veio na pior altura

Revendedores de gás afirmam-se lesados

Os revendedores de combustíveis afirmam-se prejudicados com a recente decisão do Governo de liberalizar os preços do gás, medida que foi de imediato aproveitada pelas empresas distribuidoras para promoverem aumentos na ordem dos 25 por cento. A Associação Nacional de Revendedores de Combustíveis (Anarec) sempre foi favorável à liberalização da venda ao público dos combustíveis, mas agora manifesta-se em desacordo com a decisão governamental em aplicá-la. Para a Anarec, tal decisão é inoportuna «num momento de crise e incerteza no mercado de combustíveis», mas também pelas «consequências graves que daí podem resultar para o público em geral e para os revendedores em particular».

Pelo que lhes diz respeito, os revendedores queixam-se de que a sua situação se agravou. Explica a Anarec: Por um lado e só em 1990, a margem para a revenda aumentou 1\$40 por quilo, enquanto para as empresas distribuidoras (Petrogal, BP, Mobil, Shell e Esso) subiu 6\$144 (gás butano) e 5\$901 (gás propano).

Por outro lado, acrescenta, os custos com pessoal, previdência, seguros, instalações e com combustíveis líquidos (nomeadamente o gasóleo, que também sofreu dois aumentos de preços) indispensáveis à circulação dos veículos utilizados pelos revendedores para entregas domiciliárias, têm vindo a ser «grandemente agravados ao longo destes últimos anos sem a correspondente contrapartida».

Refere ainda que o aumento da margem de revenda, depois dos novos preços do gás, se situa em pouco mais de um por cento, pelo que consideram que o grande agravamento do preço no consumidor resulta do aumento de cerca de 25 por cento decretado, pelas empresas distribuidoras. Lembra ainda que, a partir de agora e em consequência do regime de preços livres, deixou de existir qualquer preço máximo para a venda de gás.

COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44\$20	50\$20
ALEMANHA FED. (marco)	87\$55	88\$75
ÁUSTRIA (xelim)	12\$45	12\$65
BÉLGICA (franco)	4\$067	4\$317
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	11\$825	121\$75
(notas de 5 a 1000)	11\$875	122\$25
DINAMARCA (coroa)	22\$95	23\$35
ESPAÑA	1\$357	1\$477
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	13\$890	142\$40
(notas de 5 a 1000)	13\$840	142\$90
FINLÂNDIA (marka)	37\$30	37\$90
FRANÇA (franco)	26\$15	26\$85
HOLANDA (florim)	77\$70	78\$80
IRLÂNDIA (libra)	23\$825	24\$825
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (iene)	\$964	1\$019
NORUEGA (coroa)	22\$70	23\$20
REINO UNIDO (libra)	25\$890	26\$440
SUÉCIA (coroa)	23\$90	24\$40
SUÍÇA (franco)	105\$10	106\$60
VENEZUELA (bolívar)	2\$387	3\$187

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

QUOTIDIANO

Auto-suficiência de sangue prevista para os próximos anos

«Portugal terá, em breve, auto-suficiência de sangue», afirmou, ontem, em Setúbal, Carvalho Santos, presidente do Instituto Nacional do Sangue. Anunciou, também, que, «vão em breve ser criados três centros regionais de sangue — Lisboa, Porto e Coimbra», capazes de assegurar as suas principais reservas».

Carvalho Santos, que presidiu à cerimónia de entrega de medalhas a diversos doadores benévolos de sangue, em representação do Ministério da Saúde, referiu a necessidade de «um aumento de doadores porque

sem eles não há transfusões», disse.

Na sua intervenção, o presidente do Instituto Nacional de Sangue acrescentou que para que Portugal consiga suprir o seu elevado défice sanguíneo tem de haver «um cada vez maior empenhamento das populações».

«Os doadores benévolos, voluntariamente, e a organização de doadores nas empresas são necessários para que se obtenha cada vez mais sangue», disse Carvalho dos Santos.

«Na verdade, estão a ser criadas condições para que se caminhe para uma auto-

suficiência mas só nos próximos anos essa auto-suficiência poderá ser uma realidade», afirmou, hoje de manhã, ao DL, Helena Gonçalves, médica responsável pelas colheitas naquele Instituto.

Segundo Helena Gonçalves, «a implantação dos centros de sangue, a nível regional e uma maior e mais alargada promoção da dádiva de sangue» irá possibilitar uma recolha mais significativa e eficaz. No entanto, «em alguns casos há ainda que implantar os edifícios nos terrenos e noutros, já existentes, há que reconverter-los, equipá-los e dotá-los de pessoal qualifi-

cado», adiantou Helena Gonçalves.

Segundo estatísticas oficiais, a média de dádivas de sangue, a nível nacional, atingiu, no ano passado, as 180 mil unidades colocando o nosso País numa posição pouco superior à da Turquia, país onde se regista o menor índice de dádivas sanguíneas.

Em Portugal, para ser atingido um índice muito próximo da auto-suficiência, seria necessária uma recolha de cerca de 55 mil unidades de sangue, estando garantidas, por ora, as 22 mil.

Redacção/Lusa / «DL»

Cabo-verdianos regularizam situação

Grande parte dos cabo-verdianos emigrados clandestinamente para Portugal poderá ter a sua situação legalizada a curto prazo sem risco de incorrerem em penalização judicial», disse, ontem, o Secretário de Estado da Administração Interna.

Luis Madureira, que falava após uma audiência que manteve com o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Emigração de Cabo Verde, António Lima, referiu este tipo de emigração como uma problemática delicada que está a ser encaminhada com fluidez».

Durante a audiência, foram também abordados aspectos relacionados com um protocolo existente entre os dois governos sobre as condições de acesso ao crédito à habitação dos mais de 20 mil cabo-verdianos ilegais residentes no País.

Metade das secundárias abre na segunda-feira

O ministro da Educação, Roberto Carneiro disse, ontem, que cerca de 90 por cento das escolas primárias e entre 50 a 60 por cento dos estabelecimentos do ensino preparatório e secundário abrirão no dia 17 de Setembro.

«As aulas nunca começaram tão cedo, o que demonstra bem a normalidade que está a caracterizar o início deste ano lectivo», afirmou Roberto Carneiro à saída de uma reunião com a Comissão Parlamentar de Educação, Ciência e Cultura.

No distrito de Lisboa, 226 das 321 escolas preparatórias e secundárias abrangidas pela Direcção Regional de Educação de Lisboa (DREL) iniciam o ano lectivo na semana entre 17 a 22 de Setembro, revelou a responsável por este serviço.

Na área sob jurisdição da DREL, que abrange 51 municípios e 408.970 estudantes do preparatório e secundário de Lisboa, Setúbal, Torres Vedras e Santarém, prevê-se que 91 escolas reabram entre 24 e 29 de Setembro, 3 na primeira semana de Outubro e sómente uma, de Cruz de Pau, até 15 de Outubro.

Quanto ao antigo ensino primário, actual 1º ciclo do ensino básico, prevê-se que, no distrito de Lisboa, 34,7 por cento das escolas

abram entre 17 e 21 de Setembro. Em Santarém, essa percentagem é de 92 e em Setúbal de trinta.

No capítulo do apoio sócio-educativo, a directora da DREL, Lurdes Neto disse que, «por razões de falta de pessoal», 11 escolas recorrerão a empresas particulares de fornecimento de refeições, «estando em estudo o alargamento» da utilização deste sistema.

Em termos de segurança nos edifícios escolares, Lurdes Neto garantiu que «não vão abrir escolas com problemas de segurança», tendo acrescentado que o vandalismo nocturno, «não pode ser debelado apenas pelo Ministério da Educação», mas apenas «em colaboração» com as forças policiais.

Entretanto, o preço dos materiais escolares registou, este ano, um aumento médio de 10,4 por cento relativamente a Setembro de 89, revela um estudo da Direcção-Geral de Concorrência e Preços (DGCP).

O estudo, divulgado ontem, foi efectuado na primeira semana deste mês junto de vários estabelecimentos comerciais de Lisboa e abrangendo 23 produtos, alguns dos quais sob diferentes formas de comercialização, totalizando 41 artigos.

CGTP prepara lutas

O plenário nacional da CGTP mandou ontem o Conselho Nacional da central para intensificar a luta sindical se o Governo e o patronato não responderem às suas reivindicações.

Ao usar da palavra na abertura do encontro, realizado em Lisboa, o coordenador da central, Carvalho da Silva, disse que a CGTP vai lutar por um «crescimento seguro» dos salários, pela melhoria significativa das prestações sociais e redução do horário de trabalho. Após a reunião, sublinhou: «Estamos empenhados em participar num diálogo construtivo e na obtenção de respostas positivas às nossas reivindicações, que são mais do que justas, se não o conseguirmos teremos de decidir as formas de luta mais convenientes». Para Carvalho da Silva, é muito importante que as negociações sejam respeitadas e executadas.

O plenário nacional «assumiu» as posições de convergência reivindicativa que a CGTP tem vindo a conseguir com a UGT, tanto no plano institucional como no concreto. Foram assim aprovadas, por unanimidade, as propostas de aumento do salário mínimo para 42.500 escudos e da pensão mínima para 22.500 escudos. No que respeita aos salários, a CGTP reivindica aumentos entre 18 e 20 por cento, em 1991.

Intenso nevoeiro na manhã lisboeta

Apesar do intenso nevoeiro que se fez sentir durante a madrugada e manhã, em Lisboa, o trânsito nos principais acessos à capital processou-se com normalidade, designadamente na ponte 25 de Abril, na marginal e na estrada de Sintra, disse a Brigada de Trânsito da GNR. O tráfego aéreo não sofreu alteração de horários, informaram do aeroporto de Lisboa.

Advogados portugueses em Estrasburgo

Com a presença de advogados portugueses, decorre em Estrasburgo, até amanhã, o 34º Congresso da União Internacional dos Advogados. Os temas principais do congresso abordam «Aspectos da Europa no ano 2000» e «Big-bang jurídico e os Direitos do Homem (igualdade de tratamento e as novas tecnologias)». Advogados de todo o mundo discutem, em comissões especializadas e grupos de trabalho, as mais variadas matérias de direito, reflectindo sobre a prática legislativa e doutrinal e a jurisprudência de cada cultura jurídica representada.

Recruta dos Comandos morre depois de marcha de 3 km

Um recruta do Regimento de Comandos da Amadora faleceu terça-feira, pelas 23 horas, em resultado de problemas cardíacos, após uma marcha de três quilómetros, revelou uma fonte do Estado-Maior do Exército (EME). José Mário da Silva Nunes faleceu de «morte súbita, quando era transportado de urgência para o Hospital de Santa Maria» refere um comunicado do EME. O texto acrescenta que o militar desmaiou cerca das 18 e 30, após uma marcha de três quilómetros, mas foi reanimado pouco depois. Voltou a sofrer perturbações cardíacas pelas 21 e 30 e viria a falecer, mais tarde, ao ser conduzido ao hospital.

Skinheads têm apoiantes na Ilha da Madeira

Grupos de jovens madeirenses, apesar de não raparem a cabeça, são apoiantes da ideologia dos skinheads refere o «Jornal da Madeira». Segundo o periódico funchalense, os apoiantes não têm praticamente qualquer significado e expressão na região, embora reconheça que «um grupo de adolescentes madeirenses apoia e divulga os ideais que regem esta organização de extrema-direita, embora não pratiquem ou adiram à linha dura».

«Papagaio» sai da Avenida por 70 mil contos

Os proprietários do «papagaio», o restaurante implantado em frente ao Cinema São Jorge, na Avenida da Liberdade, concordaram com a Câmara Municipal de Lisboa em receber uma indemnização de 70 mil contos pela cessação de ocupação do edifício. O montante foi acordado em reunião da vereação, estudando agora a autarquia a forma de deslocar a edificação para o Bairro da Serafina.

Monumento para Sagres tem construção suspensa

O Conselho Superior de Defesa e Salvaguarda do Património suspendeu o concurso público para adjudicação da primeira fase da empreitada do projecto do arquitecto João Carreira para o promontório de Sagres, anunciou a Secretaria de Estado da Cultura. A decisão foi tomada ontem, na reunião do Conselho, que decorreu no Palácio da Ajuda, em Lisboa, sob a presidência de Borges de Macedo e com as presenças de Jardim Gonçalves, Rui Machete, Manuel Castro Caldas, Carlos Monjardino, Francisco Hipólito Raposos, Albino Cleto e Vasco Graça Moura, este na qualidade de presidente da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos.

Desavença familiar provoca duas mortes em Gaia

Duas mulheres mortas e uma jovem ferida é o balanço de uma desavença familiar que teve o seu desfecho a meio da manhã de ontem, num café em Vila Nova de Gaia. Joaquim Maia, de 47 anos, disparou vários tiros de pistola sobre a esposa, Maria da Conceição Silva Pinto, de 47 anos, vendedeira ambulante, e atingiu, também, uma mulher, que nada tinha a ver com os problemas do casal e se encontrava sentada noutra mesa, Maria Rosa Ramalho Azevedo Andrade, de 31 anos, doméstica. O autor dos disparos agrediu, ainda, com uma coronhada no rosto, uma filha sua, Maria da Conceição Pinto Maia, de 26 anos, que se encontrava presente. O homicida, que se encontra preso em Custóias, terá tentado suicidar-se com uma corta-unhas, informou, um pouco céptica, uma fonte policial.



Cocaína A Polícia Judiciária apreendeu, ontem, nas imediações do aeroporto de Lisboa, quatro quilos de cocaína pura e prendeu três indivíduos de nacionalidade espanhola que transportavam a droga dissimulada nas pernas e numa mala. O estupefaciente, cujo preço rondará os 80 mil contos, provinha de um país da América do Sul. A escala anterior a Lisboa foi o Brasil. Um dos «correios» conseguiu subtrair-se à prisão mas acabou por ser capturado já na fronteira, ao pretender entrar em Espanha. Os detidos são todos profissionais da indústria hoteleira.

No Cacém, os taxistas estão em polvorosa -- um novo sinal trocou-lhes as voltas. Culpam a GNR de ter ultrapassado as competências da Junta de Freguesia. Por vingança...

A emenda antes do soneto

São cerca de 40 motoristas, divididos por duas dezenas de veículos. A maioria anda com o carro há já longos anos, conhecem ruas e becos melhor que ninguém. Há duas semanas, um novo sinal, a saída da estação, obriga-os a dar a volta à vila, passar pela rua mais movimentada da cidade.

«Nem eu nem os meus colegas, e mesmo a Rádio Táxis sabemos quem foi o inventor da sábia idéia. O sinal obriga-nos a andar às voltinhas pelo Cacém e a população, além de nós, claro, é que perde tempo. Todos protestamos porque se não vislumbra razão válida para tamanha inspiração e ninguém sabe bem o que se passa. Uma coisa é certa: Ou a câmara dá uma explicação convincente ou a placa tem, ali, os dias contados».

Com 27 anos de rotina, «agarrado ao táxi», o motorista não poupa críticas à GNR e garante que foi o comandante quem requisitou aquela «aberração», «como vingança pelo que o meu colega disse no programa de rádio do Filho Gouveia».

«Sabe, um dos dois convidados alongou-se um bocadinho e não esteve com meias medidas.

Alto e bom som, toca a dizer que o Cacém era mal policiado, que os poucos guardas que havia não tinham competência para o lugar e que se fechavam no posto... Dias depois, o sinal cá estava.»

Agora, segundo o mesmo motorista, «o assunto está relativamente silenciado porque dentro da localidade cobramos taxa única e as pessoas, por enquanto, só perdem tempo. Garanto-lhe que se funcionássemos com o taxímetro, os protestos já teriam chegado ao destinatário».

Mas a verdade é que o Cacém tem mais de dois quilómetros de extensão e por isso, o sistema de taxa única nem sempre vigora. Pelo menos, assim o diz um outro motorista, que tal como o primeiro quer ver preservado o seu anonimato: «Se não tivéssemos que passar pela Avenida dos Bons Amigos, a corrida para o Cacém de Cima, por exemplo, custaria 212\$50 escudos mas, tendo que descer aquela rua ou mesmo ir à volta, passa a custar 250 escudos. Pode não ser muito, em termos de dinheiro mas em paciência... Sabe o que é aquela rua ao fim da tarde?»

«Um autêntico pandemónio», diz quem lá mora e diariamente utiliza os transportes colectivos, à hora de ponta. Agora, com o sinal a canalizar o trânsito dos carros de aluguer para a principal artéria, as coisas vão de mal a pior.

De verdade, até hoje - e já lá vão duas semanas bem contadas -, o sinal não tem causado grande transtorno uma vez que tem sido, tanto quanto possível, ignorado. Dia sim, dia não, a obrigatoriedade de virar à direita «desaparece». Como por magia, sem que se saiba bem quem, como ou porquê, o sinal aparece tombado. A GNR monta guarda e os taxistas evitam passar por lá «quando sabem os cavalheiros alerta, escondidos nos pilares do túnel».

Contactado pelo «DL», Luís Claro, o responsável da Junta de freguesia pelo pelouro do Trânsito, Iluminação Pública, Transportes e Protecção Civil, garantiu que «o sinal tem razão de existir e vai ficar, juntamente com um outro, de sentido proibido, naquele local».

«Tudo isto faz parte de um plano devida-

mente estudado pela Câmara Municipal de Sintra, da responsabilidade do engenheiro Pedro Viegas, da Divisão de Trânsito que prevê, para breve, a abertura de uma terceira via, no túnel, destinada exclusivamente a transportes públicos», adiantou o autarca.

«Até ao fim do ano, a Câmara de Sintra comprometeu-se a alargar o túnel, a abrir mais uma faixa, de modo a melhor escoar o trânsito. Isso mesmo foi explicado a um dos representantes dos motoristas que compreendeu a existência e a necessidade do sinal - é impossível atravessarem, de futuro, as três vias -, afirmou Luís Claro. «Por outro lado, os taxistas não concordam com a entrada em vigor da nova sinalização, meses antes da abertura da terceira via. E aí, talvez não deixem de ter razão», adiantou o responsável pelo Trânsito da Junta de Freguesia do Cacém.

Com razão ou sem ela, os taxistas continuam a esquivar-se à fiscalização, por vezes menos «desatenta» da GNR, e ignoram o sinal que, dia sim, dia não, amanhece, no chão.

Emília Trindade

Instantâneo

Crónica culinária de uma «vida de cão»...

O apetite dos nossos cães é espantoso. Que pensa dos números seguintes, sobre o «menu anual médio» de um «bóbio»?

Que come, em média, um cão, num ano?

☐ 16 Kg de complementos (levedura, óleo)

☐ 45 Kg de legumes

☐ 81 Kg de carne

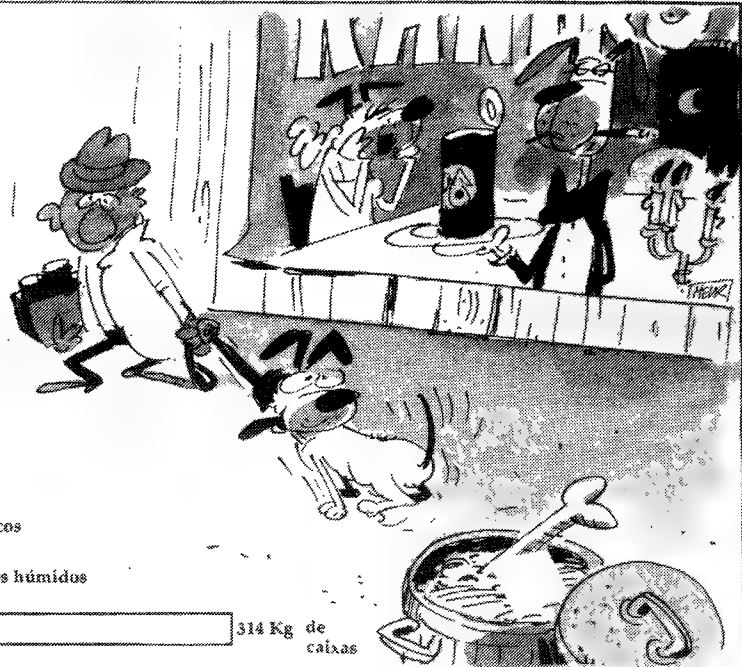
☐ 86 Kg de arroz ou 28 Kg de cereais

Ou, para aqueles que consomem alimentos enlatados:

☐ 106 Kg de croquetes secos

☐ 124 Kg de croquetes húmidos

☐ 314 Kg de caixas



Way Press International

Maria Elisa estreia almoços culturais

Nem uma palestra, nem uma lição. Trata-se, tão-só, de um simples pretexto para conversar, à roda de uma mesa e durante o breve tempo de refeição, com as mais variadas personalidades da vida cultural portuguesa.

A iniciativa, proposta pela novíssima empresa de formação e marketing que dá pelo nome de Excepção, convidou para a sua estreia, na quinta-feira da próxima semana, a jornalista Maria Elisa. De «Comunicação Social» se irá falar, durante o almoço-convívio, a decorrer no restaurante de 1ª classe Olympus, em «diálogo franco, cordial e evidentemente, correcto».

Outros se seguirão. «Camões e os seus enigmas» serão hostos a descoberto por José Hermano Saraiva, a personagem central do almoço cultural que a Excepção tem já agendado para o dia 3 do mês de Outubro.

«Não se trata de ministrar

qualquer curso de especialização. A ideia fundamental é tornar os temas abertos a todas pessoas, nas mais diversas áreas do conhecimento. Entre o café e o digestivo, sugerimos que os participantes ouçam as palavras do convidado e encetem, à volta dessas palavras, um diálogo franco, cordial e, evidentemente, correcto» adiantou Alice Nicolau, assessora da administração da empresa.

«Não pretendemos senão o convívio, próximo - e nunca, uma «feira» - e, por isso, optámos por inscrições limitadas. O critério de selecção dos convidados obedece, forçosamente, a esta ideia base: será sempre uma destacada personalidade da vida cultural portuguesa, considerando a cultura na sua acepção mais lata.»

O preço das inscrições monta, por pessoa, a nove mil e quinhentos escudos.

ÁREA de ADE

CONCURSO



Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Tem Televisor? _____ Nº Licença _____

Telef. _____

RECORTAR PELO TRACÉJADO

PREENCHA COM LETRAS MAIÚSCULAS Cole num Postal dos CTT e envie para CONCURSO

APARTADO 4317 - 1508 LISBOA - CODEX



CONCURSO



Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Freguesia _____ Concelho _____

Tem Televisor? _____ Nº Licença _____

Telefone Nº _____

Importante: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracéjado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Casa Cheia, Apartado 151 2766 Estoril Codex

Este Boletim serve somente para concorrentes presentes no programa.

O Boletim para o "Jogo de Casa" é publicado exclusivamente na Revista Têxteis

QUOTIDIANO

O ministro da Justiça anunciou uma série de medidas de fundo que vão transformar, de forma radical, o sistema prisional do País. Para além da mudança de filosofias, o estado vai investir mais de dois milhões de contos

Revolução nas cadeias

«Muito mais do que desactivar a cadeia de Monsanto, o que se fará num ano, o passo que hoje demos significa que vamos activar o novo sistema prisional», disse ontem o titular da pasta da Justiça, Laborinho Lúcio.

O governante, que convidou os jornalistas a visitar a prisão de Monsanto, «a pior cadeia do País», como a classificou, anunciou um vasto programa de reformas e investimentos no sistema prisional português que o vai transformar completamente. Para além de uma mudança quase radical de filosofia sobre o tema, o Estado propõe-se gastar mais de dois milhões de contos para dignificar a vida dos presos e actualizar os métodos de funcionamento das cadeias nacionais.

Na perspectiva do ministro da Justiça, «o princípio fundamental a observar será o de que a prisão é uma pena, que implica a reclusão e a disciplina, mas que também é reinserção social, pelo que deve ser cumprida com vista à liberdade».

Para Laborinho Lúcio, «embora sem descuidar as exigências de segurança, há

sempre que observar como limites, a dignidade da pessoa e o respeito pelos seus direitos fundamentais».

Deste modo, o novo sistema prisional que se pretende, «parte, sobretudo, do tipo de recluso congregando-o com os princípios referidos». Passará, deste modo, a haver quatro tipos de estabelecimentos prisionais, nomeadamente, as comunidades prisionais jovens, as comunidades prisionais integradas, as prisões-tipo e as prisões de segurança específica.

A comunidade prisional jovem

O ministro da Justiça anunciou que a primeira comunidade prisional jovem vai arrancar, em Novembro, no Instituto de S. José, em Viseu, com uma capacidade para 150 presos.

Sem grades - embora com muros - serão aí instalados os delinquentes primários, entre os 16 e os 21 anos, condenados a penas não superiores a 2 anos.

A principal preocupação deste tipo de estabelecimento será, como sublinhou Labor-

inho Lúcio, «o aumento da auto-estima e o reforço dos laços de solidariedade social», partindo do ponto de vista de que «se castiga o acto» e não a «pessoa». A promoção da auto-estima visa que os jovens reclusos comecem a gostar deles próprios para poderem depois gostar dos outros.

Estas comunidades funcionarão com horários mais próximos dos horários normais das pessoas livres. Um outro aspecto do novo sistema prende-se com a ocupação de tempos livres, «durante os quais se vai estimular o gosto pelo desporto e pela leitura, sendo reservados, também, espaços para diversos *ateliers* de artes plásticas, onde aos reclusos seja possibilitado o desenvolvimento da criatividade».

O ministro disse ainda que serão criados programas específicos de reinserção social e o projecto de instalação, na comunidade prisional em colaboração com as universidades, de unidades pedagógicas, nomeadamente, no âmbito da psicologia e assistência social que ali terão, simultaneamente, objecto de

estudo e trabalho de campo».

As obras da comunidade de S. José vão custar cerca de 400 mil contos e estarão concluídas, na totalidade, no prazo de um ano. Todavia, a instalação dos presos será feita por fases, começando logo que possível.

A prisão integrada

Outra grande aposta da nova política é a criação da «comunidade prisional integrada» de S. Fiel, em Castelo Branco. Trata-se de um projecto a médio prazo, a concluir num período máximo de 4 anos, com uma capacidade para 300 pessoas.

De acordo com o governante, «S. Fiel será uma prisão-tipo, aberta para o interior e vai comportar vários complexos ou áreas, o que permitirá que, dentro dos mesmos muros, a população prisional se distribua por várias idades e ambos os sexos». Segundo Laborinho Lúcio, S. Fiel procurará «evitar o estigma negativo da prisão, manter um bom nível de integração social e aumentar o nível da auto-estima do recluso».

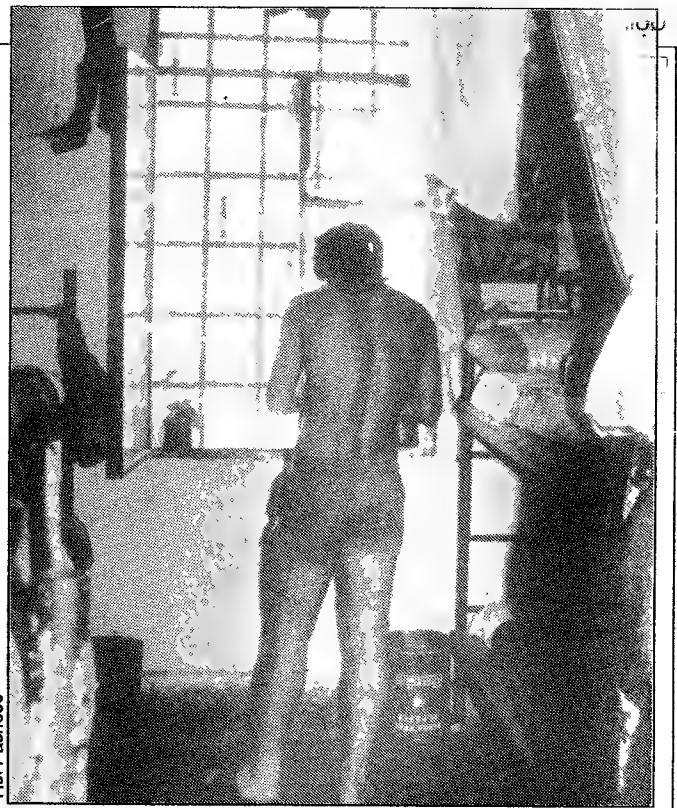
O estabelecimento, que se destinará a presos com perigosidade diminuta, boa relação social, ausência de desvio social grave e de reincidência prisional permitirá que os reclusos mantenham a sua actividade profissional, levando consigo os próprios instrumentos de trabalho, e tirando do seu esforço os dividendos materiais que produzam. A maior inovação do sistema, como foi dito pelo ministro, será, todavia, o facto de a comunidade ser «um espaço aberto ao público o que significa que, embora fechado de dentro para fora, estará aberto de fora para dentro, permitindo que a comunidade utilize para diversos fins, desportivos ou culturais, as instalações da cadeia, deste modo se preparando a reinserção social do preso, sem o desligar da comunidade a que será restituído».

Privatização das oficinas

Tão inovadora como os projectos anteriores é a privatização da gestão das oficinas prisionais, cujo processo terá início até ao fim de Outubro, altura em que terminará os contactos com as associações e empresas.

Laborinho Lúcio disse que esta medida se destina a melhorar o pagamento pelo trabalho dos reclusos, a obter uma ocupação profissional integrada e a garantir quotas certas de reclusos a formar nas respectivas oficinas. Estes programas podem vir a incluir concursos de produtividade internos entre as diversas prisões.

Pereira de Almeida



Uma espera que se quer humanizar

Pior não pode ser

Tínhamos acabado de transportar os diversos e pesados portões da cadeia de Monsanto - aberta ontem pela primeira vez aos jornalistas - visitámos o primeiro piso onde se situa a enfermaria, o parlatório, a capela e uma camarata de presos: um cheiro quase insuportável, mas a que os presos estão habituados, como nos disse um guarda, dava ao antigo forte de defesa de Lisboa, transformada em cadeia em Junho de 1914, um ar sinistro.

O Ministro da Justiça, Laborinho Lúcio, observava discreto tudo o que lhe era mostrado e falava, quase só com os detidos, enquanto o director da cadeia multiplicava explicações.

Empilhados em camaratas, os detidos observavam os visitantes com desinteresse, feitas que estavam as camas e arrumados os tectos de cada um. Fotografias de mulheres nuas um pouco por todo o lado, junto com roupa estendida, entre pequenas cozinhas improvisadas, o clima era, de facto, de degradação. Até o som da televisão impositivo mais o ambiente.

Os jornalistas tinham recebido instruções para não falar aos detidos mas rapidamente estes aproveitaram a nossa presença. E choveram lamentos de toda a ordem, «durmo no chão, isto está cheio de percevejos, aos sábados e domingos não há enfermaria, estamos juntos com os seropositivos». Sem impedir que prosseguíssemos o diálogo, o director-geral dos Serviços Prisionais, Fernando Duarte, procurou pôr-lhe colcho, garantindo-nos que se havia presos que reclamavam, outros que elogiavam o funcionamento da prisão e um nem sequer queriam voltar para casa... Mas acrescentou logo a seguir: «Reconheço que não temos as condições mínimas, por isso que vamos fechar o estabelecimento».

No final da visita, o próprio ministro disse ao «Diário» que a deslocação a Monsanto veio confirmar que é realmente indispensável fechar a cadeia. Em nome da dignidade humana.

A prisão tem actualmente 400 detidos, entre preventivos e condenados e vivem 11 seropositivos no estabelecimento. Ao menos aqui parece estar a seguir-se uma política humana, se bem que mal compreendida por muitos: estes doentes não são segregados e vivem em comunidade com os restantes camaradas.

Visitar Monsanto deixa perceber porquê se diz, tanta vez, que os condenados saem da cadeia pior do que para quando lá fora. Felizmente os tempos parecem querer mudar.

P.A.



Os presos vivem num ambiente de profunda degradação

Anunciou Laborinho Lúcio

Legislação sobre droga vai ser revista

A legislação sobre o consumo e tráfico de droga em Portugal vai ser revista, anunciou ontem o ministro da Justiça.

Laborinho Lúcio disse que se irá constituir uma comissão de peritos que deverá apresentar uma proposta de alterações, a submeter às instituições competentes, no prazo de três meses.

O governante, que falava concretamente sobre o problema da toxicodependência nas prisões, disse que «em todos os estabelecimentos os serviços de tratamento e recuperação de toxicodependentes vão ser melhorados, numa acção que envolve o reforço do pessoal técnico do Ministério da Justiça e a colaboração de técnicos do Projecto Vida e do Ministério da Saúde».

Para além desta acção em Sintra será criada uma unidade terapêutica, com capacidade para 100 pessoas, Santa Cruz do Bispo irá ter também uma unidade semelhante para 50 reclusos e no Estabelecimento Prisional de Lisboa, a antiga enfermaria, com capacidade para 80 pessoas, vai funcionar como centro de tratamento e de triagem.

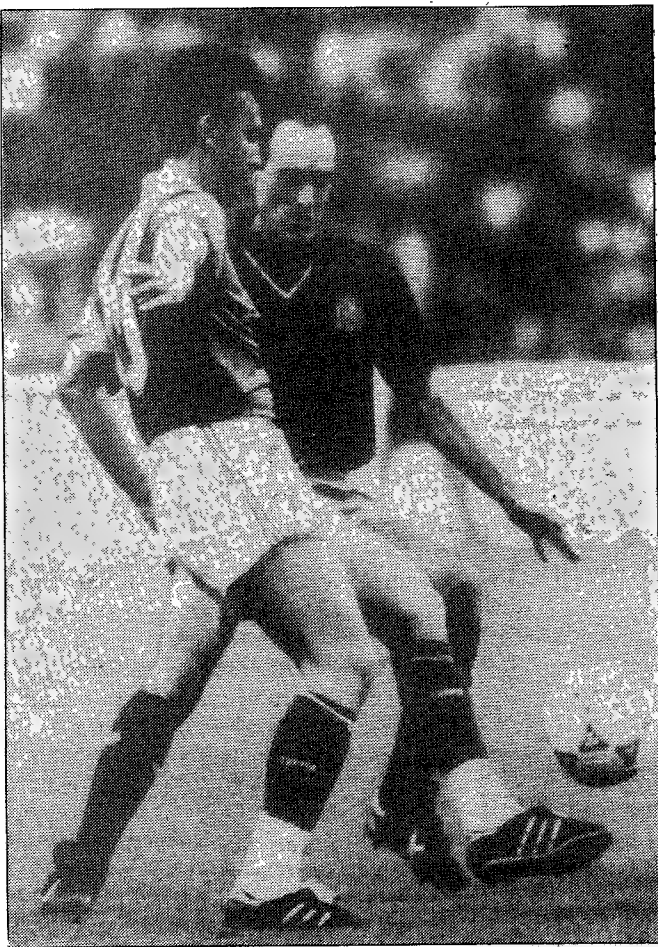
O ministro anunciou ainda que «num âmbito mais alargado, estão a decorrer as obras que triplicarão a capacidade da Clínica Psiquiátrica de Caxias (com um investimento de 20 mil contos) e que em Santa Cruz do Bispo será ainda entregue, no prazo de um mês, o projecto que cria uma clínica idêntica».

P.A.

DESPORTO

Finlândia, 0-Portugal, 0

Falta de ambição em equ



Espanha: Rafa Paz carrega perigo para o Brasil

Pela Europa fora

Quadro dos encontros ontem disputados da fase de apuramento para o Campeonato da Europa de futebol e dos principais jogos de carácter particular:

Fase de apuramento para o Europeu-92, Grupo Dois: Escócia-Roménia, 2-1; e Suíça-Bulgária, 2-0. Grupo Três: URSS-Noruega, 2-0. Grupo Quatro: Ilhas Faroé-Austria, 1-0; e Irlanda do Norte-Jugoslávia, 0-2. Grupo Seis: Finlândia-Portugal, 0-0. Jogos particulares: Bélgica-RDA, 0-2; Inglaterra-Hungria, 1-0; República da Irlanda-Marrocos, 1-0; e Espanha-Brasil, 3-0. Encontro entre olímpicos: Áustria, 6-Liechtenstein, 0.

As notas mais sensacionais residiram nos desfechos registados no embate entre as modestas ilhas Faroé e a Áustria (com derrota do «team» de Polster) o fracasso português em Helsínquia (face a uma selecção sem cotação minimamente apreciável), para o sucesso da RDA na Bélgica (reflectindo o empenho dos germânicos em saírem da cena internacional em pleno brilho, antes da ligação com a RFA) e também para o duelo em que a Espanha derrubou a nova selecção de Paulo Falcão, reduzindo o Brasil a simples parceiro de treino.

Dos jogos com mais surpreendente resultado anotam-se os «teams»:

Ilhas Faroé: Jens Martin Knudsen; Joannes Jakobsen,

Tummas Eli Hansen, Mikkel Danielsen e Julian Hensen; Allan Morkore, Torkil Nielsen, Jan Dam e Abraham Hansen; Kari Reynheim e Kurt Morkore.

Áustria: Michael Konsel; Kurt Russ, Robert Pecl, Jürgen Hartman e Michael Streiter; Heinz Peischl, Gerhard Rodax e Manfred Linzmaier; Anton Polster, Andreas Herzog (Peter Pacult, aos 63m) e Andreas Reisinger (Gerard Willfurth, aos 63m).

Bélgica: Preud'Homme; Staelens, Demol (Albert, 2.ª parte), Plovie e de Wolf; Boreckaert, Scifo (Degryse, 2.ª), F. van der Elst e B. Versavel (Boffin, 68) e Vandenberg, Ceulemans (Wilmots, 46).

RDA: Schmidt (Adler, 90); Schoesler, Peschke e Wagenhaus; Schwanke, Sammer, Stuebner (Boger, 26), Wosz e Scholz (Kracht, 85); Bonan e Roesler.

Espanha: Zubizarreta (Ablanado); Nando, Sanchis, Serna e Roberto (Alcorta); Rafa Paz (Bango), Fernando e Michel; Carlos (Elói), Butragueño (Manolo) e Goicoechea.

Brasil: Veloso; Gil Baiano, Paulão, Marco Santos e Nelsinho; Cafu (Jorginho), Donizete, Moacir e Neto; Nilson e Charles (Paulo Egídio).

Registe-se que os golos foram firmados pelos espanhóis Carlos, Fernando e Michel.

Inesperadamente, dado o fraco valor da turma oponente, a selecção portuguesa, sem soluções ofensivas, empatou (0-0) frente à Finlândia, no 1.º encontro do Grupo 6 de apuramento para o Europeu-92, em futebol. A equipa orientada por Artur Jorge e Toni rubricou uma exibição descolorida: foi por demais flagrante a incapacidade para criar situações capazes de levar à obtenção do golo.

Iniciando a partida com três defesas centrais (Jorge Ferreira, Pedro Venâncio e António Veloso), dois «backs» laterais (João Pinto e Fonseca) e dois médios de características defensivas (André e Jaime Pacheco) a equipa portuguesa ficou entregue ao talento de Rui Barros e Vítor Paneira na tarefa de produzir lances ofensivos.

Rui Barros (ao longo dos 90 minutos) foi impotente para desenvolver uma única jogada completa, enquanto Vítor Paneira só na 2.ª metade se conseguiu libertar de alguns «complexos tácticos». E muitas situações originaram grande confusão na equipa portuguesa, com os médios (à falta de melhor alternativa) a atrasarem as bolas, pois só assim conseguiam descongestionar o miolo do terreno.

Curiosamente, foi a Finlândia a equipa que inicialmente criou situações de perigo, obrigando (aos 10 minutos) à cedência de dois «pontapés de canto» e vendo pouco depois Ari Hjelm desperdiçar perante Silvano uma flagrante ocasião de golo. Mostrando-se mais esclarecido do ponto de vista táctico, a formação do norte da Europa utilizou a velocidade como forma de obter a maior capacidade técnica dos futebolistas portugueses. E, depois de Jaime Pacheco ter feito o primeiro remate da equipa portuguesa, foi a vez

de Silvano efectuar a defesa mais difícil do encontro, ao deter um forte remate de Petri Jarvinen.

À meia hora, Rui Águas lesionou-se, num lance aparentemente inofensivo e no qual rematou de cabeça, obrigando o guarda-redes Olli Huttunen a ceder um «canto».

No período complementar, com Cadete no lugar de Rui Águas, o nosso «team» nunca criou uma situação capaz de apoquentar o guarda-fimlandês, que teve um jogo particularmente tranquilo. Isto porque, apesar de evidenciarem mais rapidez sobre a bola, os pupillos de Artur Jorge começaram a sentir que o triunfo dificilmente surgiria. Esse facto criou-lhes o desejo de fazer depressa e mal, aquilo que deveriam fazer menos rápido mas bem, já que o antagonista apresentava inferiores qualidades técnicas.

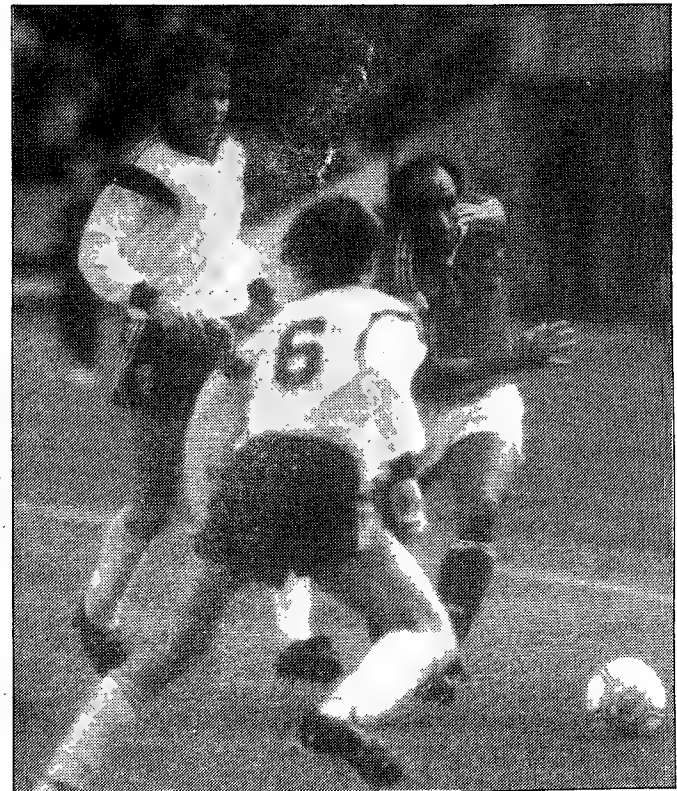
A entrada de Pacheco (aos 65 minutos e depois de uma animada rábula em redor dos pintons, das suas botas) ainda deixou no ar a possibilidade de ser possível chegar ao golo, quanto mais não fosse através de um lance isolado, fruto da diferença técnica entre os jogadores em confronto. Porém, a ausência de um jogador na área finlandesa, capaz de aproveitar o futebol criado no flanco esquerdo por Pacheco,

co, ou no direito por Vítor Paneira, foi obstáculo nunca transposto. Cadete, não é um jogador de área, descaído para os flancos sempre que agarra na bola: e todo o Portugal conhece bem onde é que o sportinguista pode ser útil...

Os poucos lances ganhos pela capacidade técnica dos portugueses, perdiam-se na

grande área contrária, onde o único jogador português era Rui Barros, flagrantemente incapaz de ganhar lances de cabeça ou de luta ombro a ombro, perante adversários mais altos e fisicamente mais fortes.

A partida terminaria com a equipa portuguesa a dar uma má imagem do seu futebol,



Jaime Pacheco: fibra e força

Nomes em acção

Com boa arbitragem do checo Jozef Marku, alinharam:

Finlândia: Olli Huttunen (Haka); Jari Europaeus «cap.» (HJK); Jari Rinne (Kuusysi), Erik Holmgren (Gais) e Erkkä Petaja (Osters); Jari Litmanen (Reipas), Ari Hjelm (Ilves) e Ari Heikkinen (TPS); Petri Jarvinen (Kuusysi), Mika-Matti Paatelainen (Dundee United) e Kimmo Tarkkio (HJK).

Portugal: Silvano (Benfica); Veloso (Benfica); João Pinto «cap.» (FC Porto), Jorge Ferreira (V. Setúbal), Venâncio (Sporting) e Fonseca (V. Guimarães); Vítor Paneira (Benfica), André (FC Porto) e Jaime Pacheco (V. Setúbal); Rui Barros (Mónaco) e Rui Águas (Benfica).

Cartão amarelo para João Pinto. As substituições aconteceram na 2.ª parte. No regresso do intervalo, Rui Águas por Cadete; aos 19 minutos, Fonseca por Pacheco, aos 29 minutos, saiu Kimmo Tarkkio, dando entrada a Tommi Paavola; aos 39 minutos, saiu Petri Jarvinen para entrar Markko Myyry.

Futre: história mal contada

A «falsa lesão» que impediu Paulo Futre de integrar a equipa nacional que ontem defrontou a Finlândia continua a ser motivo para compreensível especulação, subsistindo a dúvida se haveria (ou não) motivo clínico que justificasse a indisponibilidade do jogador actuar em Helsínquia. Vejamos o ponto de vista do médico Ibanez Martinez, responsável pelo Departamento Médico dos «colchoneros»: «O futebolista paulo Futre sofre de uma sobrecarga com dores nos adutores e daí a impossibilidade de se ter deslocado a Helsínquia». E o dr. Martinez acrescenta: «nas circunstâncias em que se encontra, o Atlético de Madrid não podia correr o risco de vir a não contar com o jogador no jogo de s com o Valladolid para o campeonato», referiu o clínico do «colchoneros».

Gonzalez destacou que Paulo Futre, assim como mais três ou quatro jogadores do Atlético de Madrid, sentem problemas com sobrecarga dos adutores, desde a passada semana, quando se intensificaram os treinos, estando os atletas a serem submetidos a tratamento.

No domingo passado, Futre comunicou à direcção do Atlético e ao médico que viajaria para Helsínquia, para integrar a selecção nacional, pois apenas sentia algumas dores que o não im-

pediriam de jogar. «Porém, na madrugada de segunda-feira Futre chamou-me para comunicar-me que sentia fortes dores pelo que o aconselhámos a não viajar e iniciámos imediatamente o tratamento adequado», disse Ibanez Gonzalez.

Federação Portuguesa vai analisar o caso

Como afirmaria Pais do Amaral (coordenador das selecções «quando somos confrontados com pareceres médicos, nada há a fazer», mas João Rodrigues não se finca na comodidade de aceitar os argumentos vindos de Madrid e revelou, na Finlândia, que o «caso» iria ser analisado na reunião federativa da próxima terça-feira, salientando ser sua intenção encetar contactos com a FIFA e com a UEFA, «no sentido de serem regulamentados de forma mais explícita os contratos entre jogadores e os clubes estrangeiros, de maneira a não prejudicarem as respectivas selecções».

Um caso que, em boa verdade, surge com versão contada com pouca convicção e daí que importe ser esclarecido. Aguardemos.



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

DESPORTO

Equipa sem atiradores

ade o
es era
ente
es de
a om-
s for-
com a
uma
tebol,

olpando por atirar sucessivas bolas a solicitar a cabeça do pequeno Rui Barros! Nesta estreia na fase de apuramento para o Europeu que, em 1992, se disputará na Suécia, a equipa de Artur Jorge e Toni foi vítima de falta de ambição, quando aquilo que os técnicos prometiam era precisamente o contrário... Ao só levar para Helsínquia um único avançado de raiz (Rui Águas) Portugal deixou a nu as suas insuficiências competitivas. E a Finlândia fez aquilo que dela se esperava ao desenvolver um tipo de futebol-força, sem grandes primores técnicos mas exemplar sob o ponto de vista táctico.

Destaque na equipa de Artur Jorge para a atenção de Silvino e para a acção de Jaime Pacheco. Nos finlandeses, Mika-Matti Paatelainen, que actua no Dundee United (Escócia) foi o elemento que mais impressionou.

A actuação do árbitro Josef Marko (Checoslováquia) foi correcta em termos técnicos, embora pactuasse um pouco com a excessiva virilidade dos finlandeses.

O que eles disseram

O seleccionador nacional, Artur Jorge, considerou ter ficado uma vez mais provado que os jogadores portugueses sentem dificuldades acrescidas quando defrontam equipas mais modestas.

«Não fiquei satisfeito com a exibição da equipa, a ligação entre os jogadores não foi brilhante», considerou o técnico, para quem o resultado final se ajusta ao que se passou no decorrer dos 90 minutos.

«A Finlândia esteve muito bem», sustentou Artur Jorge, acrescentando: «Apesar de toda a gente ter afirmado que seria um jogo fácil para Portugal, eles não me surpreenderam».

Segundo o seleccionador nacional, é necessário ainda muito trabalho para melhorar o rendimento da turma das «quinas», concluindo: «Não me parece que nesta altura a selecção portuguesa esteja em condições para ser uma ótima equipa».

Para Rui Águas, substituído ao intervalo devido a uma lesão no adutor da virilha direita, contrária na sequência de um choque com um adversário nos minutos finais do primeiro tempo, a exibição de Portugal não foi negativa nem positiva. «Os finlandeses defenderam bem e não concederam muitos espaços, mas penso que podíamos ter feito um pouco mais, acreditar mais em nós próprios», referiu o ponta-de-lança benfiquista.

Silvino considerou ser muito difícil hoje em dia defender uma Finlândia no seu ambiente,

reconhecendo que a turma das «quinas» não logrou criar situações de golo flagrantes. «Na segunda parte ainda demos um ar da nossa graça, mas fomos incapazes de superar os finlandeses, que estiveram sempre muito bem», defendeu o guarda-redes português.

Para o seleccionador finlandês, Jukka Vakkila, o resultado final foi para si muito positivo, atendendo à diferença de nível competitivo entre as duas selecções. «Respeito muito Portugal, e penso que possui uma das melhores equipas da Europa», disse Vakkila, considerando que Portugal e a Holanda são os grandes favoritos à vitória do Grupo Seis de apuramento para o «Europeu».

O técnico da formação nórdica afirmou ainda que a defesa de Portugal esteve bem, mas esperava que os médios apoiassem mais Rui Águas, acrescentando que a sua equipa, Malta e a Grécia, para si as mais modestas do grupo, deveriam criar grandes problemas a Portugal e à Holanda quando jogarem em casa.

O que falta

Depois deste 1.º jogo para o Grupo 6 de qualificação europeia, o calendário de compromissos está assim aleborado:

17/10/90: Portugal-Holanda

31/10/90: Grécia-Malta

21/11/90: Holanda-Grécia

25/11/90: Malta-Finlândia

19/12/90: Malta-Holanda

23/01/91: Grécia-Portugal

09/02/91: Malta-Portugal

20/02/91: Portugal-Malta

13/03/91: Holanda-Malta

17/04/91: Holanda-Finlândia

16/05/91: Finlândia-Malta

05/06/91: Finlândia-Holanda

11/09/91: Portugal-Finlândia

09/10/91: Finlândia-Grécia

16/10/91: Holanda-Portugal

30/10/91: Grécia-Finlândia

20/11/91: Portugal-Grécia

04/12/91: Grécia-Holanda

22/12/91: Malta-Grécia

Apesar de terem vencido

Esperanças chegaram quase no anonimato

O incrível sempre pode acontecer com esta direcção do futebol português: a comitiva de esperanças, que venceu na Finlândia, chegou ao aeroporto da Portela e nem um só dos muitos altos responsáveis dos vários órgãos federativos conseguiu arranjar uma dúzia de minutos para ir esperar António Oliveira e seus alunos, ao menos para lhes testemunhar apreço pelo êxito alcançado em terra estrangeira. No aeroporto surgiu apenas o secretário interino António Malva que foi falar com António Oliveira: e, como nem um autocarro esperava os rapazes, cada um (com as malas às costas) tomou lugar em táxis para regressar a casa!

Com efeito, Lisboa acolheu friamente a selecção depois da vitória conseguida em Lahti, em jogo de apuramento para o Europeu da categoria e Torneio Olímpico de 1992.

Os jovens futebolistas portugueses foram recebidos no

aeroporto da Portela por um reduzido número de familiares e amigos, numa comprovação do fraco valor atribuído aos resultados obtidos pelas esperanças em comparação com os da selecção principal.

António Oliveira (técnico da turma) mostrou-se satisfeito com a exibição da equipa, pois «foram criadas inúmeras situações de golo, que só não conduziram a um resultado mais dilatado devido à espectacular actuação do guarda-redes finlandês».

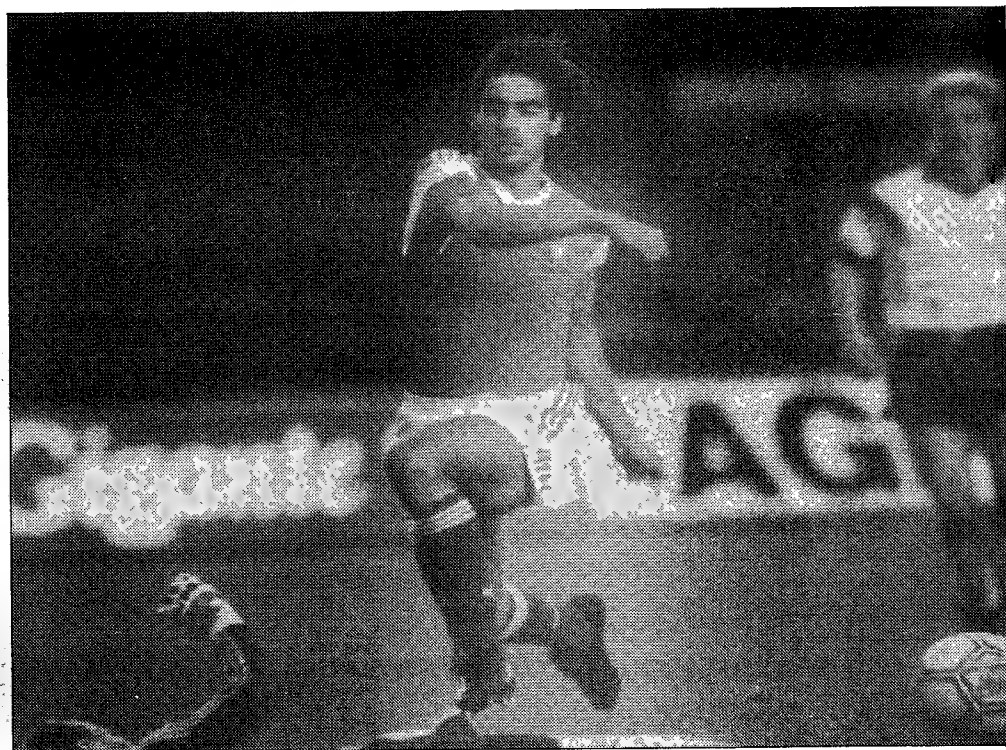
Oliveira está satisfeito com a prestação dos jogadores, não pensando efectuar grandes alterações na formação lusa, pelo menos nos tempos próximos: «Temos um lote de 22 jogadores que nos dá inteira confiança, não havendo assim razões para modificar a estrutura da equipa», adiantou o responsável.

Relativamente ao próximo encontro das esperanças (que será disputado com a Holanda, a 16 de Outubro) António

Oliveira declarou-se «confiante», embora reconheça que «será uma partida extremamente difícil, visto que a Holanda tem uma equipa mais forte que os finlandeses».

Para o técnico português «irá ser um jogo muito importante para as nossas aspirações». Oliveira afirmou ainda que Portugal e Holanda são as selecções com maiores hipóteses no Grupo Seis: «Vamos preparar o encontro com rigor e disciplina, tentando efectuar um bom trabalho», acrescentou o ex-internacional português.

Por seu turno, o benfiquista Paulo Madeira mostrou-se satisfeito com a exibição da equipa, principalmente durante a 2.ª parte, durante a qual o sportinguista Filipe obteve o golo do triunfo, aos 31 minutos: «Portamo-nos bem. Estou contente com o resultado, que obtivemos por mérito próprio», garantiu Paulo Madeira.



Rui Águas: foi só um susto...

O jogo que televimos

Pobreza franciscana

Um País de marinheiros, com fama de aventura, de audácia e de ousadia na procura dos mais distantes locais de trabalho, com muito suor colocado na balança de valores, lágrimas a esmo temperadas com algum sangue, não teve correspondente imagem no «team» que, com as quinas ao peito, ontem foi visitar a Finlândia para um convicente treino dos locais.

Não valerá a pena agora bulir com os critérios dos seus responsáveis, pois tanto Artur Jorge como Toni merecem o maior respeito e unanimemente é reconhecido o mérito e talento com que têm construído saborosos êxitos. Todavia, mesmo ao mais leigo nestas questões (e, no mínimo, em cada casa existe um potencial seleccionador) feriu a nota dos elementos que foram escolhidos para o passeio: a infelicidade de lesões roubou a hipótese da presença de Hernâni, Semedo, Jaime Magalhães e Bandeirinha, enquanto aquela desse excelente rapaz que é Paulo Futre ter sofrido a potes na madrugada que antecedia a viagem, tudo isto escamoteou à dupla de responsáveis possibilidades tácticas que não se podem esquecer. Mas (caramba!) de qualquer modo, mesmo perante a afluente invasão de brasileiros e demais não-portugueses que vêm fazer campismo por estas bandas, não haveria um só, um único, apenas um atirador nacional ao gó que pudesse seguir até Helsínquia?

Claro que Artur Jorge tem pedra no sapato em relação ao senhor goleador Fernando Go-

mes, mas também foi obrigado a engolir um sapo bem vivinho chamado Jaime Pacheco e a ir buscar Rui Águas, mal-amado por um dos seus patrões, pois pouco mais tinha por onde escolher. Porém, sabendo-se da fragilidade de Águas e da proximidade do jogo romano em que tem de estar a 100 por cento, reconhecendo-se como Fernando Gomes está em forma perfeita, moralizado, cheio de confiança e (sempre) com a generalidade de colegas e Comunicação Social a seu lado, porque raio Portugal jogou todo o 2.º tempo helsinkiiano sem um único avançado digno desse nome?

Carrilar dois defesas laterais, três defesas centrais, um «trinco» e ainda um médio defensivo, só lembraria se o jogo fosse decisivo, em Buenos Aires ou na capital italiana, tendo pelas barbas super-campeões e bastando o empate para nós sermos os melhores do Mundo. Aparecer como ontem, fingindo-se tigres mas sempre encaderados na pele levezinha e fofa dos cordeiros é sinal que tanto Artur Jorge como Toni, que estes dois competentes e prestigiados técnicos, estão desaprendendo tudo o que lhes foi ensinada por José Maria Pedroto, Bella Gutman e Otto Glória, que sempre martelavam os ouvidos dos seus atletas com uma máxima de expressão universal: a melhor defesa é o ataque, porque ninguém colhe frutos quando se tranca a sete chaves na dispensa.

Neves de Sousa

Signo do zero

Razão tinha Artur Jorge, ao isolar-se do grupo dos optimistas. Ele estava consciencializado que Paulo Futre, Semedo, Jaime Magalhães e Hernâni tinham «lugar cativo» na actual selecção portuguesa e seria, certamente, o mais bem identificado com o real valor da formação nórdica nossa opositora de ontem. O jogo foi mau. Por parte dos portugueses e dos finlandeses. Sem ligação, sem disciplina táctica, sem inspiração individual, sem vibração, sem soluções para dar continuidade aos lances, por parte de Portugal e os mesmos defeitos se poderão apontar aos parceiros do Norte europeu. Com excepção à desoladora exibição dos artistas escolhidos por Artur Jorge, concedo menção honrosa a Silvino e dou umas palminhas a Jaime Pacheco. Quanto aos demais nota zero num jogo marcado pelo signo zero. A desilusão foi sentida de Bragança a Ponta Delgada, não tanto pelo resultado, mas, especialmente, pela tanta presença nesta ronda inicial de uma era que pretendemos e desejamos ser de mudança. Desde João Pinto — uma sobre do vigoroso «dragão» que tanto se admira — até a mais insípida inadaptação de Rui Barros a camisola das «quinas», todos actuaram a milhas das suas reais credenciais. O talento, a fibra, o engenho, a arte e o virtuosismo onde todos eles se acobertam, ficou retido algures em Portugal. Foi pena este começo. Porque desmoraliza e desmotiva os adeptos do «Clube Portugal». Já por aí se escuta que estamos a tempo de recuperar o ponto deixado no Estádio Olímpico de Helsín-

quia. Por muito contrária a tese, porque esse pontinho está decididamente perdido. É certo que a prova só agora começou e a Holanda também poderá fazer a distribuição de qualquer benesse. E se não fizer?

Concedo a Artur Jorge — que considero o mais credenciado «expert» do nosso futebol — o sentimento de compreensão e tolerância deste desaire, naquele que foi o jogo da sua estreia (como seleccionador) em encontros oficiais, porque na verdade senti contrariedades de vulto para formar o melhor conjunto e, já no decurso do confronto, contou com a indisponibilidade quanto à continuidade de Rui Águas.

O trabalho que o espera até ao jogo com a Holanda nas Antas, implica proceder à «limpeza» dos eventuais complexos que tenham vindo na bagagem dos jogadores. Terá que fazer isso e muito mais, porque «aquilo» que ontem vimos recomenda garantir um porvir diferente.

Creio que as promessas feitas na Luz, frente à poderosa formação germânica, estão por cumprir mas existem condições para todos pensarmos na renovação da mentalidade que marcou a saudosa campanha dos «magriços», mais tarde reencontrada no «Europeu-84. Por mim, fico à espera e, apesar da desilusão de ontem, enfileiro na ala dos optimistas. Porque confio na competência de Artur Jorge e mantenho a convicção de que possuímos jogadores de alta bitola, capazes de superarem qualquer concorrente.

Alves Henriques

«Minetti» e a atracção fatal

Quem tenha lido alguma das entrevistas que Thomas Bernhard concedeu à Imprensa dita «cultural», poderá fazer uma ideia da dificuldade de semelhante empresa. De facto, as entrevistas com o polémico escritor austríaco acabavam invariavelmente por derivar num soliloquio, honrando a sua fama não só de «demolidor de histórias», mas também de «destrutor de diálogos», o que é consubstancial à generalidade da sua obra e do seu teatro em particular.

«Minetti», naturalmente, não constitui excepção a esta regra. Nem a outra, que é, apesar de todas as filiações atribuídas pela crítica ao trabalho teatral do autor (Brecht, Beckett, o teatro popular vienense), a de Bernhard ter escrito as suas peças quase sempre a pensar num encenador ou num actor precisos. «Minetti» pertence a este tipo de peças, pois que o actor Herbert Minetti, além de ser o preferido de Bernhard, foi um «patum» dos palcos alemães durante algumas décadas (entre os anos 50 e 70).

Esta atitude seria levada ao extremo de o autor proibir a representação de algumas das suas obras — «A Força do Hábito», por exemplo — por morte ou qualquer outra impossibilidade do actor para quem estava pensada a representação.

O tema da arte

«Minetti», assim como outras sete peças, entre as quais se destacam a já citada «A Força do Hábito» e «Emmanuel Kant», inscreve-se num período em que o tema da arte ou da relação com a arte é recorrente. No conjunto mais amplo da obra de Bernhard, estas peças teatrais pertencem, se é lícito fixar-lhes algum tempo de periodização, a uma segunda época, que se diferencia de uma primeira caracterizada por um ciclo «novelresco». Este segundo período trata essencialmente da natureza ou da origem, e abre a etapa autobiográfica em que se destaca a ausência de «novelas».

Tal etapa abarca, segundo a periodização estabelecida por Jean Yves Lartichaux, os anos que vão de 1975 a 1983, coincidindo o seu encerramento com a aparição da primeira novela do autor ao cabo de oito anos: «O Naufrago» (de que existe uma versão portuguesa editada pela Relógio d'Água), onde o tema central é o problema do género ou do fracasso artístico e se projecta a sombra fáustica do grande pianista Glenn Gould, mundialmente conhecido como intérprete insuperável das Variações de Goldberg, de Bach, ou das seis últimas sonatas de Haydn.

Com «O Naufrago», inicia-se o chamado terceiro período, no qual o escritor austríaco estaria imerso até ao seu falecimento, recentemente ocorrido. Nestes anos finais, Bernhard retoma a «novela», embora de forma muito diferente de como a tinha praticado nos seus inícios. É uma etapa que se caracteriza por tratar a fundo o tema da arte, incluindo algumas auto-paródias da sua produção teatral, como acontece em «Holsfallen», cujo «leit motiv» é o teatro. Pode

dizer-se, de algum modo, que «Minetti», juntamente com as restantes obras teatrais escritas no mesmo período, constituem o prelúdio desta preocupação crescente pela arte como motivo principal da sua obra.

Um rei Lear muito especial

Relativamente à primeira, a segunda etapa caracteriza-se, segundo Lartichaux, por «um apaziguamento formal que parece coincidir com a saída de uma crise existencial», e para o confirmar basta a comparação entre os estilos de obras como «O Sobrinho de Wittgenstein», «Sim» ou os volumes da autobiografia («A Origem», «A Cave», «O Alento», «O Frio» e «Uma Criança») e os textos iniciais de «Correcção», «Geada» ou «A Fábrica de Cal». Os textos desta segunda época revelam ainda outra coisa, algo que claramente nos adverte sobre as características do teatro de Bernhard e também sobre a influência exercida na sua escrita posterior pela «teatralização» progressiva dos seus textos e pela presença, cada vez mais manifesta na sua obra, da sólida formação musical do autor. Não é em vão, aliás, que o teatro e a música constituem por excelência as «artes nacionais» da Áustria, contra as quais Bernhard arremeteu vezes sem conta. Em que sentido isto se verifica, evidencia-o uma frase do protagonista de «O Sobrinho de Wittgenstein»: «Recordo-me que saí

do Burgtheater — o escritor refere-se ao 'santa sanctorum' do teatro vienense — como se fugisse não só da sala de extermínio de toda a minha obra, mas também da sala de extermínio de toda a minha capacidade intelectual.»

Voltando ao «estilo apaziguado» de que fala Lartichaux, mencione-se a «crise existencial» que ele também refere para dizer que este último qualificativo talvez pudesse ser substituído com vantagem pelas expressões estado de «vigília» e de «tensão» perante um quotidiano entendido como «o pequeno fogo» da morte. O que começa a transparecer na voz narrativa é um modelo de construção característico das obras teatrais e que consiste em desenvolver por meio de digressões e sobre um relato mais ou menos extenso, um conteúdo muito breve, tanto em duração temporal como especial.

Embora resumir ou contar uma obra de Bernhard seja um empreendimento absurdo, «posto que — conforme diz um conhecedor do seu teatro como Claude Porcell — são as palavras e as coisas e não as «acções» ou os «sentimentos humanos» que estruturam o seu desenvolvimento», tentaremos traçar aqui um esboço de «Minetti». A obra desenvolve-se em forma de um longo monólogo durante três actos e um epílogo. A «acção» tem lugar no átrio de um hotel de Ostende onde chega Minetti/rei Lear convencido

— o que só existe na sua imaginação — de que foi contratado para representar o «Rei Lear» na referida cidade.

A «acção» decorre numa noite de fim de ano, no meio de um baile de máscaras, com contínuas entradas e saídas de toda a espécie de personagens: namorados, criados, um porteiro, um bêbado, um aleijado, um liliputano, um coxo ancião, um casal de velhos, mascarados... Minetti/rei Lear, aliás, arrasta consigo uma grande mala onde guarda zelosamente uma máscara do rei, obra de James Ensor, mas isto em nada ajuda a explicar a personagem, da qual só vamos tendo alguma ideia à medida que conhecemos uma série de antecedentes que nos dão a pauta da sua conduta.

Assim, inteiramo-nos de que Minetti foi outrora director de teatro na mui nobre cidade de Lebeck, nada menos do que a terra natal de Thomas Mann — autor pouco apreciado por Bernhard — e capital hanseática, com tudo o que isso sugere ou representa na Alemanha. Minetti, durante a sua estada na capital em questão, teve a ousadia de se enfrentar com as forças vivas, quer dizer, bém pensantes da cidade, adoptando uma atitude de rejeição sistemática dos clássicos, que considerava execráveis, com uma única excepção: Shakespeare, e em particular o «Rei Lear».

A sua fúria anticlássica, leva Minetti ao exílio e a procurar refúgio numa aldeola perdida, onde durante trinta anos viverá na mais absoluta solidão, representando para si próprio, diante de um espelho, a personagem do rei Lear.

A verdade: um desejo piedoso

Que a verdade é um desejo piedoso dos homens, di-lo Bernhard numa passagem de «A Cave». Mas diz mais: «Como não é possível comunicar e, consequentemente, mostrar a verdade, contentamo-nos em querer escrevê-la e descrevê-la, do mesmo modo que dizemos a verdade, embora saibamos que jamais alguém poderá dizê-la. Logicamente, a verdade que conhecemos é a mentira, a qual, por ser inevitável, é a verdade».

A arte, evidentemente, não constitui excepção a esta regra, e o artista, enquanto perseguidor da verdade, não é mais do que um ilusionista, um virtuoso do simulacro mergulhado num infinito jogo de espelhos. Como ainda em «A Cave» recorda Bernhard, foi o teatro, no sentido mais liberal da palavra, que nos gerou: «A natureza é o teatro em si mesmo». E os homens são, nessa Natureza como teatro em si mesmo, «os actores, de quem já não há muito a esperar».

O actor concentra a contradição representada nesta reversibilidade da pessoa e da personagem e acaba por ser destruído, como é o caso de Minetti/Lear. Para Bernhard, a vida inteira é um caminho para a morte. Tão longe quando somos capazes de ver no futuro, é o nosso próprio fracasso, a nossa própria morte que encontramos. Cumprindo o seu destino até ao fim, Minetti/Lear dá o único sentido positivo possível à sua destruição. De facto, não será lícito ver nela, como pergunta Danièle Dodeman-Arnaud, «a esperança de uma vitória do espírito sobre a matéria, da música sobre o caos, do amor sobre o ódio»?

Ernesto Sampaio

O Teatro Nacional D. Maria II apresenta esta noite aos participantes da Associação Internacional dos Críticos de Teatro a peça de Thomas Bernhard «Minetti, Retrato do Artista Quando Velho», numa encenação de Ricardo Pais. O espectáculo tem antestreia amanhã. Nestas páginas, o «DL» publica uma entrevista com o actor Rui de Carvalho, o protagonista, e um texto sobre a obra do dramaturgo austríaco

Rui de

Seria redundante tentar apresentar Rui de Carvalho, um actor que já faz parte da memória colectiva dos portugueses. Seria difícil referir toda a sua carreira (brilhante), no espaço breve de uma página de jornal, pois já lá vão 40 anos dedicados ao palco. Muito já se escreveu sobre aquele que é, justamente, considerado um dos maiores actores nacionais.

Quisemos, sobretudo, ouvi-lo falar — com aquela voz forte e bela que todos conhecemos — apaixonadamente (como se o fizesse pela primeira vez), do trabalho do actor, do público, do dramaturgo, do encenador, da peça que vai protagonizar («Minetti», de Thomas Bernhard), do mundo do teatro, enfim. E também do seu sonho, de há muitos anos: um dia vir a representar o papel principal no «Rei Lear», de Shakespeare.

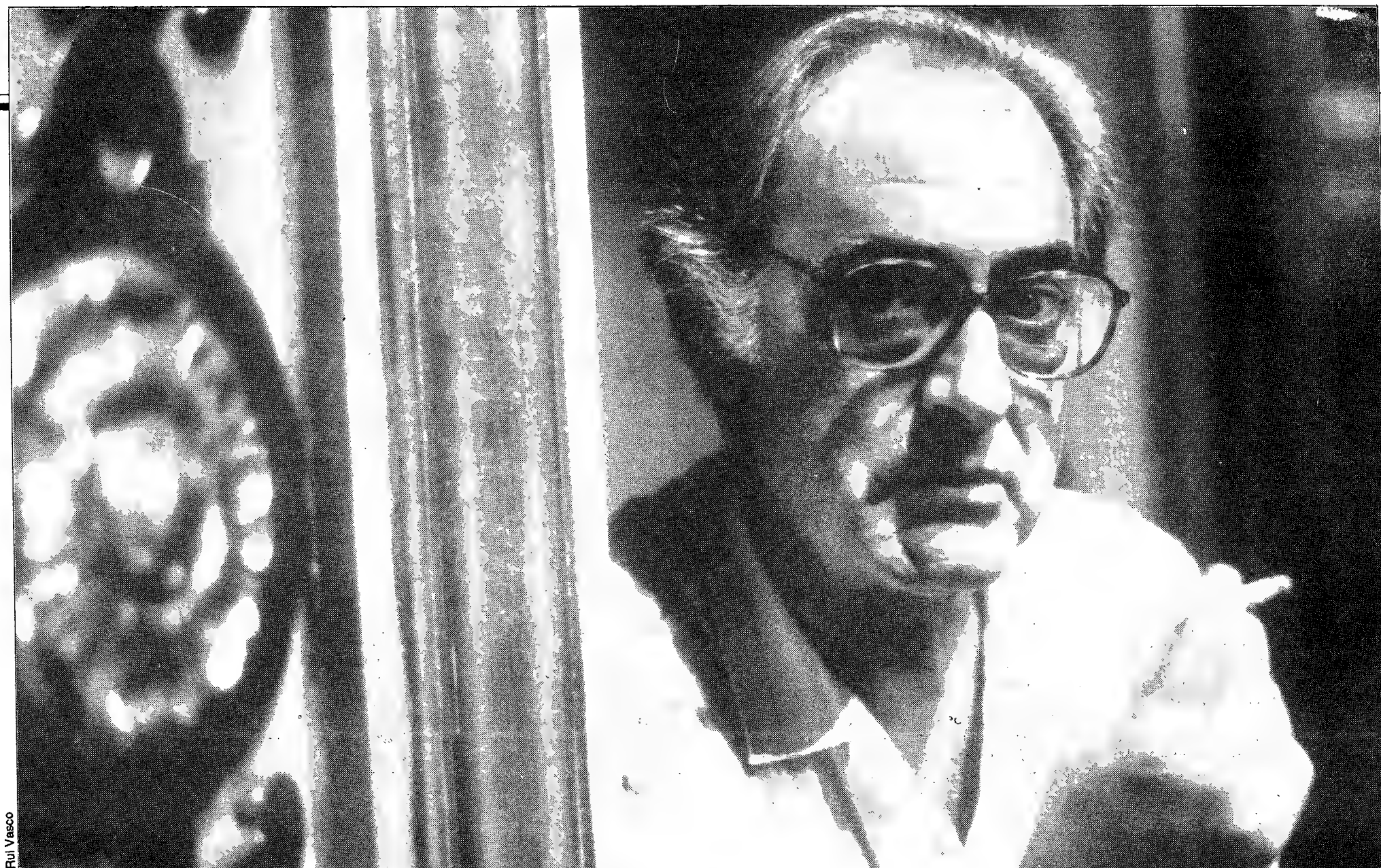
Encontrámo-lo num fim de tarde, depois de uma aplicada e esgotante sessão de ensaios. Aqui fica o registo, necessariamente breve, de uma longa e agradável conversa.

DL - Gostava de começar por lhe fazer uma pergunta relacionada com o subtítulo do «Minetti»: «Um retrato do artista quando velho». Como actor, como artista, considera-se velho? A idade limita-o em termos físicos?

R.C. - Talvez velho, mas também com vigor. Eu sei que o corpo do actor pode



Thomas Bernhard



Rui Vasco

«Este jogo de atracção e repulsa com o público não é mais do que respeito»

Carvalho: o possível culminar de uma carreira

parecer velho, mas existe um vigor interior. Também Thomas Bernhard, quando escreveu uma peça sobre o actor Bernhard Minetti, e lhe ofereceu o papel, sabia que ele tinha o vigor suficiente para o representar.

Por outro lado, como é evidente, com 63 anos, já tenho algumas limitações em termos físicos. Mas trabalho muito, tenho muita genica, sou muito exigente comigo próprio.

Com a idade há certas coisas que vamos conquistando, tal como uma certa confiança, o saber que somos, apesar do trabalho do actor, ser sempre efêmero - hoje podemos fazer uma coisa bem feita, amanhã podemos fazê-la mal. Mas depois vêm também, por vezes, alguns medos, os actores têm medo. Eu digo na peça: «Temos sempre medo, medo, medo», e é verdade que temos sempre medo da responsabilidade que vamos adquirindo ao longo do tempo.

Possivelmente a Minetti aconteceu-lhe isso, ou talvez a Thomas Bernhard. Talvez ele tenha escrito esta peça, lhe tenha dado este papel, para poder dizer aquilo que sentia. Para dar conta dos medos que teve durante toda a sua vida.

DL - A selecção dos personagens é importante, à medida que um actor vai sendo mais velho. Há papéis que vão sendo mais apropriados. O que

gostaria ainda de representar?

R.C. - Eu tenho a paixão do «Lear»...

DL - Nunca representou o «Rei Lear»?

R.C. - Já representei a peça, mas não fiz o papel de «Lear», fiz o de Edmundo. Gostava muito de o fazer, mas tenho medo que passe o tempo, porque para o representar é preciso um grande vigor. Esse personagem, segundo aquilo que me parece, precisa de muito vigor físico. Porque ele tem a mente destruída, não o corpo. Ele aguenta aquilo que os outros não aguentam: o povo morre na tempestade e fica destruído, ele não.

Há um outro aspecto importante que é a facilidade de decorar, e essa facilidade vai-se perdendo; e eu tenho a mania que perdi, mas não perdi ainda. Levo é mais tempo. Nunca fui um actor, mesmo em novo, com muita facilidade de decorar. Eu não gosto de decorar palavras. Tive um mestre que me disse: «Palavras? palavras não: ideias, ideias sim!». Tenho sempre medo de decorar de pressa de mais porque isso significa que fico com pouco tempo para estudar o personagem e a peça, para procurar...

DL - Gostava que me falasse um pouco da preparação que faz dos seus papéis.

R.C. - De um personagem está rodeada de um mundo sobre o qual eu pesquiso, sobre o qual eu leio de forma a conhecê-la melhor. É um trabalho

muito interessante, que eu gosto muito de fazer. Procurar, por exemplo, as características físicas e psíquicas do personagem, o meio em que vive, porque é que determinada coisa teria sido assim, porque é que outra teria evoluído de tal forma... no fundo, procurar o ser humano.

Por outro lado, o actor tem de trabalhar de forma a que quem está na plateia se sinta cativada por aquilo que é dito, sem sentir que é difícil. Tem de se dar a sensação de que o actor não tem peso, a técnica não deve estar à mostra. Ter muita técnica, exactamente, para mim, é uma demonstração de simplicidade, que é a obra mais completa de um artista. Neste papel, se eu conseguisse aproximar-me de uma simplicidade fico muito, muito contente.

DL - «O actor é uma perfeita vítima do público (...), escreve Thomas Bernhard. Quer comentar?

R.C. - «O maior inimigo do actor é o seu público», Bernhard também diz isso. Isso significa que não pode existir condescendência, nem da parte do actor, nem da parte do público: se o actor falha, horroriza o público; caso contrário ilude-o, conta-lhe uma história. Se o actor deixa passar qualquer coisa de que o público não gosta, este é repellido. Portanto o actor tem de se esmerar. No fundo, no fundo, este jogo de atracção e repulsa não é mais do que

respeito.

DL - O que pensa da personagem que representa na peça? Será um retrato realista de Bernhard Minetti?

R.C. - O que é fundamental é não despir nunca uma figura da sua humanidade. Depois, todas as loucuras são possíveis. No caso de «Minetti»: trata-se de um ser humano que está ali, esclerosado, que está a dizer coisas que possivelmente são verdadeiras, provavelmente exageradas (provavelmente exagerar as coisas na sua cabeça), como é o caso do seu afastamento, há uma altura em que ele diz: «Em Dinkelsbühl se soubesse onde isso fica, minha senhora e aí me escondi a plantar hortaliças e a conservar couves para o inverno a entrançar résteas de cebolas», levanta-se revoltado e acrescenta, «Lear escondido».

DL - Minetti repudia toda a literatura clássica, excepto o «Rei Lear», porque?

R.C. - Não sei... Mas repare que há, também o Prospero. Ele esteve 30 anos a pensar no Prospero para o matar. Ele vai construir o cenário da morte, diante de Inglaterra - onde ele diz que um actor continental não entra, é uma coisa impossível. Mas ele vai morrer a representar para Inglaterra, o que demonstra a grande admiração que tem pela literatura dramática inglesa.

DL - Qual a importância que tem para si representar este

papel?

R.C. - Estou muito emocionado e sinto-me muito honrado por fazer esta peça. Pode ser o trabalho que culmine a minha carreira. Depois disto não sei se terei mais alguma coisa com este valor.

Já fiz coisas agradáveis. Algumas mesmo muito boas, como «O Render dos Heróis», um papel extraordinário...um espectáculo brilhante do Teatro Moderno de Lisboa. Já fiz, também, bastante Shakespeare, Molière... já fiz coisas boas, tal como já fiz coisas más.

DL - Não pensa vir a encenar?

R.C. - Não. Não tenho poder criativo. Fiz uma tentativa no Teatro Experimental do Porto, quando fui director. Encenei uma peça de Miguel Torga e

sofri tanto, tanto, pela minha falta de capacidade para construir o espectáculo, que desisti.

Vou servindo o trabalho dos outros porque como sou um actor disciplinado, estou convencido que os encenadores gostam de trabalhar comigo. Não contraria as suas ideias, preciso que me ajudem. Continuo a dizer que se deve ter o maior respeito pelo encenador, tenha a idade que tiver. Mas porque que ele tenha bagagem, porque se trata de um trabalho muito difícil. Tem de ser um homem muito completo, que tem que «tocar muitos instrumentos». Trata-se de um trabalho que amiro imenso nos outros, mas de que tenho um medo horrível.

Mário Rocha

Antestreia amanhã estreia no dia 19

«Minetti, Retrato do Artista quando Velho», de Thomas Bernhard, estreia no próximo dia 19, na sala Garrett, do Teatro Nacional D. Maria II.

A peça, encenada por Ricardo Pais, e com tradução de João Barrento, terá como protagonista Rui de Carvalho e nos restantes papéis estarão Lurdes Norberto, Vitor Ribeiro, João de Carvalho, Lúcia Maria, José Simão, Paula Bicho, Silvia Brito, Artur Mendes da Silva, Diogo Varela, Rui Fernandes e Miguel Campos.

O cenário é de Nuno Lacerda Lopes, os figurinos de Vera Castro e o desenho de luz de Paulo Graça.

Nos dias 14, 15, 16 e 18 deste mês terão lugar antestreias com bilhetes de preço reduzido (50 por cento).

CANAL DA CRÍTICA

A hora da verdade na hora da mentira

Herman-Ele-Próprio

O convidado chama-se Herman José. Como de costume, convidado é aquele que... tem direito a escolher os seus companheiros de emissão. Consiste a regra em escolher-se, quem diga bem de nós. Ai não, brincas!

Não terá sido essa a motivação de Herman. Fosse ela e levava-me lá a mim. Não precisava de mais ninguém.

Escolheu antes pessoas de quem gosta, muitas delas da mesma oficina: Rosa Lobato Faria, Margarida Carpinteiro, Ana Bola, São José Lapa, Cristina Silva, Filipa Vacondes, Rui Veloso que cantou para ele (para nós, por intermédio dele) e Óscar Branco.

Pronto. A notícia está dada. Pouco mais me resta acrescentar. Herman José esteve lá. Herman-Ele-Próprio. Como se costuma dizer de Fernando Pessoa, estão a ver? Já não o Caeiro, o Reis, o engenheiro Campos; já não o Tony Silva, o Esteves, a Maximiana, etc., etc.

Falou-se de pessoas que não gostam dele. Para quê, se são infinitamente em maior número as que gostam? E se mesmo as que não gostam, não deixam de o ver?

Sobre o humor, como enfim sobre tudo, é perigoso generalizar e definir. Não sei se Herman José ficará ou não na história do humor em Portugal. Humorista no fio da navalha audiovisual, faltam-lhe cá os grandes meios que dão perenidade. Que seriam, sem o grande cinema, o charló, o Buster Keaton, o Totó?

Sem as fitas da comédia portuguesa, que memória seria a nossa de Vasco Santana e António Silva? Quer-me parecer que ao nível da TV e do cinema, Herman José (apesar do muito que já fez) ainda mal começou a gatinhar. Assim ele tenha saúde e verão um dia se não é verdade.

Nele são já visíveis os sinais do «complexo de Vasco Santana» — reflexos, afinal do seu talento e da sua popu-

laridade: tudo quanto ele diga, há-de por força ser para fazer rir. A Maria João Carreira, a pobre, já estava baralhada.

É fatal. Em entrevistas nos jornais, ele pode ser tomado a sério quando for caso disso. Ao vivo, é impossível. Ele tem uma prodigiosa capacidade de observação. De súbito, há um tique, uma expressão, uma forma de dizer que desequilibram tudo e envolvem de ambiguidade o seu discurso.

Uma fatalidade, repito. Solução: falar sério fingindo que não está falando sério. O humorista também é um fingidor e finge tão, tão completamente que, se for bom, chega a fingir que não é humor o humor que deveras sente. (Tu perdoas, Fernando, tu perdoas, eu sei).

Se a presença de Herman é, só por si, uma festa, a emissão valeu por outras presenças. Por exemplo, a de Rosa Lobato de Faria (simples sempre, mas nunca banal), de Margarida Carpinteiro, ao relacionar com as crianças, a inteligência e a sensibilidade de Herman José, ou seja: a poesia de Herman José (espere, Margarida, e você? Para quando outro livro?) e Óscar Branco num monólogo que fez sorrir e pensar e que ganharia se fosse monólogo de certas expressões pouco... televisivas.

A certa altura, Herman referiu que a escolha das pessoas com quem se quer trabalhar, se se quer ter êxito, deve assentar em bases que tem a ver com «um verdadeiro acto de amor».

Certo. Na Televisão, na política, na vida. Tudo o mais é precário.

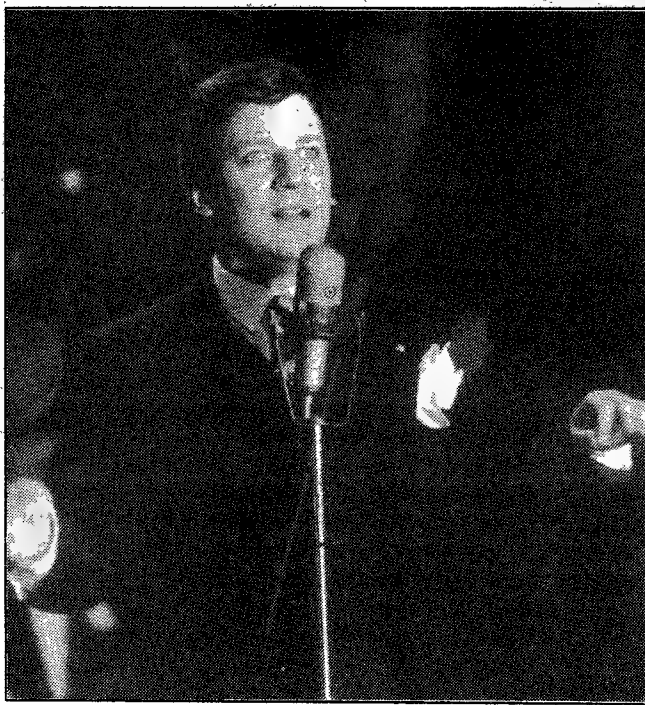
Badaró e três «histórias»

Noutra emissão, veio Badaró.

Porrazões (como se diz em televisões) estranhas à minha vontade apenas me foi possível assistir a uma parte da emissão. Fiquei danado, tão interessantes eram os nomes que o rodeavam, como

por exemplo Io Apoloni e Neves de Sousa.

Badaró é um comediante com larga experiência da vida do palco e do palco da vida. Talvez algumas críticas, no seu trajecto, lhe tenham feito doer. Mas fizeram-lhe muito.



Herman José esteve lá. Herman Ele-Próprio

bem. Um artista que renega a crítica, renega-se a si próprio.

Limitar-me-ei a registar algumas histórias, dedicadas aos leitores que não podem ver o programa da manhã.

A certa altura, Io Apoloni lembrou uma revista de 1967 — *Esta Lisboa que eu Amo* — onde havia gente como José Viana, Camilo de Oliveira, Aida Baptista, Maria Dulce, Io Apoloni, Dora Leal, Simone de Oliveira, Nicolau Breyner, Linda Silva, Delfina Cruz. Sublinhou que, hoje, um facto assim seria impensável, não só pela guerra do cartaz, mas por dificuldades financeiras.

A propósito, Neves de Sousa contou que Vasco Morgado tinha um contrato com o SNI (contrato desconhecido pelos actores, incluindo Laura Alves) segundo o qual o SNI se obrigava a comprar todos os dias metade

da plateia desde que a revista se referisse a Lisboa no título...

(Poucos como tu, Neves de Sousa, poderiam falar dos bastidores do espectáculo. Um dia, prometeste-me fazer isso. Quando cumpres a promessa?)

E contou Badaró:

— *Havia um velhinho que costumava estar sentado num banco ao pé do Teatro Avenida. Vasco Morgado gostava muito de conversar com ele, tinha por ele um carinho muito especial. Chegou um dia a perguntar-lhe se precisava de algum dinheiro. Até que, certa ocasião, ao agarrar num jornal, viu a cara do tal velhinho. Era Calouste Gulbenkian...*

A história aífica. Verdade? Lenda? A lenda, às vezes, tem artes de acontecer. Os actores, às vezes, têm a arte de a contar.

Sam, o cardo, ri

A trilogia dedicada ao humor fechou com a presença de Sam. A isto se chama fechar com chave de ouro.

Apesar da presença de amigos como Aventino Teixeira, Luís Humberto e Carlos Paulo pouco soubemos a respeito do engenheiro Samuel Torres de Carvalho. Porque ele não existe, a não ser para efeitos fiscais e afins. Acresce que Sam tem pudor de falar do seu heterónimo burocrático. Correcto. Além de que, quanto à fala, Sam fala pouco para dizer muito. Falem outros muito para dizer pouco.

A respeito da escolha do nome Ricardo para a personagem de Sam, apresentou Luís Humberto uma curiosa explicação com base no subconsciente, composto como é de *ri* e *cardo*. Picando como os cardos, Sam ri. Um bom achado.

Mas uma nota particular da fala de Sam, como notou

Aventino Teixeira, é o seu fundamento poético. Creio já eu próprio ter dito isso, um dia. Os seus *filmezinhos* são o exemplo de um humor poético de que não há raiz em Portugal, já que em poesia usamos o lirismo e no humor o pau de marmeleiro.

Aliás, os *filmezinhos* foram maltratados na televisão. Primeiro, porque a publicação diária era a que mais conviria. Semanalos é matá-los. Depois, omitiam os títulos, por vezes indispensáveis à clareza da mensagem. Fantástico! A RTP tem à mão um artista capaz de apresentar obra de qualidade — e rejeita-o! Absurdo, para quem enche a boca com a qualidade e com a produção nacional.

Mais: Sam fez para a RTC três filmes com a Heloisa na voz de Maria do Céu Guerra. Até hoje, desses filmes, não há notícia...

Excelente momento de humor (e de cultura) foi aquele das relações com a Censura Prévia. Antes de 25 de Abril, claro, porque desde aí, o adjectivo *prévia* desapareceu.

Infelizmente, o realizador não venceu as dificuldades que o traço e a caligrafia de Sam representam para a Televisão. A aproximação ao texto nunca foi suficiente. Os textos deviam ser ditos. Televisor não é para ler.

No primeiro, com o letrado 1.º de MAIO bem visível, um cartola diz para o colega: *Deixa lá, os outros dias são nossos!*

Na segunda composição, diz o primeiro boneco:

— *De um lado, estão os portugueses e do outro o Mundo inteiro.*

Diz o parceiro: — *o Eusébio joga?*

De alto a baixo, os golpes cruzados do Exame Prévio...

Ali mesmo diante das câmaras, Sam desenha uma composição inédita. O guarda Ricardo para o cão:

— *Nós ficamos a defender a pátria. Vai para o Golfo, cão!*

Meu Deus, como às vezes o tempo passa depressa, quando se vê Televisão!

Madalena, o máximo

Naquele dia, a convidada especial de *AS DEZ* era Madalena Fragoso, directora da revista *MAXIMA*.

Eu já sabia como ia ser. Viriam uma série de personagens fazer o elogio dela, uma mulher formidável, genial, coisas do género.

Ó surpresa, nada disso! Desta vez, não foram os acompanhantes que falaram da convidada, mas a convidada que falou dos acompanhantes. Inverteram-se as situações.

Agora os outros, e não a convidada, é que eram formidáveis, geniais, únicos. Madalena apagou-se completamente, recusou ser a pri-

meira estrela da companhia para que a companhia fosse a primeira estrela. Então isto nos tempos ferozes que vivemos não merece ao menos ficar registado?

De si própria disse apenas ter sido assessora de Sá Carneiro e pôs em destaque a iniciativa *Começar de Novo*, dedicada às mulheres com mais de 40 anos, ou à volta disso.

Lá vimos Helena Sacadura Cabral, economista, que abandonou os quadros do Banco de Portugal para se dedicar exclusivamente à literatura. Aí, valente! Prestes a sair o seu primeiro livro, «Bocados de Nós».

Ó Helena, minha amiga, e de que viverá depois?

Lá vimos igualmente Maria José Freitas do Amaral e soubemos que, como escritora, passará a chamar-se Maria Roma. Não percebo bem porquê, se todos sabem quem ela é. Talvez não queira «aproveitar-se» do apelido. Sentimentos que só lhe ficam bem. «Sorri, Francisca» assim se chama o seu romance. Prevejo um êxito de bilheteira.

Para se ver até onde foi a dádiva de Madalena Fragoso, basta dizer que o maior espaço do programa foi dedicado ao seu pai, o jornalista Fernando Fragoso, por intermédio de José Matos Cruz!

A prova está feita com a emissão. Ainda há pessoas assim. Festejemos.

O frete do Mariano

Chegou a hora da *Hora da Verdade*. Quer dizer: chegou a sua vez.

Margarida Marante foi xutada-enxotada. Não pesaram motivos de qualidade, mas de fariseísmo. Em seu lugar, ficou — por enquanto — Pedro Mariano. Tivemos uma execrável moderação. Ele não percebera nada do que acabara de ver. Deixou perder-se tudo. Tudo, na sua actuação, teve um ar de frete...

Da última emissão ficou-nos a reportagem de Fildemar Abreu sobre as condições de trabalho em Portugal. A exploração do trabalho infantil, a caça às mulheres grávidas, o ódio aos sindicatos, enfim, as maravilhas do sistema.

Registe-se, do debate, a afirmação de Nogueira Simões, da CIP, segundo a qual o trabalho das crianças não deve desaparecer, mas sim ser regulamentado. Até porque, na sua opinião, aos 14 anos já não se é uma criança...

Chegou a vez da *Hora da Verdade*. Talvez se transmita, para o seu espaço, o *Jogo de Cartas*, do Breyner. Mesmo que mantenha o mesmo nome...

Mário Castrim

João César Monteiro elogiado pela «Village Voice»

A melhor revista de Cultura e Espectáculos da América, a «Village Voice», de Nova Iorque, acaba de fazer um rasgado elogio a João César Monteiro, pela realização de «Recordações da Casa Amarela». O filme foi já exibido numa outra costa dos Estados Unidos, nomeadamente em Nova Iorque, Chicago e S. Francisco, tendo congregado uma verdadeira corte de admiradores.

«Village Voice», no elogio de César, diz que «Recordações da Casa Amarela» evoca, nomeadamente, Dostoiévski, Céline e Svevo, mas tais referências literárias surgem de «graciosa» e os efeitos positivos se lentamente no espectáculo.

A «Village Voice» diz que

João César Monteiro «parece ser um dos novos directores europeus mais interessantes surgidos nos últimos anos». E ainda «um magnífico intérprete» do seu próprio filme.

Entretanto, registe-se que «Recordações da Casa Amarela» é dos filmes portugueses distinguidos pela EFDO — um dos projectos-piloto do programa Media 92 — o que significa que lhe foi facilitada a distribuição europeia. Assim, o filme de César Monteiro deverá ser distribuído em Inglaterra, Irlanda, Itália, Holanda, Áustria e Alemanha.

Também o filme de João Mário Grilo, «O Processo do Rei», terá distribuição europeia, graças à EFDO. O filme passará em Itália, França, Áustria e Alemanha.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

António José Cruz é o único português da equipa técnica de Bowie

Um caso isolado

Na sombra, nos bastidores dos mega-concertos, no meio de uma equipa de centenas de gente, encontra-se António José Cruz. É português. Tem 33 anos. E trabalha como *expert* numa das maiores empresas da Europa de montagem de palcos de grande envergadura. Depois de ter trabalhado cerca de cinco anos com uma empresa de espectáculos portuguesa, partiu para o estrangeiro. Integrou a equipa técnica que veio a Lisboa com os Rolling Stones e, hoje, chefia a de David Bowie.

António José falou ao DL sobre a sua partida para o estrangeiro, a sua vida profissional e os sonhos de futuro que acalenta.

- *Sais de Portugal, apareces a primeira vez integrado na equipa técnica dos Rolling Stones e, agora, como chefe de montagem de David Bowie e Tina Turner. Como é que isso aconteceu?*

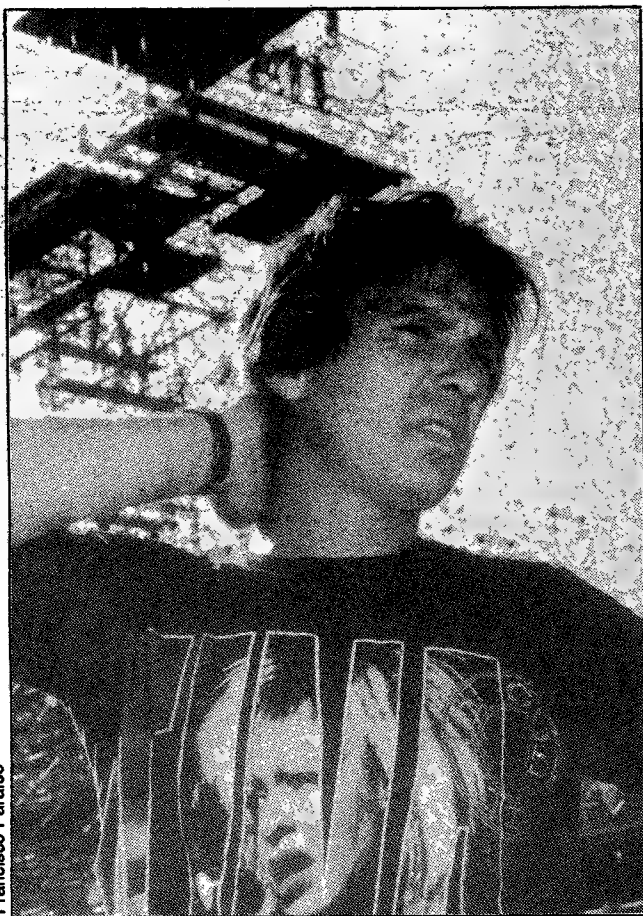
- «É uma história igual a muitas outras. Trabalhei cerca de cinco anos em Portugal ligado, primeiro, à iluminação de televisão, e, depois, à iluminação de espectáculos na empresa do Carlos Gomes - a Concerto. Na altura havia muitos problemas técnicos. A nível pessoal a situação também não era boa na época. Sempre quis ir mais longe no campo dos espectáculos. Como nós portugueses sabemos, pouco se podia avançar, nessa altura, no campo dos concertos musicais. Não havia infra-estruturas. Não havia uma produção coesa que pudesse aguentar uma série de espectáculos por ano de envergadura destes mega-concertos. Por isso, decidi ir lá para fora. Parei na Bélgica. Sabia que lá havia uma grande empresa de montagem de palcos de grandes dimensões. Fui lá, mostrei as minhas referências e pedi emprego. Entrei. E, hoje, estou aqui.»

- *Este ano estás ligado aos concertos de vários artistas...*

- «Sim, vim fazer os Stones a Portugal, estou com a Tina Turner, o Phil Collins, Madonna, Fleetwood Mac, Monsters of Rock e, para finalizar, David Bowie. E já me chega.»

- *És português, ainda jovem. Conseguiste realizar-te minimamente do ponto de vista profissional. Tem algum significado especial para ti vir a Portugal ajudar a fazer nascer estes concertos?*

- «Sim. As minhas vindas a Portugal sabem-me bem. Estou no meio da or-



António José Cruz

ganização, observo-a todos os dias, vejo a forma como funciona, e isso permite-me tirar conclusões.

Os grandes concertos estão nas mãos de cinco grandes promotores-coordenadores mundiais, dois dos quais estiveram aqui com os Stones, o Joe Baptista, norte-americano com ascendência açoreana, e o Albert Lawrence. São os mais conhecidos, os que conhecem o mundo inteiro e dominam os estádios todos em que se realizam os concertos. Sabem as suas medidas, têm todos os telefones e contactos, conhecem as pessoas e as estradas. Aliás, já andam nisto há quinze anos. Conheci-os há dois anos, quando andei com os Pink Floyd. Em conversa solta, começou-se a abordar a hipótese de Lisboa figurar na rota das *tournees* europeias das *mega-stars*. Havia várias dificuldades: dinheiro, estradas, etc. O mercado de Leste já foi furado, o português também, após a experiência dos Rolling Stones. E eu estou muito contente.»

- *Os técnicos portugueses têm pouca experiência de concertos desta envergadura. Qual a tua opinião sobre a sua capacidade de resposta?*

- «Já com os Stones fiquei muito admirado. O pessoal tem muita força de vontade, e eu não contava com isso. Uma construção desta envergadura exige pessoas com um certo arcaboço para estar lá em cima. Mas vai indo. Assim, cantam. E a coisa funciona.»

- *E as duas equipas, a estrangeira e a portuguesa, entendem-se bem?*

- «Perfeitamente. Se há alguém a desculpar são os próprios estrangeiros que, por ossos do ofício, se enervam muito mais do que a equipa local, porque andam na estrada o ano inteiro. Então, quando as coisas não aparecem exactamente na hora que querem, saem alguns palavrões pela boca fora. Mas há que desculpar, porque isto funciona e tensmo. Assim, sob pressão e mesmo. De resto as equipas dão-se muito bem. O único problema dos portugueses reside no facto de, ainda hoje em dia, não saberem falar minimamente inglês.»

- *Esta vai ser a tua vida para sempre?*

- «Só mais alguns anos, até os dólares subirem mais um metro de altura. Porque aí

faço descê-los de outra maneira.»

- *Qual?*

- «Eu gosto muito de Portugal, embora tenha nascido em Moçambique. Gosto muito deste cantinho, deste Sol... Não me venham atirar com areia para os olhos de que tudo é mais bonito. Inclusive estive no Brasil três meses e meio de férias e pensei na possibilidade de lá viver. Será um país para passar férias, mas nunca para viver. Quando tiver dinheiro, acho que vou montar aqui qualquer coisa, como um velho emigrante.»

- *Qualquer coisa como o quê?*

- «Quero ficar de alguma maneira ligado à música. Talvez um bar fundamentalmente para a malta da música, mas a funcionar como deve ser, como os que vi lá fora. Que sirva também de recolha de informações para os profissionais de concertos, a qualquer hora do dia ou da noite, que aí vão beber um copo. E terá que ter muito rock. Por enquanto, vou continuar nesta vida. Tenho boas condições de trabalho e não ganho mal.»

Maria José Belo Marques

CRÓNICA DE TOUROS

Onde se fala do comilão de Almada

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 9 de Agosto de 1990. Touros da Condessa de Sobral para Luís Miguel da Veiga, Paulo Caetano, João Salgueiro e forcados amadores de Vila Franca (cabo João Dolti) e de Alcochete (cabo António Manuel Cardoso).

Mais uma corrida no campo Pequeno. A portuguesa, já se sabe. E mal entramos na praça, no corredor levamos com a pancada do anúncio da próxima, a portuguesa outra vez, não podia faltar o Bastinhas, este ano já vai nalguma meia dúzia de saídas em Lisboa, isto não é má vontade, é só vontade de fugir de alguma maneira à opacidade do igual, como diria a Natália Correia para definir o tédio do repetido, do já visto, bem sei que o tédio não é fatal, se fosse fatal já o género humano não existiria, não continuaria conformado em que para tantos a maior parte do tempo se passe a passar o tempo, aliás esta noite encheram pouco mais de meia casa os que foram passar o tempo ao Campo Pequeno, apesar do apelo do cantor, a corrida do touro-touro, como se assavam não devesses ser sempre, enfim, bem postos estavam os Passanhes da Condessa, o pior era a mansidão, como dos cavalos se distraíam, e pelas tábuas os trocavam, resistiam aos capotes da peonagem, a fina-flor, os Badajoz, o Grilo, o Peixinho, o Albino e o Boieiro, em todo o caso deixando-se tourear, e pondo na guerra com os forcados um empenho em que o último foi vencido pela rijeza brava do José António Pinto, e em que o segundo pôs a nota insólita, Alcochete, derroto por assanhado o inseguro moço de cinco metros, e no recurso da carnalidade viu-se agarrado e não se mexeu, e dos cavaleiros esteve o Luís Miguel da Veiga o que se diz asseado, com o ofício de uma experiência que nos torna mais prudentes, e também mais tristes, Veiga guarda ao menos na sua quase veteranaria esse toque de donairrosa elegância que se constata, não se explica, e sempre usando o tricórnio que o Caetano e o Salgueiro deixam na trincheira, como acessório incómodo, de mão em riste saúdam os aplausos, às vezes nutridos sem que coisas grandes acontecessem, o primeiro de Caetano chega-lhe a passo, louve-se o gesto de recolher a ovação final sem partir para a volta à arena da praxe, coisa rara, e no outro não quis ou não soube tourear-lo a sesgo, optou pela trabalhosa brega para o sacar das tábuas, e o segurar em terrenos onde com ganas consumou os curtos, e Salgueiro decidido, aliviado nos compridos e atacando nos curtos, de espectáculo foi o último, vindo de frente, sustendo o galope do «Herói» ao entrar no terreno do quedado touro, num desafio provocador da arrancada, foi o ferro da noite, de uma noite sem história para vir nos livros, sem oferecer matéria para alguém que se disponha a continuar a «História do Toureio em Portugal», que o Rodovalho Duro, o «Zé Jaleco», escreveu e a Bertrand editou no ano de graça de 1907, tem a «patine» do tempo o exemplar que o Viale Moutinho me ofereceu aqui há tempos, decerto encontrado no seu peregrinar pelos alfarrabistas do touro, é espantoso que em Portugal hajam havido touros por tanto quando é sítio, do Ribatejo até ao Minho e Trás-os-Montes, e as coisas que é suposto terem acontecido, aquela corrida em Moimenta da Beira, no largo da Igreja, um touro escapou-se e entrou pela dita, ouvidos moucos aos devotos que clamavam a gritos pelo auxílio dos santos, investiu contra o altar e deitou-os abaixo, aos santos e às velas, e uma nocturna no Pombalinho, o Costa Brás nasceu lá e é capaz de não saber disso, os touros traziam nas barbas uns archotes acesos, e houve aquela trazida na Hestunha em que no intervalo se exibiu o Comilão de Almada, como era conhecido um tal Francisco Fernandes, só uma vez, na barraca dos Castelos Africanos, na feira de Alcântara, comeu ele seis fessuras de vaca guisadas com seis quilos de batatas, oito pa-és, onze laranjas, tudo regado com dez litros de vinho e seis de chá, e sempre de boa saúde, fora uma pneumonia aos seis anos só teve umas leves sezões em Alcochete, pois estava ele na arena a bater-se com um alguidar de vitualhas quando lhe soltaram o touro, interromperam o número, houve protestos do pagode, burburinho, até cabeças partidas, aliás os intervalos foram uma especialidade tauromáquica nacional, intervaireiros houve famosos, da destemida preta Cartuxa ao Torra Ossos e ao Pai Paulino, e o Bumba-no-Caneco, e o Domingos que era cego de um olho, cenas diversas se ofereciam, sensacionais, como «o homem e o touro na pastagem», era uma espécie de versão ecológica do Don Tancredo, o homem na arena coberto de erva, sem se mexer, à espera que o touro saísse e viesse ao posto, isso eram coisas doutros tempos, que o «Zé Jaleco» contava, agora no campo Pequeno nada acontece nos intervalos, à falta de vontade de suprimi-los deixam-nos vazios e tristes, também eles iguais uns aos outros.

Solilóquio

CINEMA DE PARIS

Fim-de-semana na vida duma mulher

Nicole Garcia, uma das melhores comediantes do cinema francês, doce e firme, inteligente e misteriosa, passou à realização e deu-nos «Un Week-End sur Deux» — com que a nova temporada por assim dizer se estreou. E se estreou em qualidade.

Uma história sem história: uma mãe divorciada que não tem a guarda dos filhos pequenos e resolve, por impulso e fantasia, partir com eles em viagem profissional que se torna fuga, sem razão, ante a perseguição na verdade amistosa, que lhe move o marido. O que acontece nessa viagem de revolta, de incapacidade, de aprendizagem sem fim nem

saída, é a história do filme.

Uma festa em Vichy que ela deve apresentar, vedeta secundária que é, mas que, ante o ridículo da cena, com os mecenas locais que faz aplaudir, tudo abandona, partindo com os filhos, num luxuoso carro que fora posto por contrato publicitário à sua disposição. Dirige-se então para o mar, brinca na praia com os petizes, perde o carro que lhe é apreendido, recebe recados telefónicos do marido, visita um irmão ginasta sem emprego, parte para a montanha, entre turistas desconhecidos, foge-lhe o filho numa rua espanhola, roubam-lhe ou não a

bolsa — e, finalmente, o marido aparece a buscar os filhos que ela deixa ir como os levou, numa ausência de si própria... Antes descobri-la, com o filho, as estrelas do céu e o seu nome, e depois vê-las-á sozinha, cadentes algumas, na noite que lhe ficou.

Esta mulher meio livre, sem planos, capaz de soluções rápidas fora de toda a lógica normal da vida dos outros, fazedora de histórias, esta mãe impaciente e trágica, que a filha segue com inconsciência de bebé e o filho julgando-a já, machista em potência, exigindo ordem — esta mulher infantil, inocente e

só, sem saber de culpas, é o próprio filme, e chama-se, no elenco, Nathalie Baye.

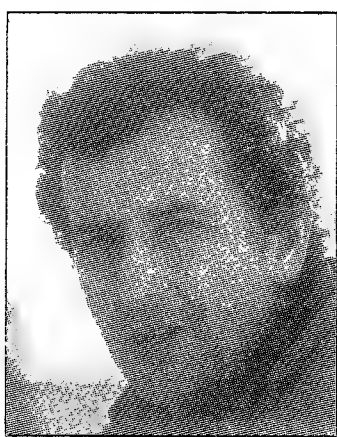
Nicole Garcia encontrou a personagem ligeira e grave, abstracta e desarmada, desta história que inventou nela pondo algo da sua própria pessoa, de experiência em experiência. «Filme de mulher», como se diz, «Un Week-End sur Deux» é uma obra de estreia, talvez longa, talvez mal dominada — mas tal não se achará se acompanharmos bem do interior esta escapada estranha e simples, dolorosa e sensível, na vida de uma mulher.

J. A. França

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Maximalist, um projecto «difícil» que agradou ontem nos Encontros Acarte

Mesas, aviões e um encore



Vasconcelos: posse amanhã

António-Pedro Vasconcelos toma posse amanhã do cargo de coordenador do Secretariado Nacional do Audiovisual. A posse é conferida por Cavaco Silva, pelas 12 e 30, em S. Bento.



Amália hoje no País Basco

Amália Rodrigues e o guitarrista brasileiro João Bosco abrem hoje o IV Festival Internacional de Música Folk da localidade basca de Gecho, no Norte de Espanha. O irlandês Andy White e o espanhol Luís Eduardo Aute actuam amanhã, enquanto a banda basca Oskorri e o grupo irlandês The Dubliners encerram o festival no sábado.

Um dia a Gulbenkian terá de convencer-se de que nem todos os espectáculos podem ser levados ao anfiteatro «de ar livre», como se lê nos folhetos da Fundação. Ontem, por exemplo, o serão exclusivamente musical dos presentes Encontros Acarte foi prejudicado pela constante passagem de aviões sobre os jardins daquela instituição, dado tratar-se de um concerto construído por preciosismos e sutilezas que exigiam concentração de ambas as partes, músicos e audiência. Descontando o enervante tráfico aéreo, a conclusão de todos os que ficaram até ao fim do espectáculo (porque alguns, entretanto, tinham preferido desistir, não conseguindo suportar a tensão criada pelos belgas Maximalist) foi unânime, com a exigência de um *encore*, coisa rara em eventos na área da música erudita.

Convém que se diga, para melhor compreensão do que se passou, que nem os seis Maximalist são um agrupamento da música «séria» no sentido habitual do termo, nem os acompanha o estatuto «puro» da criação musical. Thierry De Mey, Jean-Paul Dessy, Dirk Descheemaeker, Jean-Luc Plouvier, Eric Sleichim e Peter Vermeersch procuram reinventar os parâmetros do minimalismo, estilo - como

se sabe - de proveniência norte-americana, e sem dúvida alguma que contribuem para uma sua versão caracteristicamente europeia, talvez mais feliz, porque mais consistente, do que a tentada por Wim Mertens, com quem aliás também toca Descheemaeker.

Adverso a um estética excessivamente codificada, como encontramos hoje essa que foi abraçada por compositores como Steve Reich e Philip Glass, o colectivo não hesita em recorrer a outros modelos que permitam, assim consta na sua «carta de intenções», «redescobrir o sentimento da música popular» - seja a verve dos sopros no jazz contemporâneo ou a rítmica do rock. Os jogos tímbricos dos saxofones e clarinetes, intrincados e cativantes, tiveram com certeza a ver com uma dessas vertentes, e a apurada sincopação estrutural reenviou-nos imediatamente para a outra.

Esse um aspecto. Outro, complementar, é a opção dos Maximalist pela chamada «música aplicada», ou seja, a música que não tem como fundamento e finalidade o seu próprio *corpus* e a apresentação pública nos termos «clássicos» do concerto, mas que é pensada para espectáculos de performance física, casos do bailado e do teatro. Vem daí, de resto, a fama do sexteto, e se é verdade que

em Portugal ainda não os conhecíamos ao vivo, alguns bailados já tivemos oportunidade de assistir com a inclusão do grupo ou de alguns dos seus elementos nas suas fichas de colaboradores. Todos os Encontros de Nova Música já repararam neles, espera-lhes um estatuto algo diferente daquele que tiveram até agora, mas uma particularidade os Maximalist cultivarão sempre, é de prever.

A interpretação, o acto de tocar em palco, isto é, de «actuar», é para eles mais do que uma função. Profundamente influenciados pelo universo estético da dança, conscientes da importância do movimento e do posicionamento corporal, tanto quanto da encenação de conjunto, os belgas que ontem nos visitaram fazem uma música que é também para ser vista. A questão não se resume à disposição dos instrumentistas e dos instrumentos no estrado ou à atitude que os músicos adoptam perante o público, e isso já seria muito.

Em «Musique de tables», assinada pelo percussionista De Mey, três dos músicos sentaram-se em frente de outras tantas mesas de madeira e percutiram-nas com dedos, mãos e braços de modo a obterem sons solidamente articulados e integrados entre si, não resultando o exercício

apenas num edifício musical mas também numa composição gestual, ou mais exactamente, numa peça coreográfica. O que poderia parecer gratuito foi afinal a prova de que há uma unidade possível (e não somente «aconselhável») entre o intérprete e a matéria musical que trabalha, ainda que as «conotações emotivas e sentimentais», que estes Maximalist dizem desprezar, não se possam confundir com tais envolvimento.

Poderemos apontar um

defeito nos belgas - o excesso de virtuosismo, a demasiada limpidez sonora, o maquinismo, a utopia perfeccionista. E isso, e só isso, faz-nos recordar - chegámos, por momentos, a esquecê-lo! - que o projecto Maximalist, por formação dos seus membros mas igualmente por decisão comum, se inscreve nos domínios da música «cult». Não foi fácil, ontem, gostar do grupo, mas quem gostou teve razões mais do que suficientes para tal.

Rui Eduardo Paes

Congresso internacional de críticos de teatro Fundação Gulbenkian

14 de Setembro
(Manhã)

9.00/11.00

Secção 2

Comunicações: José Monleón (Espanha) — s/título; Tomasz Mitkowski (Polónia) — *Project of a new international Periodical AICT*; Eugénia Vasques (Portugal) — *O Actor e a Perversão do Discurso Crítico*; Soila Lehtonen (Finlândia) — *Dialogue with Realism*; Johna Elsom (Inglaterra) — *Criticism and the Cold War*.

11.30/13.00

Painel: *O Lugar do Teatro Tradicional*.

Eteri Gugushvili (URSS) — *National Traditions and the Role of the Georgian Theatre in Modern Culture*; Kazuko Matsuoka (Japão) — *Tradition and Classic Drama assimilated in the Contemporary Japanese Theatre*.

Soares homenageia Melo Neto

O Presidente da República enviou uma mensagem de homenagem pela atribuição do Prémio Camões ao poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto.

Mário Soares felicitou o poeta e afirmou que ao ter-se distinguido Miguel Torga e Melo Neto, amigos e admiradores recíprocos de Brasil e Portugal, o Prémio Camões «evidencia os laços indestrutíveis que unem os dois países numa cultura comum».

Pedro Homem de Melo em reedição

O Lions Clube do Porto reeditou a colectânea de poesia de Pedro Homem de Melo «Pedro, Nome de Poeta» - segundo apurou a Lusa. A reedição é de 500 exemplares e contém reproduções de aguarelas e carvões de Júlio Resende, expressões criadas para o livro de Pedro Homem de Melo.

A receita da venda das brochuras será aplicada em obras sociais.



DV8 Physical Theatre logo à noite na Gulbenkian

No prosseguimento dos Encontros Acarte, «If Only», da companhia britânica DV8 Physical Theatre, é a coreografia que poderá ser apreciada esta noite no Grande Auditório da Gulbenkian. Com um estilo que procura «reinventar» a dança e comprovadas influências da pantomima ou do teatro segundo os cânones orientais, japoneses nomeadamente, o projecto DV8 tem-se notabilizado pela agressividade e audácia das suas obras.

Os temas escolhidos por Lloyf Nelson, «director artístico e coreográfico» do colectivo, são invariavelmente incómodos e nunca deixam o espectador indiferente. O erotismo como linguagem especificamente corporal e a violência interpretativa enquanto exegese do movimento são os parâmetros do estranho realismo deste projecto. Reconcentrado no corpo e na fisicalidade do dançarino/actor tudo aquilo que vem sendo transferido para a encenação, o «teatro físico» dos seis DV8 que hoje veremos actuar é a representação do desejo e do desespero de uma forma dir-se-ia que «orgânica». Impressionante...

R.E.P.



Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Cód. Postal _____
Idade _____ Profissão _____
Freguesia _____ Concelho _____
Tem Televisor? _____ Nº Licença _____
Telefone Nº _____

Importante: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso O Preço Certo, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex.

DESPORTO

MODALIDADES

Ténis: Open dos Açores

O tenista francês Olivier Delaitre, primeiro cabeça-de-série e 105.º do mundo, foi afastado do Open dos Açores, ao perder frente ao venezuelano Maurice Ruah, pelos parciais 6-3 e 6-3.

A jornada de ontem ficou marcada pelas chuvadas que se fizeram sentir provocando a suspensão de várias partidas.

Por esse motivo, os encontros de pares que envolvem jogadores portugueses, Nuno Marques, Emanuel Couto e José Nunes, só serão disputados hoje.

Resultados: Maurice Ruah (Venezuela)-Olivier Delaitre (França), 6-3, 6-3; Chris Pridham (Canadá)-Gabriel Markus (Argentina), 4-6, 6-4, 7-6 (8-6) e Ken Flach (EUA)-Doug Flach (EUA), 6-1, 6-2.

Atletismo: a nossa selecção já está em Manaus

As selecções da Venezuela, Espanha e Portugal foram as primeiras a chegar a Manaus, cidade onde amanhã terão início os IV Campeonatos Ibero-Americanos de atletismo, que decorrerão até dia 16.

A selecção portuguesa, constituída por 22 atletas (13 homens e nove mulheres), chegou a Manaus, instalando-se na aldeia olímpica, situada junto ao estádio onde vai decorrer a prova.

A representação feminina portuguesa é formada por Lucrécia Jardim, do Benfica (100 e 200 metros) Elsa Amaral, do FC Porto (800 metros), Carla Sacramento, individual (800 e 1000 metros), Alice Silva, do Benfica e Fernando Ribeiro, do FC Porto (meio fundo), Emília Tavares, individual (comprimento e 100 metros barreiras), Maria João Valamatos, do Benfica (400 metros barreiras), Ana Oliveira, individual (comprimento), e Teresa Machado, do Sporting (peso e disco).

No sector masculino estará presente um quarteto de velocistas que correrão os 4x100 metros e que integra os «sprinters» Luís Barroso, Pedro Curvelo, Fernando Damásio e ainda Luís Cunha.

Luís Barroso, Pedro Curvelo, Fernando Damásio e António Abrantes (que alinhará nos 800 metros) correrão os 4x400 metros.

Para além destes atletas, Portugal levou ainda Carlos Pereira, do Salgueiros, nos 3000 metros obstáculos, João Lima do Sporting, nos 110 metros barreiras, Pedro Rodrigues, do Benfica, nos 400 metros barreiras, Luís Marto, do Benfica, no triplo e na altura, Carlos Castelbranco, do Sporting, no comprimento, Fernando Alves, do Benfica, no peso, disco e martelo, Carlos Cunha, do Olivais Sul, no dardo e João Campos nos 1500 e 5000 metros.

Atlético contrata basquetebolista

O basquetebolista norte-americano Nate Granger, de 2,03 metros, poste (ex-Belenenses) e Paulo Janeiro (ex-Sporting) são os novos reforços da equipa principal do Atlético que vai disputar o Campeonato Nacional da Segunda Divisão.

O director do departamento de basquetebol da colectividade alcantarense, António Belchior, disse que o clube renovou entretanto o contrato com o norte-americano Vereck Sallors, poste, de 2,07 metros.

«Whitbread»

Uma regata do outro mundo

Um ano depois da largada da quinta edição da «Whitbread» - a mais prestigiante regata à volta do mundo, com escalas, para veleiros tripulados - o porto inglês de Southampton voltou a acolher os heróis desta travessia.

Ao longo de mais de 33 mil milhas marítimas, cerca de 60 mil quilómetros, a «Whitbread» mais uma vez pôs à prova não só a resistência física e psicológica dos tripulantes, como também testou a eficácia dos veleiros, alguns dos quais tidos como o «último grito» no domínio da arquitectura e construção naval.

Foi o caso do vencedor deste ano, o «Steinlager II», da Nova Zelândia, capitaneado por Peter Blake, já um veterano nestas andanças. O veleiro foi projectado por Bruce Farr, um arquitecto de nomeada, que adoptou na sua concepção um conceito abandonado há cerca de dez anos: o de que os dois metros de um *ketch* teriam pior aproveitamento nas longas distâncias do que um mastro único, utilizado nos *sloops*.

Assim, Farr projectou um veleiro com 25 metros de comprimento (o limite máximo permitido pelos regulamentos) e uma grande superfície vélica, que se revelou determinante em grande parte da regata, pois os ganhos em velocidade compensaram, claramente, o maior número de tarefas exigidas pela existência de dois mastros.

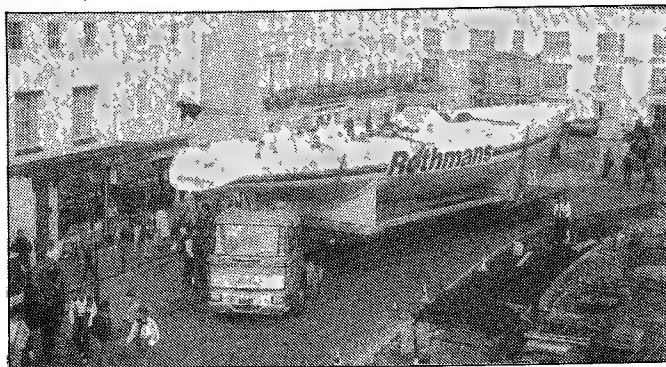
A superioridade do «Steinlager II» foi absoluta: o veleiro neo-zelandês chegou sempre em primeiro no final das seis etapas, a maior parte das vezes com um avanço considerável sobre os seus mais directos rivais ao longo desta volta ao mundo - o «Fisher and Paykel» (Nova Zelândia), o «Merit» (Suíça) e o «Rothmans» (Grã-Bretanha).

Factura pesada

Participar numa regata como a «Whitbread» exige muitos requisitos, mesmo para aqueles que saibam, à partida, não ter grandes hipóteses de vencer. Aliás, na edição deste ano foram postas de lado as correcções de tempo em função da categoria dos barcos concorrentes, sendo o triunfo obtido pelo veleiro que fizesse o melhor tempo real.

Independentemente da

passagem por algumas provações. Não é nada fácil, por exemplo, enfrentar os «Roaring 40's» ou os «Screaming 50's», situados entre os 40 e os 50 graus de latitude sul, zona onde aqueles fortes ventos, aliados a um frio glacial, são sempre temidos pelos marinheiros. Mas passar o Cabo Horn, no extremo sul da América do Sul, onde se juntam o Atlântico e o Pacífico, também foi sempre uma incógnita e um



categoria e capacidade das tripulações (não mais de 15 pessoas por veleiro), há que programar e preparar nove meses no alto mar. É exigido um grande esforço financeiro - quase sempre suportado por patrocinadores - e, necessariamente, um grande profissionalismo, que por vezes se paga com a morte.

Neste aspecto, a última «Whitbread» apresenta uma factura pesada. Durante a sua realização morreram três pessoas (uma no alto mar e as restantes em incidentes ocorridos durante as escalas) e toda a tripulação de um veleiro, o finlandês «Martela», foi salva por um dos outros concorrentes quando o iate perdeu a quilha, virou e se afundou a 240 quilómetros da costa argentina.

Mas se a participação nesta regata pode (e deve) sugerir aventuras consideráveis ao longo da sua realização, há que ter em conta que os riscos são elevados. Todas as tripulações, sem excepção,

local temido pelos que desafiavam os mares.

Lawrie Smith, o competente «skipper» do «Rothmans», costuma dizer que «quanto mais o vento sopra, mais prazer se tira do confronto com o mar». Porém, confessou no final da regata nunca ter enfrentado tão severas e inóspitas condições de tempo como nesta edição. «As temperaturas estiveram frequentemente abaixo de zero graus e uma vez molhados, os protectores de pele deixam de funcionar e nunca mais se consegue aquecer de novo. Navegar a velocidades próximas dos 30 nós, em tais condições de tempo, continuamente durante quase duas semanas, torna-se desgastante. Aí, mais do que nunca, houve máximas; uma mão para o barco e outra para si próprio», disse Lawrie.

Final empolgante

Quem participa na

«Whitbread» terá sempre tema de conversa para animar uma roda de amigos. Que o digam, por exemplo, os tripulantes do «Fazisi», que marcou a estreia de veleiros soviéticos (embora fazendo publicidade a uma multinacional norte-americana) nesta regata.

Muitas dúvidas rodearam a participação deste iate, que se apresentou em Southampton com um *rating* superior em 25 pés ao permitido pelos regulamentos. Transportado para doca seca, houve, primeiro, que trocar a quilha do veleiro, adaptando-lhe uma antiga quilha do «Rothmans», gentilmente cedida. Depois, só à última hora surgiu o dinheiro para pagar os serviços prestados na doca. Também pouco tempo antes da largada chegaram as chávenas que faltavam a bordo. O café e o chá eram bebidos em pratos rasos. A desorganização atingiu o cúmulo quando uma manhã o cozinheiro, pensando que dissolvia leite em pó na água, verificou que acabava de fazer... puré de batata.

Mas o grande acontecimento desta regata, que muitos jamais esquecerão, aconteceu à chegada a Fremantle, na Austrália, termo da segunda etapa. Após 27 dias e quase 14 mil quilómetros percorridos, o «Rothmans» e o «Merit» discutiram ao *sprint* o segundo lugar. Cortaram a meta separados por apenas 28 segundos, com o barco inglês a levar a melhor. Quem presenciou a empolgante chegada àquele porto australiano pode considerar-se um feliz: «Na história da «Whitbread» nunca se viu coisa assim!», comentou John Anson, director financeiro da regata com a sexta edição já assegurada para 1993/94.

J.F.

Iniciativa da CML

«Gaiatos» de Lisboa a dar à perna

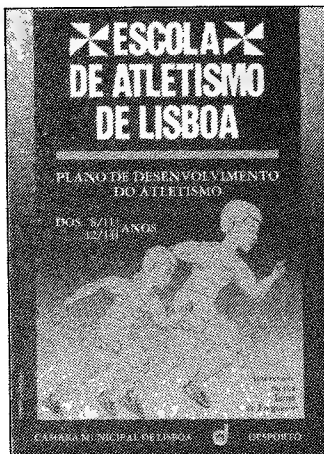
Para dar início à actividade prevista no plano de desenvolvimento do atletismo de Lisboa decorrem reuniões, bastante participadas de Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa com as juntas de freguesia e as colectividades, divididas em três zonas conforme a sua situação geográfica.

Registou-se uma grande receptividade das freguesias e dos clubes presentes para lançamento dos projectos das escolas e das escolinhas de atletismo e do Torneio das Colectividades de Lisboa, prova essencialmente virada para a prática da corrida prolongada, mas incluindo também provas de pistas de avaliação, cujo

programa será discutido em reunião a realizar-se no final do corrente mês.

O Torneio das Colectividades integra-se no protocolo assinado entre a Câmara Municipal de Lisboa, a Associação de Atletismo de Lisboa e a Federação Portuguesa de Atletismo.

Quanto às escolas e escolinhas de atletismo constituem estruturas de acolhimento destinadas ao ensino da modalidade dos praticantes mais jovens, dos 8 aos 14 anos, e têm a preocupação de uma correcta actuação técnico-pedagógica. São abertas a todas as crianças do concelho de Lisboa representando ou não clubes e serão orientadas por



monitores de atletismo, enquadrados numa perspectiva de formação contínua por técnicos das três entidades que

assinaram o protocolo de desenvolvimento do atletismo.

São 10 os locais de funcionamento das escolas e escolinhas de atletismo em locais que se situarão em zonas habitacionais, preparados e apetrechados para isso. Nas reuniões já realizadas são os seguintes os locais susceptíveis de serem utilizados, para além de outros que serão indicados posteriormente ou seja logo que estejam disponíveis para o deste apetrechamento: Lumiar, Ameixoeira (Quinta de Santa Clara, Alto do Chapeleiro, Escolas Primárias), S. João de Deus, Belém (pista do Restelo, zona de Belém, Estação Fluvial e pista do Estádio de Pina Manique).

ESPECIAL FÉRIAS/90 no HOTEL DO PARQUE VIANA DO CASTELO COSTA VERDE



O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



DESPORTO

B R E V E S

Pólo aquático:
selecção não vai à Turquia

O actual momento que se vive na zona do golfo Pérsico levou a Federação Portuguesa de Nataçao a cancelar a viagem da selecção nacional de pólo aquático à Turquia, onde iria competir nos dias 17 e 27 no Segundo Torneio da Confederação dos Países Mediterrânicos.

Devido à proximidade com a zona de conflito, a Turquia não é o país ideal para disputar este torneio, pelo que responsáveis da prova, propuseram no último fim-de-semana, em Atenas, transferir a competição para região mais segura.

A ideia é partilhada pelos dois representantes portugueses no encontro, José Vicente de Moura, como membro da confederação, e Victor Nogueira, como presidente em exercício da FPN.

Natação: Torres Novas
domina os «saltos»

A equipa do Clube de Nataçao de Torres Novas dominou o Campeonato Nacional de Saltos para a Água, conquistando oito dos 13 títulos em disputa.

O CNTN apresentou-se particularmente forte no sector feminino, onde foi primeiro em todas as categorias. O Louletano foi campeão em quatro provas e o Aminata, de Évora, ganhou uma.

Ginástica:
soviéticos em Fiães

O treinador soviético Iakovenko vai ministrar um estágio de aperfeiçoamento técnico, na especialidade de trampolins, no Clube Desportivo de Fiães de 17 a 24 do corrente.

Iakovenko é treinador dos ginastas Serguei Bukhovtsev e Lada Tseverenko, campeão e vice-campeã da Europa na categoria de juniores.

Do programa do estágio consta também uma palestra que será proferida pelo técnico soviético, no dia 21, pelas 21 e 30, no salão nobre da Junta de Freguesia de Fiães, subordinado ao tema «Os trampolins na URSS».

Os dois ginastas soviéticos vão participar com atletas locais e de clubes do Norte num festival/exibição, no dia 22, pelas 21 e 30. Durante o festival/exibição será homenageada a ginasta Maria Oliveira, vice-campeã da Europa de duplo minitrampolim.

Voleibol:
mudança de comandos

Fernando Luís é o novo técnico da selecção nacional sénior de voleibol. Aquele técnico nortenho, que recentemente qualificou a formação nacional júnior para a fase final do Campeonato da Europa, na RFA, assumirá também o cargo de coordenador das selecções nacionais.

Carlos Pratas, que recentemente se demitiu do comando da equipa da Associação Académica de Espinho, dirigiu os trabalhos da formação portuguesa durante a Spring Cup, vai agora assessorar Fernando Luís.

Ciclismo: Volta da CEE

Delmino comanda a nossa fila

O francês Martial Gayant manteve o comando na Volta à Comunidade Europeia em bicicleta, ao ser oitavo classificado, na sétima etapa da prova, disputada entre as localidades de Saverne e Kayserberg.

Gayant gastou quatro horas, 14 minutos e 58 segundos para cumprir o percurso de 166 quilómetros, tendo sido cronometrado com mais três segundos em relação ao vencedor da tirada, o dinamarquês Bjarne Riis, o qual foi secundado pelo soviético Viatcheslav Ekinov, que terminou à frente do francês Laurent Jalabert, segundo classificado na geral.

Na geral Gayant tem somente um minuto de avanço sobre Jalabert e quanto aos portugueses Delmino Ferreira (35.º) é o melhor posicionado, seguindo-se Carlos Moreira (39.º), José Marques (50.º), José Santiago (56.º), Pedro Silva (72.º), Carlos Carneiro (79.º), Vítor Gamito (97.º). Estão em prova 114 concorrentes.

Acácio: 70.º lugar
na Catalunha

O espanhol Laudelino Cubino manteve a liderança da Volta à Catalunha em ciclismo, após a penúltima etapa, ganha pelo italiano Marco Lietti.



Delmino Pereira: 35.º lugar na «Comunidade»

O ciclista italiano gastou o tempo de 4.01,24 horas para completar a tirada, disputada entre Manlleu e Playa de Aro, num total de 166,2 quilómetros.

O português Acácio da Silva baixou para 70.º lugar da geral, chegando na tirada de ontem integrado no segundo pelotão, na 85.ª posição.

Cubino comanda com o tempo de 23.36,54 horas, mantendo uma vantagem de 26 segundos sobre um trio formada pelos seus compatriotas Marino Lejarreta, Inaki Gaston e Pedro Delgado.

Da última etapa da prova consta um contra-relógio de 29,1 quilómetros, seguido de uma tirada de 74,3 quilómetros, com meta em Girona.

Margem esquerda

Entre 21 e 23 do corrente, a Associação de Municípios da Margem Esquerda do Guadiana (integrando as edilidades de Serpa, Moura, Barrancos, Mértola e Mourão) promove a 7.ª Volta à Margem Esquerda, em quatro etapas em linha, um contra-relógio por equipas e outro individual, num total de 385 quilómetros, com partida em Encinasola e meta final em Serpa.

Volta a Ilhavo

Domingo, em Ilhavo, processa-se a volta à cidade, com atletas seniores e juniores em luta para prémios no valor de 150 contos, fora os contratos por presença. Pela 14.ª vez a prova é organizada por «Os Ilhaves» e terá duas etapas: 90km em linha e, à tarde,

circo por séries na extensão de nove quilómetros.

Fignon vai continuar

O ciclista francês Laurent Fignon está a pensar prosseguir a sua carreira como profissional por mais duas ou três épocas.

Em entrevista publicada na edição de ontem do jornal gaulês «L'Équipe», Fignon, de 30 anos, acrescenta, todavia, que parará de imediato se sentir que deixou de ser competitivo.

«Sinto que ainda posso ganhar. Penso continuar por mais dois anos, talvez um terceiro. Sou um optimista por natureza, mas, neste caso, julgo que estou certo» — afirmou o ciclista francês.

Fignon, que ganhou a Volta à França em 1984 e 1985 e perdeu no último ano o primeiro lugar para o norte-americano Greg Lemond por escassos oito segundos, adiantou que não é «demasiado velho» para voltar ao «top» mundial. «Ainda tenho muito a dar ao ciclismo. Sei que não durarei sempre e que chegarei o momento em que deixarei de figurar entre os 10 ou 15 primeiros, mas isso ainda não aconteceu» — referiu Fignon, recentemente regressado às competições após uma lesão no tendão de Aquiles, na última edição do Tour, há dois meses.

Europeu de hóquei em patins

A decisão continua adiada

Portugal e Itália mantêm a liderança do «Europeu» de Hóquei em Patins, ambos com 10 pontos, ao vencerem ontem, em Lodi (Itália), os seus encontros da sexta jornada da prova, respectivamente frente à Suíça (8-1) e a RFA (2-0).

Numa outra partida da ronda, a formação espanhola superou a sua congénere da Holanda, por 7-3, e ocupa agora isolada a terceira posição, com

oito pontos.

Resultados da jornada: Portugal-Suíça, 8-1; Inglaterra-RDA, 4-4; Itália-RFA, 2-0; e Espanha-Holanda, 7-3.

No encontro de ontem, que marcou o retorno do benfiquista Paulo Almeida já restabelecido da amigdalite, a grande figura foi Carlos Realista com uma exibição notável e, quanto aos demais, de-

verá dizer-se que o conjunto luso realizou a sua melhor exibição dos cinco confrontos já efectuados.

Portugal alinhou com: Franquelim; Vítor Fortunato, Realista, Luís Ferreira e Vítor Bruno. Actuaram ainda: Vítor Hugo, Tó Neves e Paulo Almeida e quanto a marcadores Realista (2), Tó Neves (2), Luís Ferreira, Vítor Hugo e Vítor Bruno.

Hoje Portugal defronta a Inglaterra.

Classificação:

	J	V	E	D	P
Portugal	5	5	-	-	10
Itália	5	5	-	-	10
Espanha	5	4	-	1	8
Suíça	5	3	-	2	6
Holanda	6	3	-	3	6
RFA	6	1	1	4	3
França	5	1	1	3	3
Inglaterra	6	-	1	5	1
RDA	4	-	1	4	1

assim vai o

totobola

Penalti: 222 111 111 1211; O Algarve: 1X2 21X 111 1X21; Jornal de Amarante: 222 111 1XX 1211; Jornal da Beira: XX2 11X 1X1 12XX; Cardeal Saraiva: 222 111 1X2 1XX1; Correio de Coimbra: 2X2 11X 11X 12XX; Correio do Vouga: 211 111 11X 12X1; A Defesa: 222 1XX 1XX 1XX1; Defesa de Espinho: XX2 111 11X 1XXX; Diário de Coimbra: 2X2 11X 111 121X; Jornal do Fundão: XX2 111 1XX 1X1X; Diário de Lisboa: XX2 11X 111 121X; Diário de Viseu: 1X2 11X 111 1XXX; O Distrito de Portalegre: 222 1XX 1X2 1211; Grande Área/Nova Antena: X22 1X1 X2X 11XX; Ecos de Cacia: X22 11X 11X 1211; Eu Sei Tudo: 222 11X X12 11X1; Jornal de Felgueiras: XX2 111 1XX 1X11; Jornal de Gaia: XX2 11X 111 12X1; O Almonda: 2X2 11X 11X 1X12; Rádio Totobola: X2X 111 XXX 1XX1; Rádio Guarda: XX2

111 11X 1211; Jornal da Graça: 222 1XX 11X 122X; Linhas de Elvas: 2X2 111 1X1 1211; Litoral: 222 1X1X 11X 12X1; Maria da Fonte: 222 111 111 1X11; No Estádio e No Estádio: XX2 1X1 111 1X21; Notícias de Felgueiras: XX2 111 1XX 1X11; Notícias de Gouveia: XX1 111 22X 1X21; Notícias de Guimarães: X22 11X 1X1 1X11; Notícias de Viseu: XX2 111 111 11XX; Quadrante Norte: X22 111 111 1211; Semanário da Região Bairradina: 2X2 11X 111 12X1; Varanda Matinal: 212 212 12X 12X1; Tempo e Resultados/Rádio Comercial: X22 111 1XX 12X1; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 222 111 111 1XXX; Tempo de Desporto/Rádio Comercial: X22 1XX 1X2 1221; Resenha Desportiva: 2X2 1XX 111 12X1; Jornal de Santo Tirso: X22 111 1X1 1111; A Voz do Domingo: XX2 11X 1X1 1111; Voz de Lamego: 222 11X

X11 12X1; A Voz dos Rídiculos: 1X2 111 111 1XX1; Desporto/Rádio Guarda: 222 1XX 1X2 12X1; Contacto/Rádio Guarda: 222 1X1X 1X1 XXX1; Meia Tarde/Rádio Guarda: 112 X21 1X2 121X; Encontro Com a Manhã/Rádio Guarda: 22X 111 1X1X 2221; Freguesias do Nosso Distrito/Rádio Guarda: 2XX 1XX 2X2 121X; Primeiro Continente/Rádio Alitude: 222 11X X21 1XX1; Tarde Desportiva/Antena Um: 22X 1X1 1X1 11X1; Livre e Directo/Antena Um: 212 X11 11X 112X; Crónica Desportiva/Rádio Viriato: 112 111 111 112X; Um Caso Por Semana/Rádio Covilhã: 2X2 11X X22 121X; Foi Notícia/Rádio Covilhã: X22 1X1 1XX 1212; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 222 112 1X1 1X11; Cultura e Recreio/Rádio Covilhã: XX2 1X1 1XX 1X1X; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 222 11X 12X 12X1; Manhãs Informa-

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO
PARA O CONCURSO N.º 37/90 DE 16 DE SETEMBRO

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. Boavista-Sporting	10	28	37	2	4	6
2. Belenenses-Porto	9	30	36	1	5	6
3. Salgueiros-Benfica	1	9	65	1	1	10
4. Guimarães-B. Mar	67	6	2	10	1	1
5. E. Amadora-Tirsense	61	13	1	9	2	1
6. G. Vicente-Farense	39	32	4	6	5	1
7. Penafiel-Marítimo	57	16	2	9	2	1
8. U. Madeira-Chaves	40	27	8	6	5	1
9. Nacional-Braga	31	34	10	5	5	2
10. Setúbal-Famalicão	71	3	1	10	1	1
11. Lusitano V.R.-Académica	11	30	34	2	5	5
12. Águeda-Várzim	29	34	12	5	5	2
13. Estoril-A. Viseu	51	21	3	8	3	1

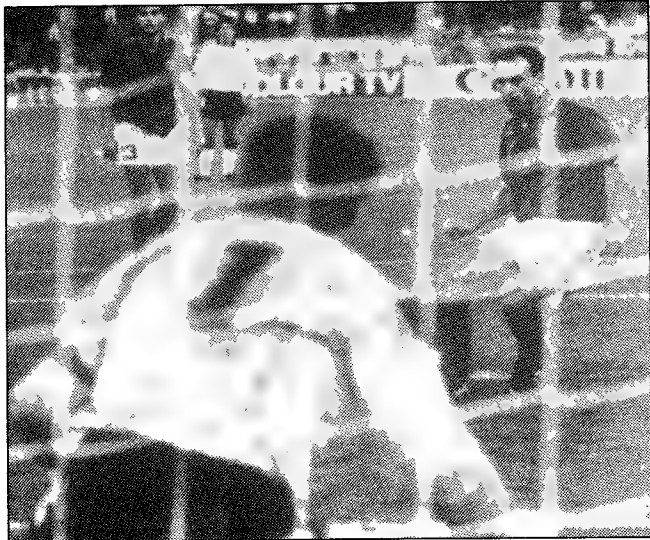
(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
222 111 11X 12X1

tivas/Rádio Guarda: 112 1X1 111 1X11; Jornal do Almoço/Rádio Guarda: 222 111 1XX 1211; Jornal 1X2: 222 11X XX1 1211; Jornal das 8H30/Rádio F. Guarda: 112 111 111 1X21; Jogo Limpo/Rádio F. Guarda: X22 111 11X 12X1; Jornal do Jantar/Rádio F. Guarda: 222 X12 X12

X2XX; Noites da Efe/Rádio F. Guarda: 222 11X 111 1XX1; O Comércio de Leixões: 2X2 11X 11X 1X2X; De Tudo Um Pouco/O Comércio de Leixões: 122 111 1X1 11X1; Gazeta das Caldas: X12 111 111 1XX1; Bom Dia/Rádio Comercial: 2X2 1X1 X2X 1XX2; Panorama/Rádio

Placard: 122 X11 X22 XX11; Placard Desportivo: 222 111 11X 1XX1; Música e Desporto/Rádio Placard: X2X 111 1XX 12X1; Jornal de Notícias: XXX 11X 1XX 1X2X; Alvo Desportivo: 1XX 11X 111 11X1; Rádio Alvo: X1X 111 XXX 1X1X; Alvo: 222 11X 111 1221; Alvo Suplemento: XXX 112 11X 111 1221



Schillaci: ele foi considerado o melhor de Itália

Juventus: gastar milhões para ficar na cepa torta

A Juventus, detentora da Taça UEFA, desistiu da planeada contratação de um 3.º estrangeiro para a presente época, considerando que os melhores futebolistas já estão nos outros clubes italianos. O novo vice-presidente da Juventus (Luca di Montezemolo) referiu que o clube pôs definitivamente de parte as ideias de contratar Des Walker e Paul Gascoigne, que jogaram pela Inglaterra no Mundial/Itália-90.

«Walker é demasiado caro. O Nottingham Forest disse-nos oficialmente que o jogador não está à venda, mas outros canais informaram-nos de que ele poderia custar 7,5 milhões de dólares (um milhão de contos)» — disse Luca di Montezemolo.

O director-executivo do clube de Turim adiantou que «a Juventus poderia ter comprado Gascoigne (Tottenham), mas isso não adiantaria nada, pois a equipa está bem fornecida quanto a médios de ataque. Neste momento, o melhor que temos a fazer é deixar em aberto a 3.ª vaga para estrangeiros. De qualquer forma, os melhores futebolistas estrangeiros já estão em Itália» — acrescentou o dirigente da Juventus.

Di Montezemolo, que entrou na última semana para o executivo da Juventus após o campeonato mundial de futebol 90, confirmou que o clube gastou cerca de 41 milhões de dólares (5,7 milhões de contos) com a contratação de jogadores e do «manager» Gigi Maifredi.

A Juventus pagou um recorde mundial de 13 milhões de dólares pelo médio internacional italiano Roberto Baggio e desembolsou 8,8 milhões de dólares pelo alemão-federal Thomas Haessler: mas, apesar dos investimentos, o clube teve um fraco início de época: «Mudar tudo e começar a ganhar de imediato é impossível. Maifredi diz-me que, dentro de aproximadamente um mês, vamos ver a verdadeira Juventus: mas, nós não estamos ainda preparados para ganhar a Liga. Julgo que poderemos obter o 3.º lugar esta época» — concluiu Luca di Montezemolo.

Taça de Itália

O Roma, adversário do Benfica na 1.ª eliminatória da Taça UEFA, derrotou em casa o Foggia (do escalão secundário) por 3-1, em encontro a contar para a Taça de Itália. Outros resultados: Nápoles-

Cosenza, 2-0; Fiorentina-Parma, 1-0; Cremonese-Cesena, 2-0; Sampdoria-Brécia, 4-0; Verona-Torino, 1-0; Inter-Monza, 1-0 e Pisa-Udinese, 1-0.

Robson e Schillaci distinguidos em Itália

Bobby Robson, que treinou a Inglaterra no Itália-90, afirmou que um prémio de «fair play» atribuído à sua equipa pelo comportamento no Mundial pode ajudar a «restaurar a credibilidade» do futebol inglês.

O prémio, instituído por uma companhia italiana de artigos desportivos, com base nos votos dos órgãos de comunicação Social transalpinos, foi entregue ao antigo seleccionador inglês, em Castel-franco Veneto.

Durante a cerimónia, realizada num teatro de Castel-franco Veneto, nos arredores de Veneza, o avançado italiano Salvatore «Toto» Schillaci, recebeu o prémio «Atleta de Ouro», atribuído à figura desportiva mais proeminente do ano.

Schillaci foi o melhor marcador do Itália-90, com seis golos, tendo sido um elemento preponderante na manobra da «sqdra azurra», terceira classificada na prova.

Roménia «aposta» na venda de atletas

A Roménia, em plena tentativa de progresso económico, começa a perceber que uma das suas exportações mais rentáveis é a dos seus melhores desportistas.

Neste ano, após a revolução que depôs o ditador Nicolae Ceausescu, os clubes de futebol da Roménia arrecadaram um total de 14,2 milhões de dólares (cerca de 2 milhões de contos) em receitas provenientes da «venda» de jogadores romenos para o estrangeiro.

Dirigentes do Ministério romeno dos Desportos e Juventude anunciaram que, para além da saída de 20 dos melhores futebolistas do país para equipas estrangeiras, pelo menos 20 andebolistas, 15 voleibolistas e uma dezena de basquetebolistas assinaram por clubes estrangeiros.

A título de exemplo, o Real Madrid pagou 4 milhões de dólares, cerca de meio milhão de contos, pelo médio Gheorghe Hagi, do Staeua de Bucarest, vencedor da Taça dos Campeões Europeus em 1986.

DESPORTO

Para além desta acusação, o presidente do Vitória de Guimarães denuncia rasuras feitas nos acórdãos do Conselho de Justiça da FPF

«O Sporting tem sete estrangeiros»

O presidente do Vitória de Guimarães, Pimenta Machado, afirmou em conferência de Imprensa estar «incomodado» com a decisão do Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol sobre o «caso» Douglas.

«O Conselho de Justiça jamais se pronunciou sobre o estatuto de Douglas, porque a decisão do Conselho de Disciplina de 1989, que considera Douglas como estrangeiro, transitou em julgado e não foi objecto de contestação pelo Sporting ou pela Direcção da Federação», afirmou o presidente do Guimarães.

A partir desta fundamentação, Pimenta Machado concluiu que «Douglas é, e continuará a ser, jogador estrangeiro, não podendo, por isso, ser concedida a boa-fé ao Sporting já que, recebendo notificação de um acórdão considerando Douglas como estrangeiro, deixou expirar o prazo para interpor recurso sobre a decisão do Conselho de Disciplina».

O presidente do Vitória de Guimarães disse ainda que «nestas circunstâncias, o Sporting tem sete jogadores estrangeiros inscritos, ou seja: Ivkovic, Luizinho, Careca, Silas, Douglas, Eskilsson e Bozinoski».

Pimenta Machado mostrou dois acórdãos do Conselho de Disciplina da FPF referentes ao «caso» Douglas.

«Ao primeiro foram rasuradas na página 177 as linhas 18 a 23 que falavam do artigo 50.º do Regulamento das Relações entre Clubes e Jogadores, que, por sinal, havia sido revogado em 1976. Esta parte não consta do acórdão que foi tornado público pela Federa-

ção, situação que denunciei e que me valeu um castigo de 90 dias de suspensão», acrescentou.

Durante o encontro com os jornalistas, Pimenta Machado aproveitou para fazer considerações sobre a «desorganização» dos serviços da FPF.

A este propósito apontou: «A FPF não divulgou o Regulamento Disciplinar na altura própria e Soeiro, jogador do Vitória, foi vítima disso mesmo. A Direcção da FPF intrometeu-se de forma ilegal nas negociações da RTP com os clubes sobre as transmissões de encontros de futebol. Não existe regulamento do 'doping', nem alterações do Regimento do Conselho de Justiça da Federação.»

Pimenta Machado interrogou-se sobre o «andamento do Regulamento de Transferências proposto pela Liga de Clubes Profissionais de Futebol à FPF e ainda sobre o inquérito mandado instaurar pelo Conselho de Justiça aos Serviços da Federação, após o caso N'Dinga».

Como conclusão da vigorosa intervenção de Pimenta Machado, pode concluir-se que o «caso» Douglas está longe de se considerar encerrado já que irá ser apresentado recurso para o Conselho de Justiça e pedido um parecer à Procuradoria-Geral da República e sobre a questão dos bilhetes vendidos para o jogo Guimarães-Benfica, Pimenta Machado diz que nas contas faltará a receita correspondente a 8000 entradas (a que corresponderão 12 a 15 mil contos) é assunto que a Polícia Judiciária irá averiguar.

Cascavel: regresso para breve

Paulinho Cascavel, que recentemente se transferiu para o Gil Vicente, foi operado «com êxito» e espera regressar à competição dentro de 15 dias.

Segundo o avançado gilista, tratou-se de uma operação simples (menisco interno do joelho direito) que durou cerca de vinte minutos, e agora o seu pensamento é recuperar para começar a jogar.

Após o «longo impasse» que viveu no início da temporada ao ser dispensado do Sporting sem solução imediata, para Paulinho Cascavel esta lesão «é particularmente aborrecida por surgir tudo ao mesmo tempo».

Hernâni: operação

A lesão contraída pelo internacional benfiquista Hernâni, num treino de selecção, é bico-de-obra e vai obrigar o atleta (de 26 anos) a ser operado. Motivo: rotura de ligamentos e fractura do menisco do joelho direito, após choque com o colega Veloso. Hernâni será operado dentro de dias e deverá estar afastado do trabalho cerca de quatro meses.

Semedo de volta

O portista Semedo, que na última jornada do Campeonato se lesionou no jogo frente ao Boavista, deverá reaparecer no domingo no encontro com o Belenenses, afirma o dr. Domingos Gomes, chefe do departamento médico do clube das Antas.

O mesmo não deverá acontecer com Jaime Magalhães, que após um período de recuperação, voltou a sentir algu-

mas dores, como consequência da lesão traumática contraída no confronto com o Salgueiros, na 2.ª jornada do torneio nacional.

Em fase mais atrasada no período de recuperação estão Bandeirinha e Abílio, este último recentemente submetido a uma intervenção cirúrgica à clavícula.

O dr. Domingos Gomes considera esta situação anormal, acrescentando que «três lesões traumáticas, logo no início do Campeonato, dão que pensar».

Menard pode jogar em Setúbal

O futebolista internacional argelino Menard Djamel (do famalicense) que se notabilizou na Taça de África ao lado de Madjer (FC Porto) poderá jogar no domingo em Setúbal. A inscrição de Djamel na Federação Portuguesa de Futebol foi efectuada pelo director famalicense, Manuel Seara, o que permite a utilização do argelino na partida com os sadi-nos, na 4.ª jornada do Nacional da 1.ª Divisão. Manuel Seara revelou que o presidente do clube (Fernando Costa) está a efectuar diligências para reforçar o bloco famalicense com um avançado sul-americano.

Mundial de juniores: calendário

A FIFA — Federação Internacional de Futebol, informou as diversas federações nacionais que a fase final do Mundial-91 de juniores, a realizar no nosso país, ocorrerá de 14 a 30 de Junho nas cidades do Porto (onde terá lugar o jogo de abertura), Braga, Guimarães, Faro e Lisboa (onde decorrerá a final).

B R E V E S

Saudade por Canário

A anteceder o início dos jogos a realizar no próximo fim-de-semana, será guardado um minuto de silêncio em homenagem ao antigo futebolista Carlos Canário, recentemente falecido. Carlos Augusto Ribeiro Canário, foi um dos «cinco violinos», grupo que se evidenciou na década de 50 ao serviço do Sporting.

Lembrado Rodrigues Costa

O ministro da Educação, eng.º Roberto Carneiro, agradeceu, a título póstumo, João Rodrigues Costa (ex-responsável pela distrital de Faro do desporto escolar) com a Medalha de Mérito Desportivo. «Enquanto praticante (no Sport Lisboa e Benfica, Almada, CDUL, Sporting Farense e Imortal) João Rodrigues Costa pautou o seu comportamento em termos ético e de espírito desportivo», refere o despacho ministerial. Como treinador de diversas equipas, João Rodrigues da Costa orientou a sua acção no sentido da «qualidade e correcção de atitude», acrescenta o despacho.

João Rodrigues Costa é ainda distinguido pela forma como exerceu as suas funções de director técnico de basquetebol do Algarve, tendo sido um «exemplo de dedicação e amor à modalidade, perdendo nessa qualidade a sua própria vida».

Guimarães faz homenagens

Aurora Cunha e Dionísio Castro, que recentemente participaram nos «Europeus» de atletismo de Split (Jugoslávia) vão ser homenageados na 6.ª feira pela autarquia de Guimarães. A atleta «azul-branco» correu as distâncias de 3 mil e 10 mil metros, enquanto o fundista leonino participou na prova da légua.

Krabbe foge à fama

Katrin Krabbe, atleta da República Democrática Alemã que esteve em grande nomeamento europeu de atletismo, realizados há duas semanas, cancelou o seu casamento planeado para sábado, com o fim de escapar à imprensa. Krabbe (de 20 anos) que conquistou a medalha de ouro nas provas dos 100, 200 e 4x100 metros, afirma que nem ela nem o seu noivo podiam enfrentar «o esperado cerco dos media».

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

4.º JUÍZO

O doutor Artur Manuel Ventura de Carvalho, Juiz de Direito da 2.ª Secção do 4.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber, que nesta secção correm termos uns autos emergentes do Contrato Individual de Trabalho com processo comum ordinário, registados sob o n.º 17/87 em que é A: Maria da Assunção Ferreira Oliveira Tomás e R: Centro Comercial Nina, Lda. e outros, nos quais correm editos, notificando os RR: António Maria Rodrigues, com última morada conhecida na Rua de Timor, n.º 1-2.º Setúbal; José Manuel Santos Baeta, com última morada conhecida na Rua das Águas, 14-r/c Dt.º e Manuel José de Sousa, com última residência conhecida na Rua Infante D. Henrique, lote 13 — Vale de Milhães — Almada, de que nos autos em referência foi designado o dia 19 de Setembro de 1990 pelas 14.00 Horas para se proceder a tentativa de conciliação. E para constar se passou este Edital e outros de igual teor, os quais vão ser afixados nos locais determinados por lei.

Lisboa, 3 de Julho de 1990

O Juiz de Direito
Artur Manuel Ventura de
Carvalho

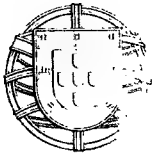
O Escrivão de Direito
Albertino Farinha Ferreira

DL 1.ª Pub. 13/9/90

AGENDA

I Série N.º 212
Dia 13 de Setembro

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 282/90:

Transforma o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, E. P., em sociedade anónima de capitais públicos.

Região Autónoma da Madeira

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 20/90/M:

Aprova a Lei Orgânica Regional da Economia.

Nota — Foi publicado um suplemento ao *Diário da República* n.º 149, de 30 de Junho de 1990, inserindo um conjunto de vinte Declarações da Presidência do Conselho de Ministros, rectificando vários decretos-leis e portarias dos Ministérios das Finanças; Indústria e Energia; Agricultura, Pescas e Alimentação; Educação; Obras Públicas, Transportes e Comunicações, além de uma resolução do Conselho de Ministros.

N.º 209

Dia 10 de Setembro

SUPLEMENTO

Presidência da República

Decreto do Presidente da República n.º 42/90:

Nomeia secretário adjunto do Governador de Macau, sob proposta deste, o dr. Sebastião José Coutinho.

PESSOAS & FACTOS

Seiko nos Jogos Olímpicos de Barcelona

Depois de um longo e metódico estudo técnico por parte dos organizadores dos Jogos Olímpicos de Verão - Barcelona 92 - o Comité Olímpico organizador escolheu a Seiko como cronometrador oficial dos referidos jogos.

Em todas as reuniões efectuadas, o Comité Organizador de Barcelona (COOB-92) manifestou o desejo que a cronometragem dos jogos deverá ser a mais completa e mais sofisticada de todas as cronometragens realizadas até agora nas olimpíadas. Assim, a Seiko comprometeu-se a prestar um serviço de rigor técnico da medição do tempo, utilizando um alto nível técnico (hight-tech).

A Seiko providenciará todo o equipamento necessário para a cronometragem, quer nos aparelhos de medida como nos ecrãs de informação, ao mesmo tempo que uma equipa de engenheiros e técnicos dará todo o apoio necessário.

Será assim a terceira vez que a Seiko actua como cronometrador oficial dos Jogos Olímpicos.

Casa das Palmeiras - um autêntico «flat service»

A Exclusivo - Mediadora Imobiliária, empresa nascida da fusão entre os brasileiros da Lopes Consultadoria de Imóveis e o Grupo Espírito Santo, que vendeu em tempo recorde a primeira fase de urbanização do Parque dos Príncipes, em Lisboa, iniciou a comercialização dos 35 apartamentos da Casa das Palmeiras, o primeiro «flat service» Tivoli, localizado junto à futura marina de Paço de Arcos.

Aproveitando um imóvel dos finais do Século XIX, os promotores do empreendimento instalado numa área total de 3 650 metros quadrados e cuja conclusão está prevista para Outubro de 1992, planearam um conjunto de infraestruturas modernas de utilização hoteleira, que mantém a traça original e vai permanecer como património cultural e arquitectónico.

No conceito «flat service» os apartamentos oferecem o conforto e os serviços de um hotel de cinco estrelas, não deixando de preservar a privacidade das unidades convencionais.

H O J E

CONTINENTE

Em todo o território: Céu muito nublado alternando com boas aberturas. Vento fraco predominando do Sul. Agudeiros pouco frequentes. Neblinas ou nevoeiros matinais.

Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 metro nas costas Ocidentais e encrespado a de pequena vaga com ondulação sudoeste de 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu muito nublado alternando com boas aberturas. Vento fraco. Agudeiros pouco frequentes. Neblinas ou nevoeiros matinais.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado pela madrugada e manhã na região costeira ocidental. Vento fraco. Nevoeiros matinais.

MADEIRA

Céu geralmente muito nublado. Vento Sudoeste em geral fraco. Agudeiros pouco frequentes.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Norte e mar encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Períodos de céu muito nublado. Vento em geral fraco. Agudeiros.

Amanhã
Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco predominando do quadrante Sul. Agudeiros pouco frequentes.

Depois de amanhã
Céu com períodos de muito nublado. Vento do quadrante Norte, por vezes moderado. Agudeiros fracos nas vertentes viradas ao Norte.

AÇORES

Grupos Ocidental e Central: Céu com períodos de muito nublado. Vento de Nordeste moderado. Agudeiros no Grupo Central. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação norte de 2 metros.

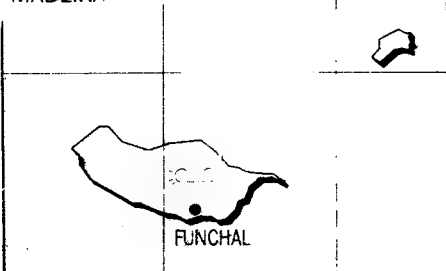
Grupo Oriental: Céu geralmente muito nublado. Vento do quadrante Norte fraco a moderado. Agudeiros. Mar de pequena vaga com ondulação norte de 2 metros.

Amanhã
Céu com períodos de muito nublado. Vento Nordeste fraco a moderado. Agudeiros nos grupos Central e Oriental.

Depois de amanhã
Céu com períodos de muito nublado. Vento Nordeste fraco a moderado. Agudeiros fracos.

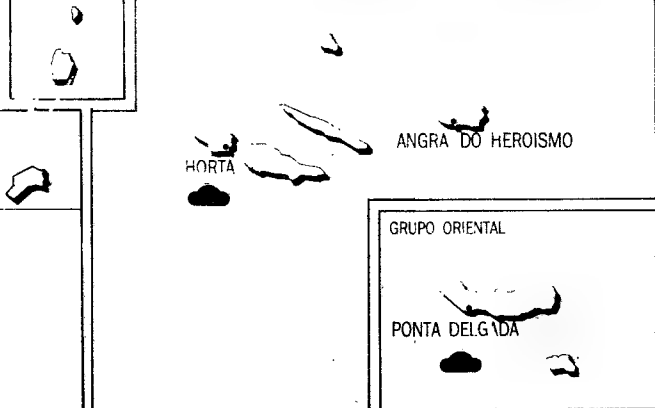
* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



GRUPO OCIDENTAL

AÇORES
GRUPO CENTRAL



Céu limpo

Céu pouco nublado

Céu muito nublado

Chuva

Trovoada

Neve

Vento

Mar calmo

Mar encrespado

M A R É S

Hoje

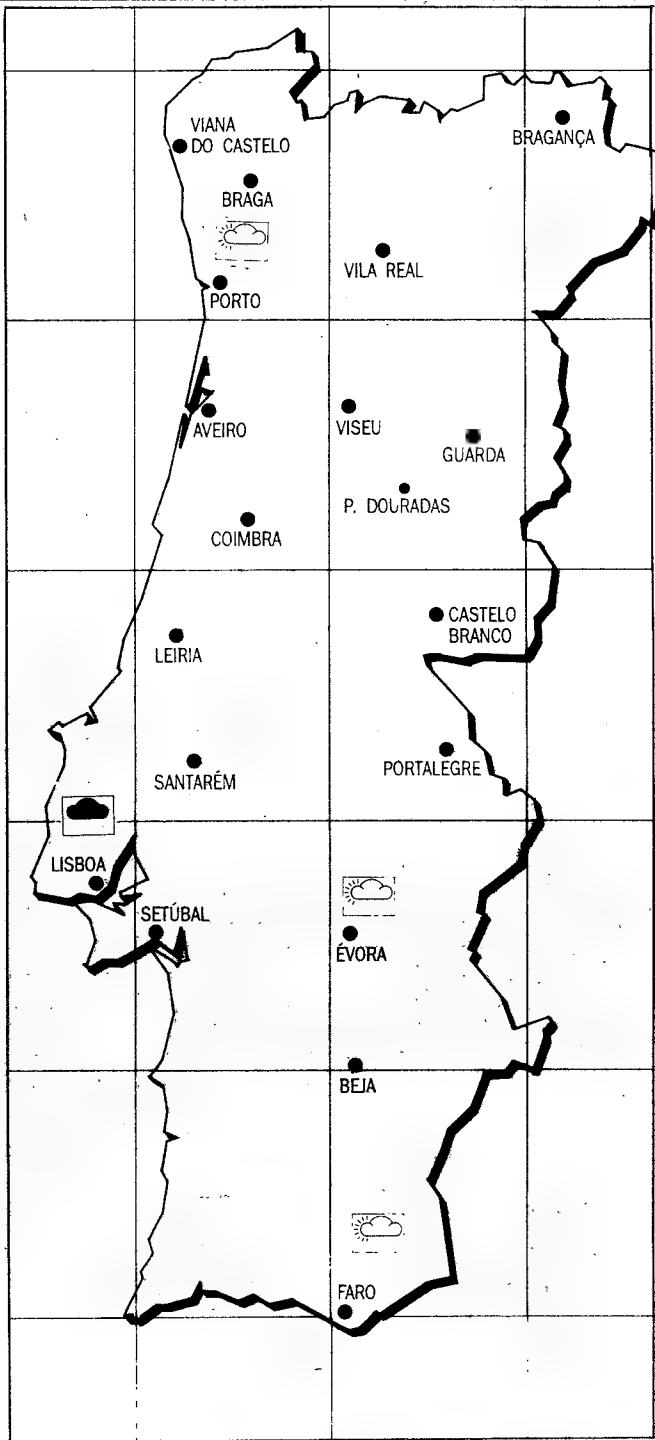
PREIA-MAR BAIXA-MAR

10.52 3,1m 04.04 1,5m
23.52 3,1m 17.16 1,4m

Amanhã

12.19 3,2m 05.41 1,5m
— — 18.38 1,2m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança.....	15	15	M. nub.
V. Castelo.....	18	19	Nevoeiro
Vila Real.....	17	17	Encoberto
Porto.....	18	19	Neblina
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	18	18	Nevoeiro
C. Carveiro.....	18	18	M. nub.
C. Branco.....	16	16	Neblina
Portalegre.....	15	15	Neblina
Lisboa.....	17	17	M. nub.
Évora.....	16	16	Neblina
Beja.....	16	17	M. nub.
Sines.....	-	-	-
Faro.....	16	17	Limpo
Sagres.....	16	16	P. nub.
P. Delgada.....	18	19	Chuva
Horta.....	19	20	P. nub.
Funchal.....	20	20	P. nub.

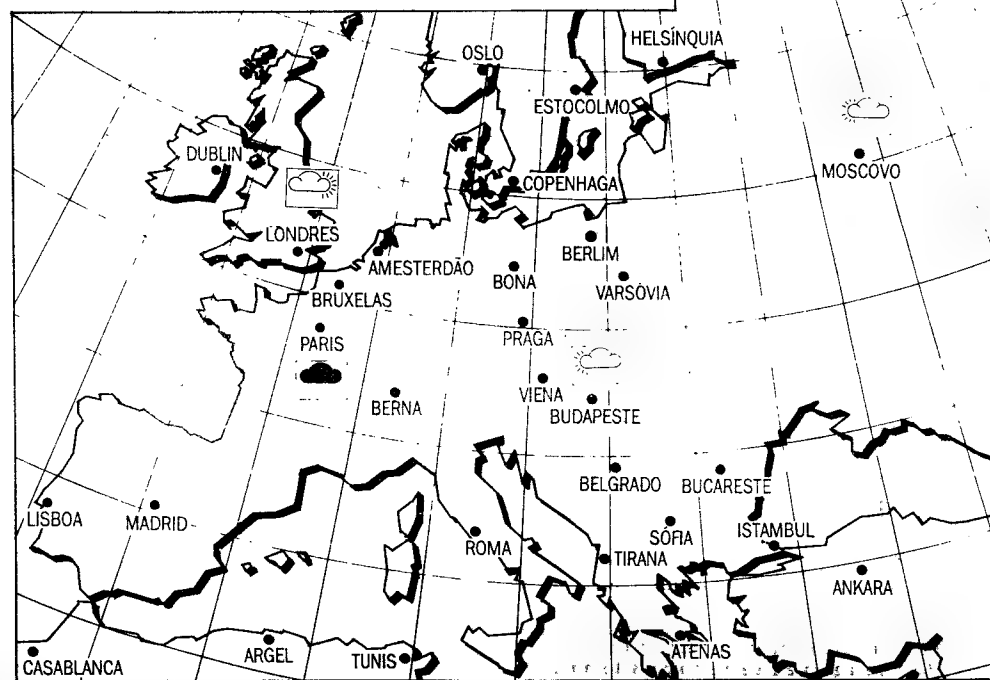
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 26; Porto, 24; Faro, 26; P. Delgada, 24; Funchal, 27.

EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid.....	13	14	P. nub.
Londres.....	10	11	Bruma
Paris.....	11	12	M. nub.
Bruxelas.....	11	11	Nevoeiro
Amsterdão.....	7	8	Nevoeiro
Genebra.....	8	8	Neblina
Roma.....	16	16	Limpo
Oslo.....	9	10	Limpo
Copenhaga.....	12	12	M. nub.
Estocolmo.....	7	9	Nevoeiro
Berlim.....	12	13	Neblina
Viena.....	6	10	M. nub.
Varsóvia.....	6	8	M. nub.
Atenas.....	18	19	P. nub.
Moscovo.....	8	8	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires.....	9	18	Chuva
Caracas.....	20	29	Nublado
Hong Kong.....	24	28	Nublado
Joanesburgo.....	11	24	Limpo
Los Angeles.....	17	28	Limpo
Montreal.....	19	21	Nublado
Nova Deli.....	26	34	Limpo
Nova Iorque.....	19	30	Nublado
Rio de Janeiro.....	15	34	Limpo
São Francisco.....	14	21	Nublado
São Paulo.....	12	30	Nublado
Tóquio.....	27	34	Limpo



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Alvalade: Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Bairro Alto:** Azevedo Irmão & Veiga, Rua da Misericórdia, 24, Tel. 323540; **Sapadores:** Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21-A, Tel. 832580; **Benfica - Cemitério:** Simões, Calçada do Tojal, 102-A, Tel. 749649; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Campo de Ourique - Prazeres:** Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; **Campolide:** Central Campolide, Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90, Tel. 544438; **Marquês Pombal - Picoas:** Corcêia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21, B-C, Tel. 547385; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Telheiras Sul - Quinta S. Vicente:** Quejas, Rua Prof. Francisco Gentil, 36-A, Tel. 7584144; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Central Odivelas, Alameda Infante D. Henrique, 1, Tel. 9311203; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados

Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Prolongamento Rua M.ª Andrade:** Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104, A-B (Anjos), Tel. 831504; **Avenidas Novas:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22, Tel. 560223; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Hospital Capuchos:** Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 572076; **Mercado do Chile:** Alcais, Rua Carvalho Araújo, 46-B, Tel. 8141708; **Penha França:** Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B, Tel. 8142533; **Rato:** Soares, Av. Álvares Cabral, 1, Tel. 684282; **Restelo - Av. Vasco Gama - Algés:** Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D, Tel. 610256; **Santos:** S.A.E. Silva Filhos, Rua São João da Mata, 72-74, Tel. 661010; **São Domingos Benfita:** Vitex, Estrada de Benfita, 373-B, Tel. 780548; **Brandão - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-C, Tel. 995338; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olivais Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166, Tel. 4104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guima-

rães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.ª Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permanente; **Paredes:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2571204. Permanente; **Murtal:** Primavera, Rua das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sasoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostendo, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

Amadora: Cavaca, R. Elias Garcia, 209, Tel. 4930019. Até às 22 h; **Damaia:** Nova, R. Elias Garcia, 10, Tel. 972530.

Permanente: Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Queluz:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51, Tel. 4350123. Permanente; **Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo,** Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rico, L. Adriano S. Gil, Agualva, Tel. 4312833. Permanente; **Algueirão:** Vitor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A - Pendoa, Tel. 9232747; Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA
BANDA

Almada: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A, Tel. 2750076. Permanente; **Cova da Piedade:** Rainha Santa, R. Soc. Fua Piedense, 50-A, Tel. 2294182. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7-B, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** Pereira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja, Tel. 2074446. Permanente; **Baixa da Banheira:** Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 2041044. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.ª Cid. Lisboa, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h.

HÁ 20 ANOS

A sardinha é pouca para a indústria

Continua a verificar-se a falta de sardinha, apesar das quantidades razoáveis que as traineiras descarregaram nos últimos dias em Portimão. Isto sobretudo se atendermos ao número de compradores e às necessidades por parte da indústria.

A Murtosa homenageou o prof. Pinto Barbosa

«Um dos interlocutores mais válidos e esclarecidos de que dispõe o escol de dirigentes deste País» - eis como o prof. Antunes Varela definiu a figura e a personalidade do seu antigo colega de governação, prof. Pinto Barbosa, ao usar da palavra durante a pública homenagem que as gentes do concelho prestaram àquele que foi por uma década ministro das Finanças.

Deixaram a Jordânia os passageiros dos aviões desviados

Todos os passageiros dos três aviões desviados para a Jordânia, ou seja 252 pessoas, deixaram esta manhã Amã a caminho de Chipre. Ficaram apenas na Jordânia os 40 reféns da FPLP, anuncia Rádio Amã.

EFEMÉRIDES
1910

• Morre Florence Night Ingale, enfermeira inglesa iniciadora da enfermagem moderna.

1964

• O Egipto e a Arábia Saudita anuncia um acordo para pôr termo à guerra civil no Iémen.

1968

• A Checoslováquia impõe a censura à Imprensa, sob pressão das forças soviéticas de ocupação.

1970

• Israel prende 450 árabes na área ocupada do Jordão, afirmando que os trocará por reféns detidos pelos guerrilheiros palestinos.

1973

• Caças israelitas e sírios combatem sobre o Mediterrâneo na maior batalha aérea desde a guerra de 1967.

1975

• O departamento de Defesa dos Estados Unidos aprova o plano de redução de 8000 homens nas suas tropas da Alemanha.

1976

• A administração do Presidente Gerald Ford decide utilizar o veto contra a entrada da delegação do Vietname para as Nações Unidas.

1980

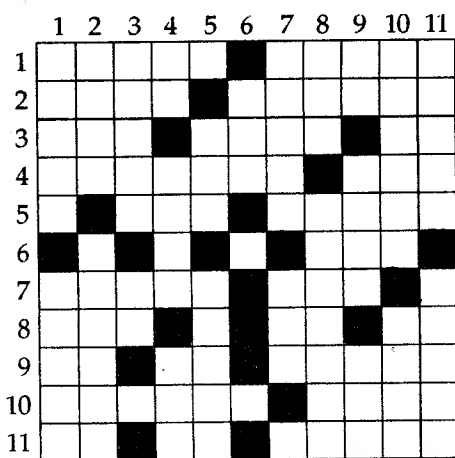
• Um avião das Linhas Aéreas Delta, com 90 pessoas a bordo, é desviado para Cuba quando voava de Nova Orleães para Nova Iorque.

1982

• Um violento tufão assola o Japão: 37 mortos e 17 desaparecidos.

1988

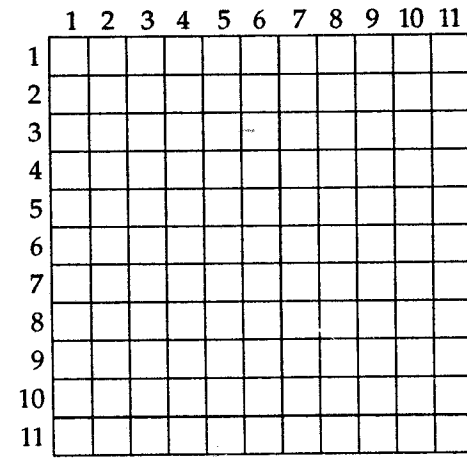
• O líder da OLP, Yasser Arafat, visita o Parlamento Europeu.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 18002
HORIZONTAIS:

- 1 - Estimara. Universal.
- 2 - Preposição. Malicioso.
- 3 - Arara. Freguesia do concelho de Barcelos. Zomba.
- 4 - Recupera. Conjunção.
- 5 - Guarneça de asas (inv.). Abertura no alto da muralha de uma fortaleza, de onde se visava o inimigo.
- 6 - Escudeiro.
- 7 - Freguesia do concelho de Guimarães. Anel.
- 8 - Rente. Clima. Sufixo que designa estado.
- 9 - Alumínio (s.q.). Miriãre. Racho.
- 10 - Velhaco. Escarneçam.
- 11 - Arsénio (s.q.). Rénio (s.q.). Aparelho de ginástica.

VERTICAIS:

- 1 - Aguço. Em má hora (ant.).
- 2 - Oportunidade. Espigas.
- 3 - Louco. Ósmio (s.q.).
- 4 - Batráquio. Sufixo que designa abundância. Maior.
- 5 - Governanta. Humilhação (fig.).
- 6 - Dá mios. Conjunção.
- 7 - Tirania (fig.). Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
- 8 - Herdade delimitada por marcos. Turvara.
- 9 - Letra grega. Ambiente. Senhor em inglês.
- 10 - Encanto (fig.). Escavar.
- 11 - Lousa. Perfume.


PROBLEMA N.º 16812
HORIZONTAIS:

- 1 - Confusão.
- 2 - Justapor. Profanam.
- 3 - Riso de escárnio. Verseje.
- 4 - Fruto da ateira. História.
- 5 - Contentes.
- 6 - Larva das feridas dos animais. Crómio (s.q.).
- 7 - Pertences. Grande prego de madeira ou de metal, para segurar ou juntar madeiras ou chapas.
- 8 - Samário (s.q.). Cigana (Bras.). Brisa.
- 9 - Gorgulhos tropicais. O mais alto grau (fig.).
- 10 - Emprega. Acalmai.
- 11 - Costumara. Alumínio (s.q.).

VERTICAIS:

- 1 - Cidade do estado de Sergipe. Primeiro rei dos Hebreus.
- 2 - Tocaremos apito.
- 3 - Coradas. Chefe etíope.
- 4 - Anel. Cobalto (s.q.).
- 5 - Fechasse.
- 6 - Freguesia do concelho do Ymioso. Alumínio (s.q.).
- 7 - Vi. Enfeitara.
- 8 - Cidade dos Países Baixos. Soluço.
- 9 - De outro modo. Ilha do estado da Baía.
- 10 - Certo pano de seda, às vezes tecido de ouro (ant.). Pessoa que explora os desgraçados.
- 11 - Instruírei.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 001

HORIZONTAIS: 1 - QUEM. NADA. 2 - Brim. Brocar. 3 - Ar. Iria. 4 - Anás. Esmara. 5 - Mo. Ar. Ce. Os. 6 - Toiro. 7 - Mu. Réstia. 8 - Au. FAZ. JÁ. 9 - Lima. Ano. Um. 10 - Atola. Aceda. 11 - Soror. Saras.

VERTICAIS: 1 - Qb. Amo. Alas. 2 - Urano. MUITO. 3 - Eira. Tu. Mor. 4 - Mm. São. Falo. 5 - Rirã. Ar. 6 - NB. Reza. 7 - Ariscos. Nas. 8 - Dorme. Troca. 9 - Ácia. Mi. Er. 10 - Aaro. Ajuda. 11 - Cr. Asa. Amas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 811

HORIZONTAIS: 1 - Clamido. Bóm. 2 - Lividos. Oba. 3 - Amigos. Alim. 4 - Dosasse. 5 - Troem. Ovo. 6 - Ogã. I.a. Ni. 7 - Adir. Lã. Sa. 8 - Broca. Abati. 9 - AC. Cru. Ur. 10 - Biscaras. Lã. 11 - Aarão. Moras.

VERTICAIS: 1 - Cladno. Baba. 2 - Limo. Garcia. 3 - Avistado. Sr. 4 - Migar. Cl. Ca. 5 - Idoso. Rã. Ao. 6 - Dossel. Cr. 7 - És. Emalaram. 8 - Abuso. 9 - Bolton. 10 - Obi. Vistula. 11 - Mão. Aires.

PROVÉRBIO:
QUEM NADA FAZ
JÁ MUITO DORME.

Resolveu completamente este problema?
 Procure, agora, em segundo passatempo,
 o provérbio nele inscrito.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho, 1
T. 806496
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
Filme de John McTiernan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

O ANJO DAS SOMBRAS
Filme de William Friedkin
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

OLHA QUEM FALA
Filme de Arny Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
Filme de Joe Dante
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho, 1
T. 806496
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7

NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

CENAS DE LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

O ANJO DAS SOMBRAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
O ANJO DAS SOMBRAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer - Telf. 372358
Encerrado

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
O REI DO KARATÊ
Filme de Sung Ting Mei
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Prata da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
A EXPERIÊNCIA FILADÉLFIA
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

DURO DE ROER
Filme de Bruce Malmuth
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

LAMBADA - O FOGO DA NOITE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
A INSACIÁVEL
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
Colóquio sobre obra de Yoji Yamada
Às 18.30
ACHIK KERIB
Em homenagem a Serguei Paradjanov
Às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
INDIANA JONES E A GRANDE
CRUZADA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
RENEGADOS SELVAGENS
Filme de Jack Sholder
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

E FEZ-SE LUZ
Filme de Otavio Lissellani
M/12 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

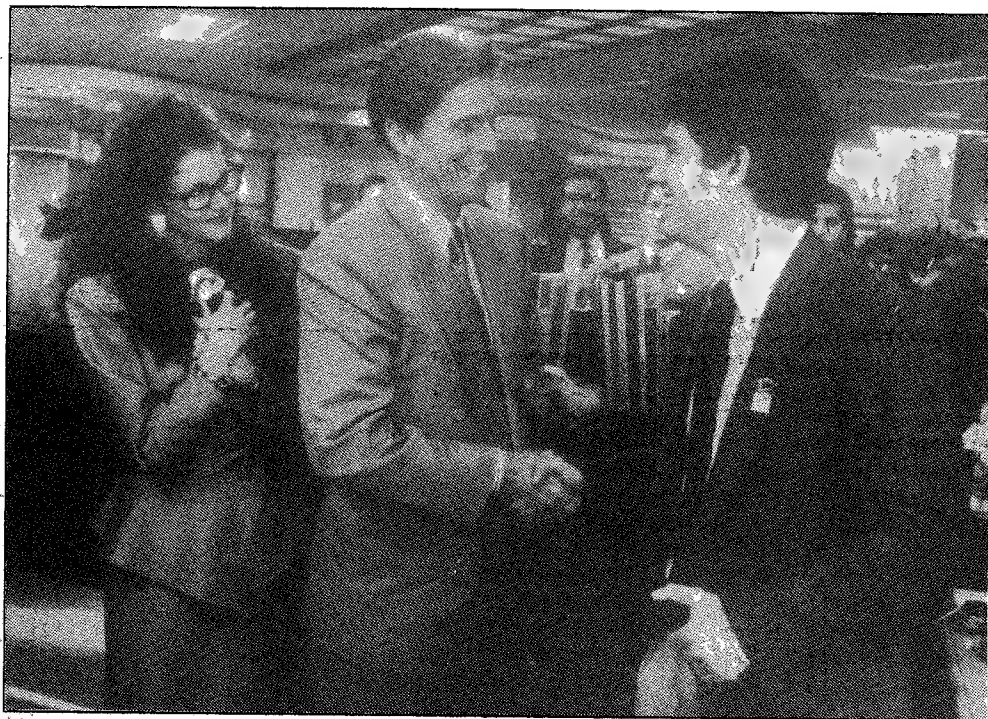
FÚRIA SILÊNCIOSA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30



«Gremlins II - A Nova Geração», um filme de Joe Dante

LAS VEGAS 2

48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martins Ferrão - T. 538743
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

O ANJO DAS SOMBRAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
FERAS HUMANAS
Filme de Frank Zúñiga
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
A DOUTORA SEXUAL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2

O FUZILEIRO IMPLACÁVEL
Filme de Terry J. Leonard
M/16 - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St. António - T. 326305
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
AS MINHAS NOITES SÃO MAIS BELAS
QUE OS VOSSOS DIAS
Filme de Andrzej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45
e 24.00

QUARTETO 2

ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

ROSAIE VAI ÀS COMPRAS

Filme de Percy Adlon
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3

48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
MOMENTO DE JUSTIÇA
Filme de Bob Radler
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
O CADILAC DO AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telf. 2752127
ANJO NEGRO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
M/6 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telf. 2905350
ASSASSINO SEM ROSTO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telf. 2465553
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO

M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR

Sala 1
Telf. 2841769
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
RENEGADOS SELVAGENS
Filme de Sérgio Martinho
M/16 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telf. 2479144
Sala 1
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÔNIA

Centro Comercial Babilônia
T. 4934871
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telf. 9147570
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telf. 4364845
Sala 1
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15
Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30
Sala 3
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

AUDITÓRIO DO

B.E.S.C.L.

R. D. Luis, 27 - T. 607192
3ª a Sáb. às 21.30

Dom. às 16.00
MAIS UM PARA O CAMINHO
Pelo Teatro de A. de Setúbal
Em cena até dia 15

CLUBE ESTEFANIA

R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA,
OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA
De Fernando Gomes, pela Com-
panhia Persona

CONVENTO DO BEATO

Fábrica Nacional - T. 7266910
5ª, 6ª e Sáb. às 22.00
BICHOS
De Miguel Torga, pelo Grupo de
Teatro «O Bando»

GULBENKIAN

Av. de Berna, 45
NOVO TEATRO/DANÇA DA EUROPA
Às 18.30 (S. Polivalente)
WITTGENSTEIN INCORPORATED
Johan Leysen
Às 21.30 (G. Auditório)
IF ONLY
DV8 Physical Theatre

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45,
Domingos e Feriados, também às
16.00
VITÓRIA VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco
Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes
e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE

R. da Glória - T. 325140
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Heider Costa

MONTE ESTORIL

TEC

Av. Fausto de Figueiredo - T. 2673820
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

- 15.30 - O MUNDO EM EXTINÇÃO
- 16.25 - O CACILHEIRO DO AMOR
5º Episódio
- 17.20 - O MUNDO ANIMAL
- 17.35 - BRINCA BRINCANDO
«A Baleia Decimal», «Ferdie»,
«Tao-Tao» e «Hey Bumboo»
- 18.35 - O SÍTIO DO TICA-PAU
AMARELO
- 19.05 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - RODA DE FOGO
59º Episódio
- 21.15 - A MAGIA DE PAUL DANIELS
- 22.05 - LUTA PELA DEMOCRACIA
Último episódio: nações que
enfrentam a ameaça de uma invasão
militar estrangeira ou que temem
uma insurreição interna são muitas
vezes aquelas onde a democracia está
ainda numa fase muito frágil. Neste
episódio Patrick Watson vai a três
países que viram já por várias vezes
a democracia em perigo e sob fogo:
Argentina, França e Israel. No
mundo de hoje, com todo o poderio



No 2º canal às 21.30, o 33º episódio da série «Emoções»

O último episódio da série «Luta pela Democracia»

dos arsenais nucleares e com o alargamento do fosso entre as nações ricas e pobres, será que a democracia pode sobreviver? Patrick Watson vai tentar responder observando três exemplos recentes de experiências democráticas: Zimbábue, Papua - Nova Guiné e Nova Zelândia.

00.00 - 24 HORAS
00.30 - REMATE

RTP-2

- 15.20 - AGORA, ESCOLHA!
Bloco A: «O Justiciero»
Bloco B: «Nas Asas do Vento»
- 16.40 - OS CENTURIÕES
22º Episódio
- 17.05 - O FANTASMA DE FAFFNER HALL
4º Episódio
- 17.35 - RAFAEL
Nesta segunda e última parte do documentário sobre um dos mais célebres pintores italianos do

renascimento, faz-se referência ao trabalho de Rafael durante os pontificados dos Papas Júlio II e Leão X, nomeadamente ao período em que pintou toda a sua série de «Madonnas» caracterizadas por uma surpreendente harmonia cromática.

- 18.30 - O HOMEM DA CARABINA
9º Episódio
- 18.55 - TI - TI - TI
19º Episódio
- 19.25 - ESPAÇO INFANTIL
Com «Paulus - O Duende» e «Uma Pequena Maravilha»
- 19.55 - VIA RÁPIDA
- 20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»: os detectives Stone e Keller conseguem prender um padre assassino após um brilhante trabalho de equipa em que Stone se fez passar, ele próprio, por padre.
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - EMOÇÕES
33º Episódio

- 21.55 - SINAIS DO TEMPO
- 22.55 - FORA DE HORAS
- 23.15 - UNIVERSIDADE ABERTA

PARABÓICAS ALFA

- Antena de 9' equivalente às 15 de 110 cm
- LNB com 100 MHz de largura de banda
- Receptor de 100 MHz de largura de banda
- Poder de 100 W
- 8 canais
- 4 par. de canal de ant.
- Mais os canais do Eutelsat a ser lançado

AUDIMAX T. 4106275 Algés

AMANHÃ

RTP-1

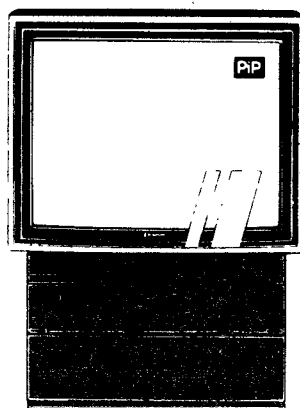
- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.05 - A GATA COMEU
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA DIA A DIA
- 13.30 - GUERRA E PAZ
- 14.25 - O MAR E A TERÇA
- 14.50 - TERENCE TRENT E ARBY
- 15.40 - A ILHA
- 17.10 - BRINCA BRINCANDO
- 18.35 - O SÍTIO DO TICA-PAU
AMARELO
- 19.05 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - RODA DE FOGO
- 21.15 - WOLF
- 22.50 - CHEFE, MAS POUCO
- 22.25 - 24 HORAS
- 23.55 - REMATE
- 24.05 - PELA NOITE DENTRO
«Cerimónia Solene»

RTP-2

- 14.02 - PRIMEIRO JORNAL
- 14.30 - ESPAÇO INFANTIL
- 14.45 - FILHOS E FILHAS
- 15.10 - AGORA, ESCOLHA!
- 16.35 - AS TRÊS DAMAS
DO QUIOSQUE
- 17.00 - AVENTURA DO SILÊNCIO
- 17.25 - PRIMEIRO ANDAMENTO
- 17.50 - ZIRCUS
- 18.05 - OS SUPERGATOS
- 18.25 - O HOMEM DA CARABINA
- 18.55 - TI-TI-TI
- 19.20 - ESPAÇO INFANTIL
- 19.55 - VIA RÁPIDA
- 20.05 - CLÁSSICOS DA TV
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - PAGADOR DE PROMESSAS
- 22.20 - OUTONO / INVERNO
- 22.50 - ROTAÇÕES
- 23.50 - HAJA MÚSICA

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL

O SEU CABELEIREIRO

MAIS ➤ RÁPIDO
➤ ECONÓMICO

EXTRAÇÃO DE PELOS

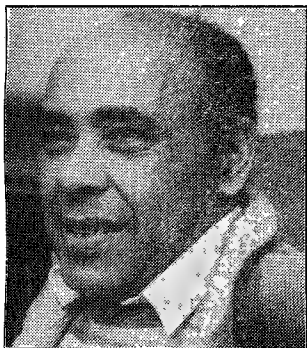
ELÉCTRICA SEM DOR E SEM MARCAS
E A CERA QUENTE OU FRIA

Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38



«É o povo quem faz a Língua e o tempo que a legitima»

Luís Forjaz Trigueiros, em «O Dia», 12. Setembro.90

**A PERGUNTA
DO DIA****Rogério de Carvalho
encenador**

Em que consiste a peça «Combate de Negro e de Cães», com encenação da sua autoria e cuja estreia se verifica, quinta-feira, no Auditório Carlos Alberto, no Porto?

Trata-se de um texto do autor francês, Bernard-Marie Koltes, que já foi apresentado numa peça, no Teatro Aberto. É um texto fabuloso e riquíssimo. Fascina e encanta quem o diz e quem o escuta. Por outro lado, penso que o espectáculo é servido por intérpretes sensíveis a esta linguagem. O tema, embora se passe em território africano, aborda mais a problemática da situação do europeu, encarando um contexto de crise aguda no que respeita a comportamentos individuais de personagens, em certa medida, tipificadas. O espectáculo em si procura desenvolver o conflito de várias personagens, determinado pela visão do mundo de cada uma delas e pelo confronto de culturas diferentes. Pode dizer-se que é um trabalho completo, atendendo ao espaço que se utiliza e, ao mesmo tempo, por se tratar de um texto contemporâneo, de linguagem bem específica. Não quer dizer que a abordagem nos seja estranha, mas traz-nos problemas de vária ordem. Por exemplo, transformar um discurso poético numa linguagem quotidiana.

Sexta-feira no**Diário
de Lisboa**

O novo ano
lectivo
em Grande
Angular

O vencedor
da Volta
diz adeus
a Portugal

David Bowie:
as últimas aulas
do concerto
em Alvalade

ENTREVISTA

«Há um dia em que tudo muda sobre o mundo porque realizamos num olhar desconhecido, num gesto diferente, que agora temos na vida a nossa primeira melhor amiga(...)»

Sentamo-nos nas camas em camisa de noite a fumar cigarros clandestinos quando a normalidade dorme(...)» É o novo livro de Clara Pinto Correia, «Ponto Pé de Flor», uma homenagem à «arte sublime da desconstrução», privilégio de mulheres

**Clara Pinto Correia:
desconstruir é feminino**

D.L. — De literatura sabe-se que vamos bem. E de biologia?

Clara Pinto Correia — Para o ano, por esta altura, termino o doutoramento, em Buffalo, nos Estados Unidos. Em embriologia, para ser mais precisa.

D.L. — Um biólogo não se pode doutorar em Portugal?

C.P.C. — Pode. Em Portugal faz-se biologia como nos outros países, hoje. A ditadura menorizou e retardou a ciência, pessoas extremamente brilhantes tiveram que se exilar, mas regressaram depois da Revolução e isso produziu um rejuvenescimento da ciência. Eu podia concluir todo o meu projecto de investigação aqui. Fui para Buffalo porque queria trabalhar com determinada cientista.

D.L. — Portanto vai ser bióloga em Portugal?

C.P.C. — Vou. Penso que há condições para ser bióloga em Portugal.

D.L. — E o jornalismo? Passou? É uma saudade, um capítulo encerrado, uma tentação?

C.P.C. — O jornalismo foi sempre para mim uma actividade provisória. Sempre quis fazer duas coisas: escrever e ser bióloga. O jornalismo foi uma etapa, pronto. Saudades? Não, não tenho. Tenho, sim, uma memória muito grata e muito querida. Foi uma experiência importantíssima. Que bom que foi! Mais nada.

D.L. — A biologia e a literatura dão-se bem?

C.P.C. — Dão. Escrever um artigo científico é tão fascinante como escrever um romance. A ciência é uma actividade criativa. E a minha formação de bióloga tem exercido grande influência na minha actividade literária: olea as rodas dentadas do cérebro. Não me conço amputada destas duas dimensões.

D.L. — «O futuro tem que ser feminino ou não vai ser», disse Alçada-Baptista na apresentação deste seu novo livro, «Ponto Pé de Flor». É verdade?

C.P.C. — Não confirmo nem desminto. O futuro tem que ser menos crispado,

**Clara Pinto Correia: «De todos os meus livros, «Ponto Pé de Flor» é aquele de que mais gosto»**

menos atormentado pela necessidade de a tudo pôr um nome, menos arregimentado. Para isso, a desconstrução do mundo segundo as mulheres pode ser fundamental.

D.L. — Bonita palavra, desconstrução...

C.P.C. — É a arte de introduzir o anticlímax. Antes da frase final que vai desencadear o horror, aparece a frase que deita tudo por terra. Um exemplo do livro: uma mulher conta a outra o que a levou ao estado de desespero, e termina: E agora? Achas que corte o cabelo? A desconstrução é a arte maior das mulheres. A desconstrução total, mas não ostensiva.

D.L. — Os homens não são capazes de desconstruir?

C.P.C. — Como as mulheres, não.

D.L. — Que lugar ocupa este livro no conjunto da sua obra, que já vai avantajada?

C.P.C. — Todos os meus livros são diferentes. Quero olhar para muitas coisas, desde a estrutura formal ao universo temático. Mas existe, evidentemente, uma continuidade. Os meus livros foram todos escritos por mim. Tenho a minha maneira de olhar as coisas. Gosto muito de «Ponto Pé de Flor». De todos, é aquele de que gosto mais.

D.L. — Mais do que do «Adeus, Princesa»?

C.P.C. — Sim. Foi um livro que as pessoas tardaram a descobrir, esse. Uma edição de 85, veja bem...

D.L. — A literatura nos

Estados Unidos recomenda-se?

C.P.C. — Muito. Há uma grande energia, uma grande alegria, um manancial enorme de grandes clássicos. A colectânea de Flandry O'Connor, por exemplo. Uma maravilha!

D.L. — O «Ponto Pé de Flor» é um romance muito pensado, disse você. Há quanto tempo o trazia na cabeça?

C.P.C. — Desde os primeiros andamentos da minha adolescência. Mais concretamente desde os 19 anos, quando ouvi mulheres falando numa aldeia... Mas foi praticamente escrito agora, no computador do laboratório, nos intervalos da investigação, quando fazia horas para uma colheita e tinha então esse tempo livre.

D.L. — É feminista?

C.P.C. — Não. Isso não quer dizer nada. No tempo da minha mãe ou das sufragistas, sim. Deram um grande contributo para a existência das condições necessárias para as mulheres realizarem os seus sonhos.

D.L. — Existem?

C.P.C. — Ah, sim! Eu própria sou exemplo disso. Isso não quer dizer que tenha tudo. Olhe, gostava de ser rica, não brutalmente rica, mas rica. Eu não tenho emprego, escrevo artigos para «O Jornal» e contos para a «Marie Claire». Tenho uma casa, e um carro em segunda mão. Mas do ponto de vista espiritual não me falta nada.

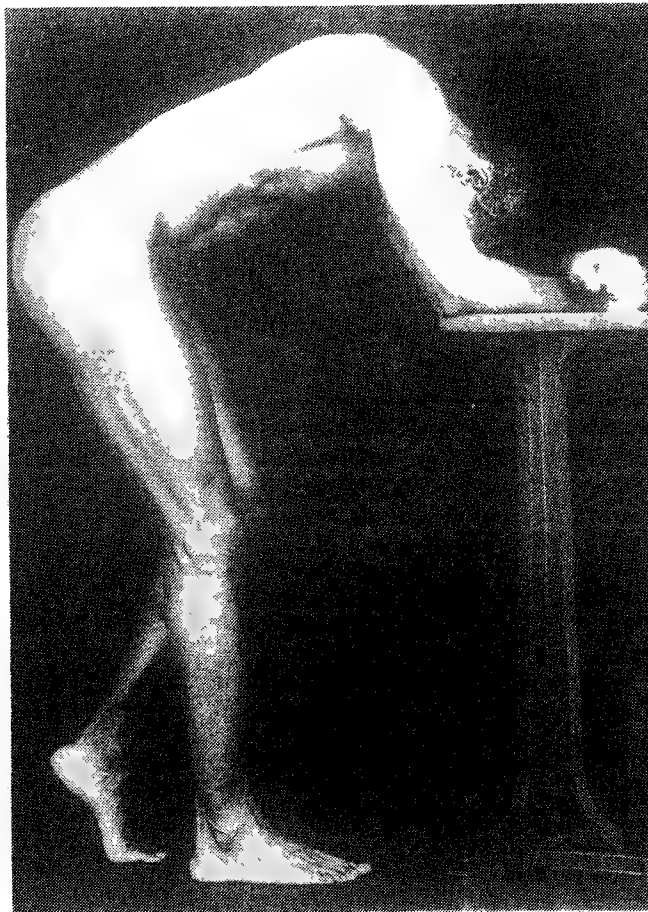
JPO

**Diante
do mausoléu**

Curiosa história: segundo algumas informações de várias fontes da glasnost, não oficiais mas oficiais, no mausoléu de Lenine, ao pé do Kremlin, as bichas sem fim e com disciplina férrea - pelo menos assim foi no princípio do ano passado quando lá batemos os pés de frio, dentro da fila ordenada, nós os do teatro, Fernanda Lapa, Helder Costa e eu - não se inclinam diante do corpo do fundador do Estado Soviético ou eventualmente filósofo e ideólogo, teórico do marxismo, ou simplesmente diante do homem, de seu nome próprio Vladimir Ilich Ulianov, mas diante de um manequim. O manequim teria substituído o corpo embalsamado há cerca de dez anos; ainda na era de Brejnev.

Essa nova situação, se uma vez fosse reconhecida também oficialmente mudaria alguma coisa? Creio que não. Quer seja um corpo quimicamente preparado, autêntico até certo ponto, quer seja um manequim - ambos são símbolos. Vivo-morto, ou morto-esculpido, sinalizam. Sinalizam para a memória. Sinalizam sempre outra realidade, atrás da imagem.

O mausoléu não perderá o seu significado por tão pouco. Perderá, sim, se pelo acidente de uma experiência pessoal, e neste preciso caso, num consenso alargado, o símbolo deixar de funcionar, deixar de ser credível, reduzindo ou anulando o seu conteúdo e preparando desse modo a morte semiótica. O corpo ou o manequim, tanto faz, lembram a obra, o nome, a memória, os resíduos da existência real. Só não aceitando a obra, o nome, a memória, o sinal se esvaziaria, excomunicado do processo de comunicação; morte social.



Lenine morreria pela segunda vez.

Até lá, o mundo natural continuará a inclinar-se diante do sinal do mundo semiótico, qualquer que seja a sua forma e substância.

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental do Arco

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel de Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa** 13 DE SETEMBRO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Poesia de Pere Gimferrer, traduzida e apresentada por Vergílio Alberto Vieira, pág. 3; Acabados de chegar e Leituras e Ideias, pág. 4.

UM «ETC.» NOS OLHOS

Vieram agora as chuvas por Setembro, o céu muito baixo, as pessoas, mais diminuídas, mutuamente se interrogando. Quem és tu...? Tu quem és...? Mas há sempre, dir-se-ia por acaso, dedos que se tocam emitindo mensagens, falando uma linguagem outra, imprimindo sinais que não mais se olvidam. Os amantes apreendem estas letras corridas - e sabem que, no ser amado, a obscuridade se abre, se quebra e explode em luz, espírito e carne.

Vem este parágrafo, à laia de azulejo mal afechado, a propósito de «Rodomel Rododendro», de Albano Martins, uma poesia escorrida, rio-não-rio fluente, que muitas são as interrogações do ser que

todos nós somos. O poeta: «E dizes que há para tudo um lado invisível, secreto como o interior das conchas bivalves, uma oculta e primordial razão, uma ordem na desordem, um rio onde estiver o mar. Que nada é decifrável a esta luz e a vida é uma torre sem ameias virada há séculos, ou desde sempre, para o mesmo precipício. Que todos os indícios, e os oráculos, e os ventos, sopram nessa direcção. Como perdizes acossadas. Como laranjas podres atiradas duma janela alta para um cesto sem fundo e vazio.»

Temos, nestas palavras, o sentimento trágico da vida, iniciado por um hino no começo e terminado em palavras que se diriam prosaicas. Mas não: o que estas sílabas apreendem é a própria essência da vida, o sermos assim e de maneira mais nenhuma - e tudo quanto se possa



dizer através de outros signos em nada modifica a eterna situação em que estamos imbuídos.

Albano Martins sabe-o, ele, que ao longo da vida, trocou ideias com, por exemplo, Alexandre Pinheiro Torres, Egito Gonçalves, Luís Veiga Leitão, Fernando J. B. Martinho, etc. Um etc. múltiplo, explosivo, que lhe ditou o princípio das coisas, muitas e diversas, e lhe ofertou não o fim dessas mesmas coisas - mas os azulejos sempre diferentes de quem vive e tem por *ex-libris* (ora rosas, chuva em Setembro, ora escolhos) um Etc. atravessado nos olhos.

Pedro Alvim

(«Rodomel Rododendro», Albano Martins, Quetzal Editores, capa de Rogério Petinga sobre aguarela de John Singer Sargent)

BLOW UP JOB

«I shot you with my camera»
The Go-Betweens,
Eight Pictures (Send me a Lullaby, 1981)

1. *Blow up* - filme de M. Antonioni (1967) em que um fotógrafo, através de sucessivas ampliações de elementos segmentados (particularizados) de uma fotografia, descobre um corpo (morto) camuflado no fundo da paisagem (da verdura de um jardim).

A foto, aqui, apresenta-se não tanto como um trabalho de «des-naturalização» como uma brutalização do «aparente», processada de modo a manifestar a violência do «real» de que se constitui a ficção (verosimilhança) da Natureza. A «tese», do filme de Antonioni, podemos talvez formulá-la, aproximativamente, do modo seguinte: há sempre um corpo (dado no lugar do «morto»: o que resulta de um «declic») que constitui o delito da fotografia. Deste modo - e é esse o processo que vive o fotógrafo do filme de Antonioni -, a demonstração do corpo (a sua devolução simultaneamente como «real» em queda e «invenção»/«artifício») revela-se a prova, da fotografia. De que houve esse acto de apropriação/violência (de brutalização ontológica) que, em última instância, define (como «crime») a fotografia. O «crime» é que designa o lugar do «crime» - o do *declic/prise* (do Ser instantâneo) da fotografia.

2. *Blow job* - filme de A. Warhol (a p/b, 16 mm, de 1963) em que, durante 35 mm, num mesmo enquadramento (verificam-se apenas alguns cambiantes de luz que vão de um máximo de solarização a um fundo quase negro), uma câmara fixa foca um «rostro» anónimo enquanto, fora de campo, a *fellatio* é supostamente aplicada à essa figura. No fim (do filme?, da

prestação de serviços?) o actor acende um cigarro e sorri (ambiguamente, entre o extático e o divertido). Se o «rostro» é o que se vê (a cartografia do suposto prazer e a sua sistémica assinatura), o corpo (o acto) é dado fora de campo. Deste modo, o delito (a *fellatio*) - «prova» e «ausência» do corpo -, excluído de cena (*obs-ceno*), constitui-se como a «ficção» (o «imaginário») da fotografia (a «ficção»-suporte dos sinais - de outro modo sem sentido, errantes, perdidos - que se inscrevem e afluam à superfície). Ou seja, o «rostro» (a «imagem») oferece-se como a prova imaterial (a «aura») da fotografia. Cabeça e corpo degolados - pela castração/*fellatio*: operações de (re-)corte que repõem afinal a dimensão imaginária da Representação (do «corpo») em fotografia. Dito de outro modo: não só o «corpo» é *espectral* (ao mesmo tempo um «ícone» e um «fantasma») como se revela imaginário o

«crime» (o «delito») original perpetrado pela fotografia.

3. O poema - *A shot of London* (cena de rua, entre Soho e Picadilly, Verão de 1981). Primeiro aspecto a reter: não interessa tanto o «poema» como o que resulta do seu trabalho de ampliação pela fotografia. Álvaro Rosendo fotografou-o por partes, usando na máquina uma «máscara». Daí o efeito de desmembramento que faz com que o «texto», refeito, não reproduza (reponha) tanto o «todo» como evidencie a lógica errante/faltosa que interiormente o tinha construído. Duplo efeito, portanto: amplificação e produção de um «simulacro» da ficção de «objecto» (o «poema») que se tinha de início. Só que, aqui, o corpo do poema (a sua maior consistência material: o «granulado») se produz *no/e* do delito da escrita (mais precisamente, do seu primeiro tratamento maquímico: a

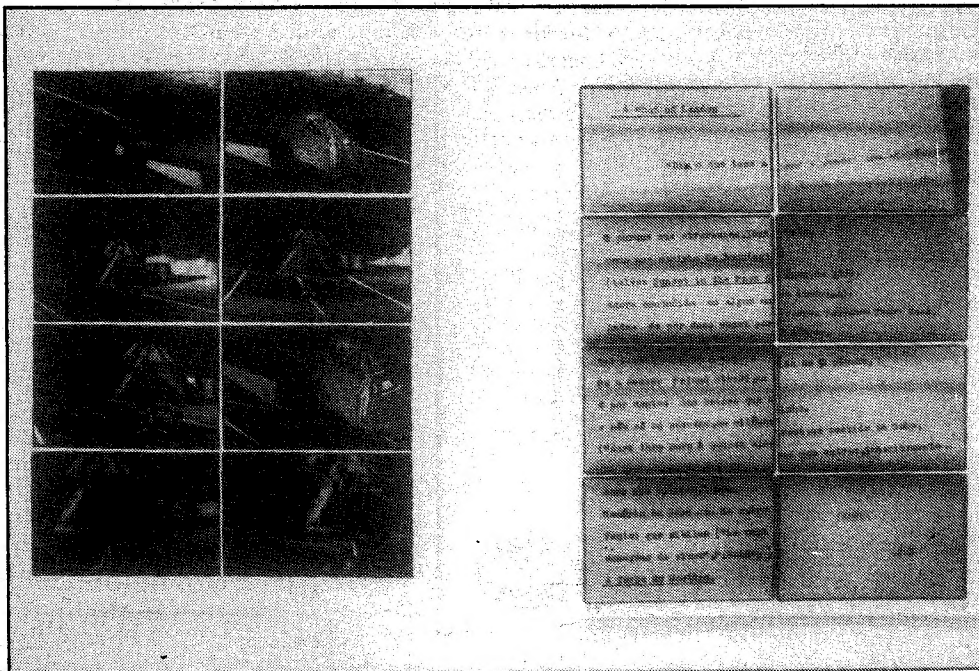
dactilografia). Se do erro (a «falha»/o «lapso») se pode dizer que ele constitui a verdade da escrita, a rasura (essa «segundagem») que vem sobre o poema, acentua o «sintoma» e o sutura) apresenta-se como o seu «corpo» (encarnado) resultante desse contacto com a escrita que a fotografia amplia. Escrita do erro/delito da escrita: verdade do «poema»/«trabalho» da fotografia.

Processo do qual os significantes (os sinais de-caídos) mais perceptíveis são tanto as letras reforçadas (sobretudo as maiúsculas - que salta primeiro à vista) como as omissões (ocasionadas pelas elipses da desconstrução ou pelos efeitos de desnivelamento da folha, os desajustes). Entre o «flou» e a «ampliação» (dois graus, apenas, de «proximidade» - e de «aproximação» - distintos) o que *de-cai* do poema é o *borrão* (por duas vezes, antes de «bêbada» - fotos 4 e 6) que, por assim dizer, marca a fotografia (o seu trabalho de «revelação») no lugar (o do «crime»? o do «delito»? em que «falha» (e se rasura) a escrita.

4. *F-17 A - Avião(-caça) fantasma(s)*. Uma forma de simulação que, devido ao seu «formato» («painéis planos», mais próximos de um «modelo poliédrico», «matemático») e aos seus «materiais» (plásticos e «resinas», estudados para absorver o maior número possível de frequências de radar), porque se confunde com o «ruído de fundo» do radar, tende a tornar-se invisível («o facto de os radares mais modernos possuírem programas computadorizados «inteligentes» que apagam automaticamente dos seus ecrãs o ruído de fundo que captam, (...) faz com que os pequenos sinais reflectidos pelo avião passem completamente

Fernando Guerreiro

Continua na pág. 3





A SUAVE VINGANÇA DE UM COMBATENTE DA LIBERDADE • Albie Sachs

Albie Sachs, advogado sul-africano, branco, defensor destacado dos direitos humanos nos tribunais, militante do ANC, preso, exilado, professor de Direito na Universidade de Southampton, e, depois, na Universidade de Maputo, era, portanto isto, um dos principais alvos dos grupos terroristas. *A Suave Vingança de um Combatente da Liberdade* é um relato que começa no preciso instante em que uma bomba explode no seu carro e ele é projectado; é o relato de uma recuperação tenaz e inteira de um homem que faz do seu amor à vida e à luta e do seu profundo sentido de humor as armas mais eficazes para esta singular e superior «vingança» de continuar vivo, com todas as capacidades intactas, toda a alegria, todo o saber.

ISBN 972-21-0508-6 208pp. 1700\$00

CADA HOMEM É UMA RAÇA • Mia Couto

Inquirido sobre a sua raça, respondeu:
— *A minha raça sou eu, João Passarinheiro.*
Convidado a explicar-se, acrescentou:
— *Minha raça sou eu mesmo. A pessoa é uma humanidade individual. Cada homem é uma raça, senhor polícia.*
(Extracto das declarações do vendedor de pássaros)

ISBN 972-21-0071-8 184pp. 1200\$00

COMBÓIOS RIGOROSAMENTE VIGIADOS • Bohumil Hrabal

Actualmente Bohumil Hrabal é um dos nomes mais prestigiados da literatura checa, com grande repercussão em todo o mundo. O leitor português tem agora à disposição esta célebre, insólita e sagaz história que se chama *Combóios Rigorosamente Vigados*, sem favor uma obra-prima da narrativa contemporânea.

ISBN 972-21-0080-7 76pp. 800\$00

A MÁSCARA • Stanislaw Lem

Na ficção científica não há escritor como o polaco Stanislaw Lem. As suas histórias são sempre de uma labirintica e atraente complexidade e de uma agudeza quase arrepiante no seu humor tão corrosivo e na sua escrita tão imaginativamente rigorosa. Neste livro chamado *«A Máscara»*, repleto de interrogações insidiosas e de mistérios e descobertas sem fim, Lem satisfará plenamente os leitores fascinados dos seus outros livros, dos quais a Caminho de Bolso publicou *«Memórias Encontradas Numa Banheira»* (n.º 1), *«Congresso Futurológico»* (n.º 31) e *«Viagens de Ijon Tichy»* (n.º 45).

ISBN 972-21-0502-7 200pp. 380\$00

SKINWALKERS • Tony Hillerman

«Skinwalkers», palavra realmente intraduzível como o leitor verá, é o título de um livro em que se mistura habilmente a curiosidade muito viva pelo mistério a deslindar com o interesse profundo pelo universo dos índios Navajos, que Hillerman tão bem sabe despojar de qualquer exotismo respeitando a sua singularidade, atendendo às circunstâncias actuais e criando personagens inesquecíveis, como Leaphon e Jim Chee, os seus detectives habituais, que neste livro se cruzam pela primeira vez. «Skinwalkers» é um livro a não perder!

ISBN 972-21-0501-9 198pp. 380\$00

O ÍNDIO NO ARMÁRIO • Lynne Reid Banks

Quando ofereceram a Omri um índio de plástico e um velho armário de casa de banho, pareceu-lhe natural guardar o índio no armário. Porém, não podia imaginar a pesada responsabilidade que assumia ao fazê-lo. A responsabilidade pela vida e segurança de um verdadeiro guerreiro índio, muito pequeno mas muito exigente. A escritora britânica Lynne Reid Banks é autora de livros tanto para adultos como para crianças e jovens. *O Índio no Armário* é decerto o seu título de maior êxito: vendeu mais de um milhão de exemplares na língua original e será proximamente adaptado ao cinema.

ISBN 972-21-0072-6 200pp. 550\$00

O MISTÉRIO DO BOTA D'OURO • Carlos Correia Maria Alberta Menéres Natércia Rocha

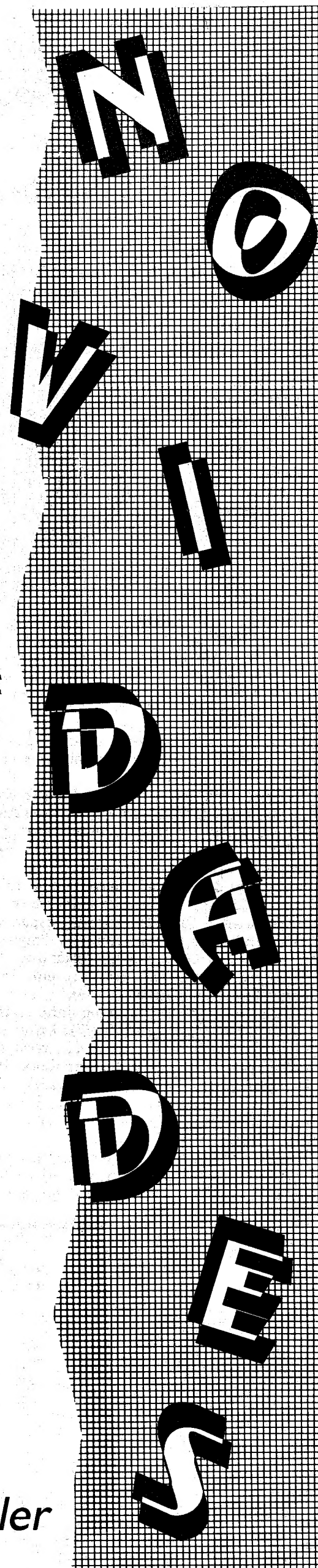
Será verdade que o crime organizado também existe no futebol? Há quem afirme que sim, e há quem diga o contrário. O Gabriel e a Maria David, acompanhados por um jornalista, investigam as razões do rapto de um jogador célebre e chegam a conclusões extraordinárias. No final da história eles convidam o leitor a ser repórter desportivo de um desafio emocionante.

ISBN 972-21-0507-8 132pp. 490\$00

CAMINHO

o prazer de ter bons livros para ler

CDL a distribuição



literário

PERE GIMFERRER

Em número recente, às Letras Catalãs dedicado, e que teve Barcelona como principal centro das atenções, o Magazine Littéraire (Paris, Maio de 1990, n.º 277), apresentando ao público um dicionário de autores - lia-se em subtítulo: «panorama de uma literatura repartida pelo castelhano e o catalão, língua que este dicionário quis privilegiar» - o nome de Pere Gimferrer, na capital catalã nascido em 1945, figurava como sendo: «Autor de uma obra segura, mas desconcertante» a quem a poesia social ou política» de parte dos seus contemporâneos, ou a «revolta ou denúncia», de muitos dos seus pares peninsulares não seduzira, pelo que se trata de uma obra capaz de resistir a toda e qualquer «classificação».

Esta impossibilidade de catalogação é, com efeito, a característica mais em evidência numa poesia essencialmente orientada para temas e processos de linguagem que têm a «intemporalidade» como ponto de referência.

Nesse dicionário, a parte catalã é da responsabilidade de Monserrat Moral Prudon, a castelhana, de Clau-de Couffon, e quer num caso, quer noutro, pressentem-se aí critérios altamente selectivos, que a exiguidade e o espaço disponíveis confirmam.

As afinidade de Gimferrer, cuja criação literária produzida entre 1974 e 1981 deverá ser em breve recolhida sob o título de: «Espelho, Espaços, Aparições», são imputadas a nomes como: Mallarmé, Ezra Pound, Saint-John Perse e Vicente Aleixandre.

Depois de um primeiro livro em 1965, escrito em castelhano, com o título de: *Arde el Mar*, e do Prémio Nacional de poesia no ano seguinte, a que se seguiram: *La Muerte en Beverley Hills* (1967) e *Extraña Fruta* (1968), Pere Gimferrer passa a escrever em catalão a partir de 1969, o que comprova, de certo modo, uma esperada viragem do poeta para o idioma materno, consciente de que todos os poetas escrevem numa língua minoritária. (Cf. entrevista a Jacobo Machover, Magazine Littéraire, de Maio/1990).

Reconhecendo, porém, em que medida a sua poesia partilha da experiência acumulada pela Geração de 1927, sem que isso o proíba de considerar ter a poesia



espanhola conhecido posteriormente sucessivas fases de regressão, Gimferrer põe em relevo a sua proximidade de Octavio Paz, em termos de concepção poética, subscrevendo-a como «forma de conhecimento» somente passível de revelar-se: «(...) através das palavras do poeta, através do poema ele - mesmo, entendido como visão minuciosamente fixada no instante.»

Assim, na linha de pensamento que confere à poesia a possibilidade de conceber a modernidade como tradição, tradição - como diz Paz em *Los Hijos del Limofeita de interrupções, em que cada ruptura é um começo*, Gimferrer explora o seu estatuto de poeta de expressão universal em língua catalã, ao mesmo tempo que alimenta situações tão controversas como a que adopta ao manter-se da Real Academia Espanhola, sem admitir que possa haver incompatibilidade, como já antes dele o fizeram outros, Balaguer, por exemplo, a quem chama patriarca da poesia catalã.

Consultor literário, há largos anos, da Seix-Barral, tem-se dedicado também à crítica e à tradução, e mais recentemente à narrativa, tendo inclusive escrito um romance: *Fortuny*, em que dá conta do seu fascínio pela *Belle époque*, por Proust, e por locais como Paris e Veneza, mostrando-se, segundo diz, incapaz de viver fora de Barcelona.

Na apresentação de: *Apariciones y otros poemas* (livro a

que pertencem os textos aqui traduzidos) Arthur Terry assinala o facto deste volume: «(...) confirmar a impressão de um poeta dotado de recursos verbais extraordinários que o ajudam, com segurança, a dar sequência a uma série de experiências que muitas vezes iludem a forma racional.»

Por último, refira-se que Gimferrer, sem abandonar poeticamente o formulário seguido pela métrica tradicional é, porventura, quem dentro do espaço ibérico tem levado mais longe a aventura moderna, o que comprova a atenção em todo o mundo dada à sua obra poética.

Cinco poemas de Pere Gimferrer

TEMPO

*Nem a compaixão inútil nem a silenciosa pena:
e sabermos nós isso. Assim o espinheiro branco aceita o fim
enquanto espinheiro se perfila contra o vento que mais nu sopra
na noite, sereno, negro, erecto que nem o canavial seu alento*
[ouve.]

INVERNO

*Da névoa próxima, essa pequena noite.
Árvores: árvores permanecem no caminho.
Coagulada luz feita silêncio.
De mim desverterá todo meu ser.*

ARTE POÉTICA

*Não apenas relâmpago:
mas essa fulguração da luz em trânsito.*

ESCULTURA

*Contra a fragilidade do ar, violento é o mármore.
Surdo crepita, enquanto um oculto fogo alimenta:
o espírito que a pedra afronta. Assim, total, uma árvore,
de sombra vestida, se faz luz.*

DESTINO

*Já se faz noite. E ao abrigo da treva, a codorniz, fugaz.
Também o homem. Não fosse inverno: um templo de água e gelo.
Contra o parado céu, ergue-se um grito, ó nua pele!
Como a falena louca que em nosso leito morrerá,
assim a luz, essa inquieta e esmaecida luz, goteja.*

(Apariciones y otros poemas;
Edición bilingüe/ catalão e castelhano; traducción do autor;
colección Visor de Poesía, Madrid, 1982.)

Apresentação e tradução de Vergílio Alberto Vieira

BLOW UP

Continuação da pág. 1

despercebidos») («F-117A - os aviões-fantasmas», art.º de Isabel Salema e José Vitor Malheiros, *O Público*, Agosto/1990).

Álvaro Rosendo executou o seu trabalho sobre um modelo de F-117(A) que comprou e construiu: do lado esquerdo do «cockpit» colou a imagem de uma pin-up que recortou de uma revista (figura nua, vista de costas, musculada, com óculos escuros, luvas negras e sapatos de salto alto - de acordo com a parafernália sado-masoquista). De seguida, fotografou por partes (de um ponto de vista cada vez mais aproximado) o «artefacto» assim produzido.

No painel, se em algumas fotos se processa a divisão (fragmentação) do

modelo (1/2 ou 5/6), noutras pode-se observar a sua reorientação (p. ex., frontal - 3/4); o conjunto tende a evoluir no sentido de uma cada vez maior proximidade que se conduz a um efeito de «esbatimento»/«flou» do «modelo» (realizando, por assim dizer, o seu «devir»/«vontade» de avião-caça-fantasma), por outro, torna também a pin-up (o seu «sinal acrescentado») mais precisa. No cockpit, o piloto (automático?) permanece «ausente» («invisível» ou «omisso»).

Ao fim e ao cabo, é um mesmo o tipo (método) de trabalho que acaba por ser aplicado nos dois casos de fotografia (s). No seu cerne, encontra-se a «curiosidade» (se se quiser, em relação ao «enigma das origens»). Para ver como uma «coisa»

funciona (as crianças sabem-no), não há nada melhor do que desmontá-la: só que depois - aprendêmo-lo também -, não só se revelou o «segredo» (não há outra resposta, aliás, a não ser a do enigma da nossa «insatisfação»/«violência»), nem a «coisa» voltará jamais a ser a «mesma» (com efeito, depois dessa operação, para ser, ela terá mesmo de aceitar ser outra: diferente).

O corpo da pin-up (res-)surge, então, como a prova acrescentada do «delito» da fotografia: o signifiante do que a interroga/inquieta (*Blow up*: o corpo escondido/omisso da fotografia), assim como o emblema que vem no lugar dessa «falta» e que no seu trabalho de «sutura», como «ficção», se con-figura (*Blow job*: a «aura»

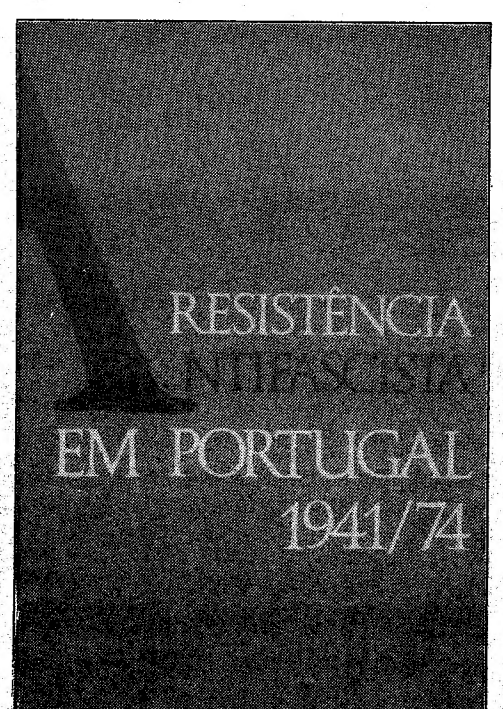
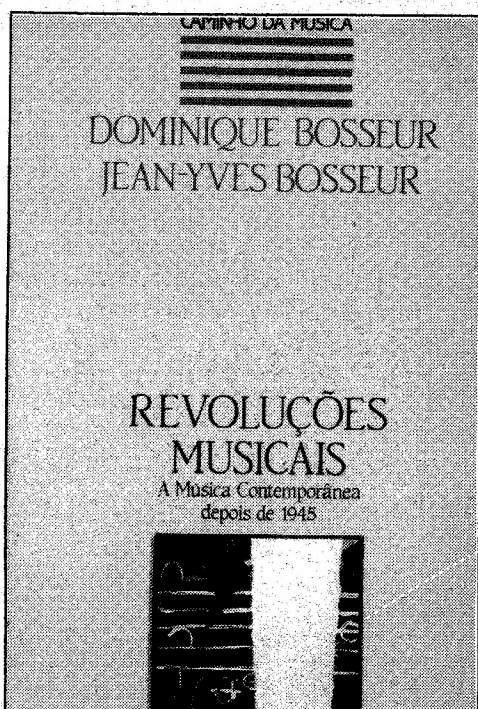
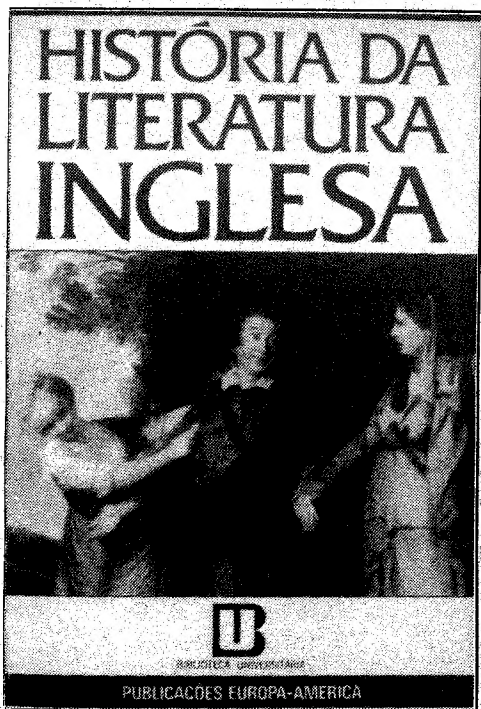
imaginária, restituída).

Podemos portanto dizer que é o trabalho de des-aparição do «artefacto» (seja ele o «poema» ou o modelo do F-117) que, de encontro a esse efeito de «flou» provocado pelo excesso de «proximidade» («ampliação») do «objecto», revela/transporta até nós nas suas asas o corpo duro (a pin-up: o seu «delito», o «imaginário») da fotografia.

Fernando Guerreiro

(*) Os dois painéis com o trabalho de fotografia de Álvaro Rosendo encontram-se na exposição colectiva Verão (1990) que reúne vários autores ligados à actividade da Galeria Monumental: Manuel San Payo, Edgar assul, João Miguel, José Drummond, Mariana Viagas e Miguel Tolentino. Campo dos Músicos da Pátria, n.º 100 (até 23 de Setembro).

literário



ACABADOS DE CHEGAR

História da Literatura Inglesa
Alastair Fowler
Pub. Europa-América

«Poder-se-à pensar que uma história da literatura inglesa é trabalho excessivo para um único volume e ainda maior para um único historiador - lê-se no prefácio. - Mas esta obra justifica-se, em parte, pelo facto de se concentrar, menos ambiciosamente, nas formas literárias. É óbvio que o teor literário sofreu profundas transformações, talvez recuperáveis, ao longo dos séculos...» Para além do prefácio, pleno de referências, afirma-se na contracapa, em síntese, que esta «História da Literatura Inglesa» é mais do que uma crónica de nomes ilustres e das obras que os tornaram famosos. De interesse: «O âmbito cronológico da obra, desde a Idade Média até aos nossos dias, foca especialmente a literatura inglesa, mas desvia-se frequentemente para analisar igualmente autores escoceses, irlandeses, americanos e dos países da Commonwealth. Alastair Fowler é regius professor emeritus da Universidade de Edimburgo. - Tradução e notas de Clarisse Tavares.

Revoluções Musicais
Dominique Bosseur/Jean-Yves Bosseur
Caminho

Uma obra que aborda a Música Contemporânea depois de 1945. Quem os autores...? Dominique Bosseur é professora na Universidade Pascal Paoli de Ajaccio, na Córsega - e Jean-Yves Bosseur, para além de investigador, é, como compositor, autor de «Le temps de la prendre», «Anna Livia's awake», «Labyrinthes» e «Vent d'ouest». Lê-se na introdução: «No vasto labirinto em que se entrecruzam as múltiplas tendências da vida musical a partir do fim dos anos de 1940, uma ideia fulcral parece contudo impor-se com evidência: a da relatividade dos sistemas. Explosões, desaparecimento dos pontos de referência estáveis, mistura das linhas directrices do pensamento musical de hoje: será caso para lamentar que cada ouvinte deva agora trilhar o seu caminho pessoal no dedalo das pesquisas actuais? Esta uma interrogação feita ao leitor interessado - e cuja resposta certamente irá encontrar ao longo dos vinte capítulos que compõem este título. - Tradução de Maria José Bellino Machado.

História da Revolução Francesa (IV)
Michelet
Pub. Europa-América

Conclui-se, com este 4º. volume da «História da Revolução Francesa», a obra sempre consultada de Jules Michelet. Abarcando o período que vai de Junho de 1793 a Julho de 1794, o historiador descreve-nos, com a mestria que os críticos lhe reconhecem, as trágicas mortes de Marat, Danton e Robespierre, figuras míticas da Revolução, a qual, embora modificasse o mundo, acabou por devorar os seus servidores. Em 1853, ao dar por finda a sua investigação de mais de dez anos, dela dizia o próprio autor: «Todas as histórias da Revolução eram até aqui essencialmente monárquicas (umas a favor de Luís XVI, outras a favor de Robespierre). Esta é a primeira republicana, aquela que derrubou os ídolos e os deuses. Da primeira à última página ela teve apenas um herói: o povo.» - Tradução de Maria Gabriela de Bragança.

Resistência Antifascista em Portugal (1941/74)
Dawn Linda Raby
Edições Salamandra

Pode dizer-se que a presente obra é uma das histórias mais completa e pormenorizada da oposição a Salazar. Através do recurso a uma vastíssima documentação e ao testemunho de participantes directos nos acontecimentos, são definidas as atitudes e relatada a acção de liberais, socialistas, comunistas, católicos e militares dissidentes. Pela forma como foi concebida (é a opinião da editora) e pela informação que contém, «trata-se de uma obra de interesse decisivo, não só para historiadores e políticos, como também para estudantes e todos os que queiram conhecer a actividade do movimento antifascista português.» Dawn Raby (referência): Universidade de Toronto, duas bolsas para o estudo agora editado em português, investigações no estrangeiro e no nosso país. - Tradução de Beatriz Oliveira e capa de Marta Figueiredo.

Leituras e ideias

TEMAS POLÉMICOS DA COMUNICAÇÃO

No corolário de quase quarenta anos de actividade técnica e científica, Manuel José Lopes da Silva acaba de reeditar um conjunto de curtos ensaios sob o título *Temas Filosóficos da Comunicação*.

O primeiro elemento de surpresa deste trabalho - que apresenta alterações consideráveis relativamente à primeira edição surgida já há alguns anos - é a articulação por que propugna entre as ciências ditas exactas e a preocupação filosófica, não muito comum entre os especialistas das primeiras, como é o caso do autor. Em segundo lugar, merece também registo a aceção lata em que é assumida a intenção filosófica, com grande abertura a perspectivas familiares das chamadas ciências sociais.

A proximidade dos ensaios (não apenas do seu número, como também da diversidade de assuntos e perspectivas de análise) supera em larga escala o aprofundamento das temáticas, sem quer tal impeça, porém, a clara apresentação das principais preocupações do autor, assim como o escopo do seu pensamento.

Apesar da variedade, os 14 ensaios aqui recolhidos resultam numa forte coerência que consegue mesmo impor-se a uma certa desigualdade dos materiais. Esta coerência emerge logo nas primeiras páginas e, na continuação da leitura, ganha um carácter recorrente que o estilo da obra - ensaios curtos, nalguns casos brevíssimos - torna por vezes um tanto redundante.

São duas as mensagens primordiais que constroem a unidade dos textos apresentados. A primeira, a afirmação da necessidade imprescindível de articular de forma mais operativa a Ciência e a Filosofia. A segunda, a apologia do que é designado

«matriz filosófica fundamentalista», e que mais facilmente poderemos reconhecer no também referido «humanismo cristão» - de inspiração católica, entenda-se (dos «cristãos de recta intenção»).

Na intenção do autor, estas duas teses são perfeitamente solidárias, e a demonstração é apresentada ao longo de dois grandes blocos que estruturam este volume de ensaios. Um primeiro, constituído pelos seis textos iniciais (com a ressalva, talvez, do texto sobre a meteorologia, que destoa um tanto dos restantes do seu grau de exigência), onde a par da divulgação das «mensagens» já referidas, se desenvolve um interessante trabalho didático no que diz respeito ao tratamento de questões técnicas centrais para uma correcta abordagem dos problemas da comunicação.

Num segundo bloco do livro, constituído pelos restantes ensaios, esta preocupação técnica dá lugar a uma abordagem mais orientada para os aspectos sociais da comunicação. A coerência global ganha com esta opção, pois a recorrência das mensagens flui com muito maior facilidade, mas o nível da reflexão sofre algumas oscilações: a seguirançã, a perspicácia e o rigor, tão convincentemente exibidos nos primeiros ensaios, não podem agora ser reeditados com o mesmo êxito.

Tratando-se, sem dúvida, de um desafio indispensável a este trabalho, haveremos de concordar que a ele o autor não se eximiu, nem procurou elidir com qualquer espécie de subterfúgios.

E se é notório, no segundo bloco de ensaios referido, não estarmos perante um especialista das ciências sociais, resulta ainda assim bastante gratificante o nível de problematização conseguido, e surge até da forma mais surpreendente a extrema facilidade com que um pensamento algo «distante» formula com precisão alguns dos grandes problemas com que estas ciências vêm debatendo-se neste

final de século. Isto é particularmente evidente no que diz respeito às questões que mais confinam com a comunicação, e a tal não será estranha toda a dedicação que de há muito o autor reserva a esta área de estudos.

Colocadas as questões neste plano, adensam-se as responsabilidades da reflexão e as matérias dignas de polémica surgem da forma mais clara, por vezes assumindo mesmo aspectos um tanto chocantes.

Se o estilo de ensaio utilizado não é o mais apropriado para redimir grandes polémicas - nalguns casos, verdadeiras querelas que de há muito vêm flagelando a nossa cultura -, algumas questões permanecem no entanto em tão grande levitação que não poderão deixar de se apresentar como um novo desafio para o autor.

Por esclarecer fica, por exemplo, a verdadeira razão de ser da crítica acintosa a Sartre e a apologia incontida de um Gabriel Marcel. A propósito da questão ética, sem dúvida da maior importância para o debate actual sobre a comunicação, a simples alusão à «justiça e caridade cristã» surge insuficiente para sustentar a «ética de fundamentação transcendente da clara e luminosa proposta da Igreja Católica». E, de igual modo, o trabalho superficial de discussão de algumas das mais significativas propostas do pensamento moderno sobre a questão ética - a ética racional, a utilitária, a hedonista ou a da responsabilidade - não é dimensionado aos ambiciosos resultados apresentados: a refutação liminar de todas estas mesmas propostas.

Como é óbvio, não está em causa a possibilidade de afirmar o «contributo de uma perspectiva personalista da comunicação, que se radica na vivência de um humanismo cristão, que contempla o homem integral, com a sua origem e o seu destino, a morte e a redenção». (p. 87) Mas se o posicionamento assumido é de facto

de ordem filosófica, como o título da obra firma, ou científica, como o conteúdo dos artigos promete, existe um trabalho decisivo que fica apenas prometido. Como seja, a fundamentação do estatuto teológico como função social primordial da comunicação, da liberdade humana enquanto prática de culto ou exercício de fé sujeito ao único juízo do Criador (cf. p. 103), ou ainda a consideração da personalidade e da «sociabilidade natural do homem» como «participação da luz da inteligência de Deus» que nos dá a «conhecer e amar o Seu Criador e a comunicar (ainda que imperfeitamente) como Ele». (p. 97)

Num plano teológico, estas serão questões sobre as quais, porventura, pouco mais seria necessário dizer, mas nos planos filosófico e científico apenas podem ser entendidas como enunciados para futura reflexão, servida por um nível de argumentação sensível às formas do difrendo, que questione de modo mais concludente o problema da autonomia científica, dos regimes discursivos próprios dos diferentes planos da reflexão humana e procure encontrar estatuto próprio para cada um deles.

E também por isso, este trabalho vale sobretudo pela originalidade da proposta que nos deixa e pelos grandes desafios que nos lança - e que o seu autor, por certo, não deixará de partilhar.

Nesta edição destoa dos diversos atributos referidos um certo descuido na apresentação, em particular a ausência de índice e a falta de identificação dos artigos no que diz respeito à data e circunstâncias da sua primeira apresentação pública - que para além do óbvio rigor, em certos casos se mostra mesmo essencial à compreensão de determinadas alusões dos textos.

(Manuel José Lopes da Silva, *Temas Filosóficos da Comunicação, Rei dos Livros, 1990, 329 págs.*)
João Pissarra